CARTAS

DE

HUMA PERUVIANA,

TRADUZIDAS DO FRANCEZ

NA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

HUMA SENHORA.

LISBOA, M. DCCCII.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA,

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

INTRODUCÇÃO HISTORICA Á S CARTAS PERUVIANAS.

NÃo ha Povo, cujos conhecimentos, a respeito da sua origem, e da sua antiguidade, sejão tão limitados como os Peruvianos. Os seus Annaes apenas encerrão quatro seculos.

Mancocapac, segundo a tradição destes Póvos, foi o seu Legislador, e o seu primeiro Inca. O Sol, que chamavão seu Pai, e que o adoravão como seu Deos, penetrado da barbaridade, em que vivião, havia tão longo tempo, enviou-lhes do Ceo dois dos seus Filhos, hum Filho, e huma Filha, para lhes darem Leis, e os obrigarem a edificarem Cidades, a cultivarem a terra, e a virem a ser homens razoaveis.

He a Mancocapac, e a sua mulher Coya-Mama-Ooello-Huaco, que

os Peruvianos devem os principios, os costumes, e as artes, que os tinhão constituido hum Povo feliz, quando a avareza do seio de outro continente, de que elles não suppunhão a existencia, lançou sobre as suas terras os tyrannos, cuja barbaridade faz o opprobrio da humanidade, e o horror daquelle seculo.

Não podião chegar os Hespanhóes ao Perú em hum tempo mais opportuno, e propicio para elles. Fallava-se, havia alguns tempos, de hum antigo Oraculo, o qual predizia, que depois de hum certo número de Reis, chegarião ao seu Paiz huns homens extraordinarios, que destruirião o seu Imperio, e a sua Religião.

Ainda que a Astronomia fosse hum dos principaes conhecimentos dos Peruvianos, assustavão-se dos prodigios, como outros muitos Póvos. Tres circulos, que tinhão visto de roda da Lua, e sobre tudo alguns Cometas, tinhão espalhado o terror entre elles: huma aguia perse-

seguida por outros passaros, o mar sahindo dos seus limites, tudo em fim confirmava o Oraculo tão infallivel, como funesto.

O primogenito do setimo dos Incas, cujo nome predizia na lingua Peruviana a fatalidade da sua época (*a*), tinha visto em outro tempo huma figura muito differente daquella dos Peruvianos; com a barba comprida, hum vestido que cobria o espectro até aos pés, conduzindo á sua vontade hum animal desconhecido; tal visão assustou o joven Principe, a quem o fantasma disse, que elle era filho do Sol, irmão de Mancocapac, e que se chamava Viracocha.

Esta fábula ridicula se tinha infelizmente conservado entre os Peruvianos; logo que vírão os Hespanhóes com barbas compridas, as pernas cobertas, montados em animaes, cuja especie desconhecião, per-

---

(*a*) Chamava-se Yahuarhuocac, que significa literalmente chora sangue.

persuadírão-se vêr nelles os filhos de Viracocha, que se tinha dito filho do Sol; este foi o motivo, pelo qual o Usurpador se fez annunciar pelos seus Embaixadores debaixo do titulo de descendente do Deos, que adoravão.

Tudo se curvou diante dos Hespanhóes: a plebe he por toda a parte plebe. Forão reconhecidos quasi geralmente por Deoses, cujo furor não foi possivel aplacallo, nem com dadivas as mais preciosas, nem com as submissões as mais humiliantes.

Os Peruvianos, tendo percebido que os cavallos dos Hespanhóes mastigavão os freios, imaginavão que estes monstros domados, que participavão do seu respeito, e póde ser do seu culto; se nutrião de metaes: hião procurar todo o oiro, e prata, que possuião, para lho offerecer. Faz-se menção deste facto, para demonstrar qual era a crudelidade dos habitantes do Perú, e a facilidade, que achárão os Hespanhóes para os seduzir.

De

De nada servião aos Peruvianos as submissões, que tributavão aos seus tyrannos; tinhão deixado vêr as suas immensas riquezas, e não podião obter piedade da sua avareza.

Todo hum Povo submisso, e supplicando piedade, foi passado á espada. Todos os direitos da humanidade, violados, deixárão os Hespanhóes senhores absolutos dos thesouros de huma das mais bellas partes do Mundo. *Mecanicas victorias!* (exclama *Montagne*, recordando-se do vil objecto destas conquistas) *já mais a ambição*, diz elle, *já mais as iniquidades públicas incitárão os homens huns contra os outros a tão horriveis hostilidades, ou a calamidades tão miseraveis.*

Forão deste modo os Peruvianos as tristes victimas de hum Povo avaro, que ao principio lhes testemunhou a boa fé, e mesmo amizade. A ignorancia dos nossos vicios, e a pureza dos seus costumes, os lançou em os braços dos seus vis inimigos.

Es-

Espaços infinitos em vão tinhão separado as Cidades do Sol do nosso continente; ellas vierão a ser a preza, e o dominio mais precioso.

Que espectaculo era este para os Hespanhóes, o verem os jardins do Templo do Sol, que as arvores, os fructos, e as flores erão de oiro, trabalhadas com huma arte desconhecida na Europa! As paredes do Templo erão revestidas do mesmo metal, hum número infinito de estatuas cobertas de pedras preciosas, e quantidade de outras riquezas desconhecidas até aquelle tempo, cegárão os Conquistadores deste desgraçado Povo; e dando huma livre execução ás suas crueldades, esquecêrão-se que os Peruvianos erão homens.

Huma breve analyse dos costumes destes Póvos infelices, como a que se acaba de fazer dos seus infortunios, terminará a Introducção, que tem parecido necessaria ás Cartas seguintes.

Estes Póvos erão geralmente francos,

cos, e humanos: o zelo, que tinhão pela sua Religião, os fazia rígidos observadores das Leis, que se persuadião ser instituição de Mancocapac, filho do Sol, que adoravão.

Bem que este Astro fosse o unico Deos, a quem tinhão erigido Templos, reconhecião acima delle hum Deos creador, que chamavão Pachacamac; este nome era o mais sagrado. A palavra Pachacamac pronunciava-se raras vezes, e com sinaes de admiração, e da maior reverencia. Tambem tinhão muita veneração pela Lua, que reputavão Mulher, e Irmã do Sol, Mãi, e origem de todas as cousas; persuadião-se, como todos os Indios, que este Astro occasionaria a destruição do Mundo, deixando-se cahir sobre a terra, que o anniquilaria pela sua quéda. O Trovão, que chamavão Yolpor, os Relampagos, e os Raios, passavão entre elles por Ministros do Sol; esta idéa não contribuio pouco para o santo respeito, que lhes inspirárão os primeiros

Hes-

Hespanhóes, dos quaes as armas de fogo lhes parecião instrumentos do Trovão.

A opinião da immortalidade da Alma estava estabelecida entre os Peruvianos; elles crião, como a maior parte dos Indios, que a Alma passava a lugares desconhecidos, para alli ser recompensada, ou punida, segundo o seu merecimento.

O oiro, e tudo o que tinhão de mais precioso, compunhão as offertas, que fazião ao Sol. O Raymi era a principal festa deste Deos, ao qual apresentavão em huma taça o Mais, especie de licor forte, que extrahião de huma das suas plantas, de que bebião depois do sacrificio até se embebedarem.

Em o magnifico Templo do Sol havião cem portas. O Inca Reinante, que se chamava o Capa Inca, tinha só direito de as fazer abrir; e só a elle pertencia o penetrar no interior do Templo.

As Virgens consagradas ao Sol
alli

alli erão educadas quasi desde o seu nascimento, debaixo da conducta das suas Mamas, ou Governantes, guardavão huma perpetua virgindade, em quanto as leis as não destinassem a desposar-se com os Incas, que devião unir-se a suas Irmãs, ou na sua falta, á primeira Princeza de sangue Real, que fosse Virgem do Sol. Huma das principaes occupações destas Virgens era trabalharem nos Diademas dos Incas, cuja riqueza consistia em huma especie de franja.

O Templo era ornado dos differentes Idolos dos Póvos, que os Incas tinhão submettido, e constrangido a adoptar o culto do Sol. A riqueza dos metaes, e das pedras preciosas, de que estava embellecido, o fazião de huma magnificencia, e de hum esplendor digno do Deos, que alli adoravão.

A obediencia, e o respeito dos Peruvianos pelos seus Reis, era fundada sobre a opinião, que tinhão de que o Sol era Pai daquelles Princi-

pes;

pes; mas a inclinação, e o amor, que lhes tinhão, era o fructo das suas proprias virtudes, e da equidade dos Incas.

Educava-se a mocidade com todos os cuidados, que exigião a feliz simplicidade do seu moral. A subordinação não atemorizava os espiritos, porque se demonstrava a sua necessidade desde a infancia, sem que a tyrannia, e o orgulho tivessem alli parte alguma. A modestia, e o muito respeito erão os primeiros fundamentos da educação das crianças; aquelles, que erão encarregados de os instruir, attentos a corrigir os seus primeiros defeitos, reprimião o progresso de huma paixão nativa (*a*), ou a dirigião em beneficio da sociedade. Destas virtudes suppõe-se muitas outras. Para dar huma idéa das dos Peruvianos, basta dizer, que antes de alli chega-

(*a*) Vêde as ceremonias, e costumes Religiosos. Dissertações sobre os Pόvos da America, Cap. 13.

garem os Hespanhóes, passava por verdade incontestavel, que nenhum Peruviano tivesse já mais mentido.

Os Amutas, Filosofos desta Nação, ensinavão á mocidade as descobertas, que se fazião nas Sciencias. A Nação estava no seu principio a este respeito; mas gozava em toda a força da sua felicidade.

Os Peruvianos tinhão menos conhecimentos das Artes, e Sciencias, que nós temos; porém sabião assás, para lhes não faltar cousa alguma necessaria.

Os Quapas, ou os Quipos (*a*) lhes substituião a nossa arte de escrita. Huns cordões de algudão, a que atavão outros de diversas côres, e lhes davão nós de distancia em distancia, representavão deste modo os seus pensamentos; e servião-lhes de Annaes, de Codigos, e de Rituaes, &c.

Tinhão Officiaes públicos, a que cha-

(*a*) Os Quipos do Perú estavão tambem em uso entre muitos Póvos da America meridional.

chamavão Quipocamaios, a quem se confiava a guarda dos Quipos. As finanças, as contas, os tributos, em summa todas as combinações, e todos os negocios erão tratados com tanta facilidade por meio dos Quipos, como poderião fazer com o uso da escrita.

Segundo as Leis do sabio Mancocapac, a cultura da terra tinha vindo a ser sagrada; fazia-se em commum, e os dias deste trabalho erão reputados de festa. Canaes de huma extensão immensa distribuião por toda a parte a fertilidade. Mas o que póde a penas conceber-se, he, que sem algum instrumento de ferro, nem de aço, e sómente á força de braços, os Peruvianos podessem romper rochedos, dividir altissimas montanhas, para conduzirem os soberbos aqueductos, e as estradas necessarias em todo o seu Paiz.

Sabião Geometria no Perú, quanta era necessaria para a divisão, e medida das terras. A Medicina lhes era totalmente desconhecida, ainda

que

que tinhão o uso de alguns segredos para certas molestias particulares. Garcilasso diz que elles tinhão huma sorte de Musica, e mesmo hum genero de Poesia. Os seus Poetas, chamados Hafavec, compunhão huma especie de Tragedias, ou Comedias, que os filhos dos Caciques, ou dos (*a*) Coracas (*b*) representavão em tempo de festa, diante dos Incas, e de toda a Corte.

O moral, e a sciencia das leis úteis ao bem da sociedade erão as unicas cousas, em que os Peruvianos tinhão feito progressos. *He preciso confessar*, (*c*) (diz hum Historiador) *que tem feito cousas tão maravilhosas, e estabelecido huma tão sábia Policia, que poucas Nações podem louvar-se de tellos excedido neste genero.* CAR-

(*a*) Caciques, especie de Governadores de Provincia.

(*b*) Soberanos de hum pequeno Paiz: não se apresentavão já mais diante dos Incas, e das Rainhas, sem lhes offerecer hum tributo das curiosidades, que produzia a Provincia, que governavão.

(*c*) Pufendorff, Introducção á Historia.

CARTAS
DE
HUMA PERUVIANA.

CARTA I.

AZA! meu amado Aza! os gritos da tua terna Zilia, semelhantes ao vapor da manhã, se exhalão, e se dissipão antes de chegarem a ti: em vão te chamo em meu soccorro; em vão espero, que tu venhas quebrar as cadêas da minha escravidão: ai de mim! as infelicidades, que ignoro, serão as mais terriveis! póde ser que os teus males excedão os meus!

A Cidade do Sol, entregue ao fu-

furor de huma Nação barbara, merece que por ella derrame as minhas lagrimas; mas tu és, Aza, tu és o objecto da minha afflicção, e da minha desesperação.

Qual tem sido a tua sorte neste tumulto horroroso, minha amada vida? o teu valor ter-te-ha sido funesto, ou inutil? cruel alternativa! mortal inquietação! oh meu amado Aza! sejão salvos os teus dias, e o meu ser succumba, se he preciso, debaixo dos males, que me opprimem!

Depois do momento terrivel, (que deveria ter sido arrancado da cadêa do tempo, e sepultado em o abismo do nada) depois do momento de horror, em que estes impios Selvagens me roubárão ao culto do Sol a mim mesma, ao teu amor; retida em huma estreita prizão; privada de toda a communicação com os nossos Cidadãos; ignorando a lingua destes homens ferozes, de quem supporto os ferros; experimento os effeitos de huma sorte adversa, sem

que possa conhecer a causa. Submergida em hum abismo de obscuridade, os meus dias são semelhantes ás noites mais espantosas.

Os meus roubadores não se commovem, nem das minhas lagrimas, nem dos meus gemidos; surdos á minha linguagem, elles o são igualmente aos gritos da minha desesperação.

Qual he o Povo assás feroz, que não se enterneça aos sinaes d'affiicção? Que árido deserto tem visto nascer humanos insensiveis á voz da afflicta natureza dos barbaros! senhores do Yalpor (*a*), soberbos com o poder de exterminar; a crueldade he a unica guia das suas acções. Aza! que asylo acharás contra o seu furor? onde estás? que fazes? se amas a minha vida, instrui-me do teu destino.

Ai de mim! quanto o meu destino está mudado! he possivel que os dias, tão semelhantes entre si, te-

(*a*) Nome do Trovão.

tenhão , em relação a nós , huma differença tão funesta ? o tempo corre , as trévas succedem á luz , não se observa algum desarranjo èm a natureza ; e eu da suprema felicidade tenho cahido no horror da desesperação , sem que algum intervallo me tenha conduzido a esta terrivel passagem.

Tu o sabes , oh delicias do meu coração ! que este dia terrivel , este dia para sempre espantoso , devia illuminar o triunfo da nossa união. Apenas este dia tão desejado principiava a apparecer , que impaciente de executar hum projecto , que a minha ternura me tinha inspirado durante a noite , corro aos meus Quipos (*a*) ; e aproveitando-me do si-

---

(*a*) Hum grande número de pequenos cordões de differentes côres , de que os Incas se servem , em falta da escrita , para fazerem o pagamento das Tropas , e a numeração do Povo. Alguns Authores querem , que lhes sirvão tambem para transmittirem á Posteridade as acções memoraveis dos Incas.

silencio, que reinava ainda no Templo, apressei-me a atallos, esperançada, que, com o seu soccorro, faria immortal a historia do nosso amor, e da nossa felicidade.

A' proporção que eu trabalhava, a empreza me parecia menos difficil: este maço innumeravel de cordões vinha a ser debaixo dos meus dedos huma pintura fiel das nossas acções, e dos nossos sentimentos, como era outras vezes interprete dos nossos pensamentos, durante os longos intervallos, que passavamos sem nos ver.

Entregue á minha occupação, o tempo corria insensivelmente para mim, quando hum rumor confuso despertou o meu espirito, e fez sobresaltar o meu coração.

Pensei que o momento feliz era chegado, e que as cem portas (*a*) se abrião para dar huma livre pas-

sa-

(*a*) No Templo do Sol havia cem portas: o Inca só tinha o poder de as fazer abrir.

sagem ao Sol dos meus dias ; escondi apressadamente os meus Quipos debaixo de hum pano do meu vestido , e corri ao teu encontro.

Mas que horrivel espectaculo se offereceo aos meus olhos ! já mais a sua terrivel lembrança se riscará da minha memoria.

O pavimento do Templo ensanguentado , a imagem do Sol pisada aos pés , Soldados furiosos perseguindo as nossas Virgens espavoridas , massacrando tudo quanto se lhes oppunha á sua passagem ; as nossas Mamas (*a*) expirando debaixo dos seus golpes , das quaes os vestidos ardião ainda com o fogo do seu trovão ; os gemidos do espanto , os gritos do furor , derramando por toda a parte o terror , e o medo , me privárão de todo o sentimento.

Tornando aos meus sentidos , achei-me , por hum movimento natu-

(*a*) Especie de Governantes das Virgens do Sol.

tural, e quasi involuntario, posta detraz do altar, que eu tinha abraçado. Immovel pelo medo, d'alli via passar aquelles barbaros; o temor de ser descoberta delles suspendia a minha respiração.

Observei que afrouxavão os effeitos da sua crueldade ao espectaculo admiravel dos preciosos ornamentos do Templo; que a mão daquelles, cujo esplendor mais os feria, arrancava até as laminas de oiro, de que as paredes estavão revestidas. Julguei que o roubo era o motivo da sua barbaridade, e que não me oppondo poderia fugir das suas mãos. Resolvi-me a sahir do Templo, para me fazer conduzir ao teu Palacio, e pedir ao Capa Inca (*a*) soccorro, e hum asylo para as minhas companheiras, e para mim; aos primeiros movimentos, que fiz para fugir, senti prender-me. Oh meu amado Aza! tremo ainda! aquelles ímpios atrevêrão-se com as suas mãos sa-

(*a*) Nome generico dos Incas Reinantes.

sacrilegas a profanarem a filha do Sol.

Arrancada da morada sagrada, arrastada ignominiosamente fóra do Templo, vi, pela primeira vez, a cimalha da porta celeste, que eu só devia passar com os ornamentos Reaes (*a*). Em lugar das flores, que devião ser espalhadas debaixo dos meus passos, vi os caminhos cobertos de sangue, e de moribundos; em lugar das honras do Throno, que eu devia participar comtigo, escrava da tyrannia, fechada em huma estreita prizão, o lugar, que occupo no Universo, he limitado á extensão do meu ser. Huma esteira, banhada com as minhas lagrimas, recebe o meu corpo fatigado pelos tormentos da minha alma; mas, oh amavel arrimo da minha vida! quanto me será facil supportar tantos males, se eu souber que tu existes.

En-

(*a*) As Virgens consagradas ao Sól entravão em o Templo pouco depois do seu nascimento, e sahião só no dia do seu casamento.

Entre esta horrivel desordem, não sei porque feliz acaso tenho conservado os meus Quipos. Eu os possuo, meu amado Aza! actualmente he o unico thesouro do meu coração, pois que servirá de interprete ao teu amor, assim como ao meu; os mesmos nós, que te informarem da minha existencia, mudando de fórma nas tuas mãos, me instruiráõ da tua sorte. Ai de mim! porque via os poderei fazer chegar ás tuas mãos? porque modo me tornaráõ a ser entregues? eu o ignoro; porém o mesmo sentimento, que nos inspirou o seu uso, poderá suggerir-nos o meio de enganar os nossos tyrannos. Qual quer que seja o Chaqui (*a*) fiel, que te levar este precioso deposito, não cessarei de invejar a sua felicidade. Elle te verá, meu bem! daria eu todos os dias, que o Sol me destina, só por gozar hum momento da tua presença. Elle te verá, meu amado Aza! o som da tua

voz

(*a*) Mensageiro.

voz penetrará a sua alma de respeito, e de temor; e penetraria a minha de alegria, e de felicidade.

Vêr-te-ha: seguro da tua vida, elle a abençoará na tua presença. Em quanto abandonada á incerteza, a impaciencia de que torne a voltar, desecará o sangue nas minhas vêas. Oh meu amado Aza! todos os tormentos das almas ternas estão juntos no meu coração; hum momento da tua vista os dissiparia: eu dera a minha vida para gozar delle.

CARTA II.

ESpalhe para sempre a sua sombra a arvore da vida sobre a familia do piedoso Cidadão, que recebeo debaixo da minha janella o mysterioso tecido dos meus pensamentos, e que o entregou nas tuas mãos! prolongue Pachacamac (*a*) os seus annos por premio do divino prazer, que me pr curou, entregandome a tua resposta.

Os thesouros de amor estão abertos para mim: gozo huma alegria, que arrebata a minha alma. Desenvolvendo os segredos do teu coração, o meu sente a impressão da ternura mais delicada. Tu vives, e as cadêas, que nos devem unir em sa-

(*a*) O Deos creador, mais poderoso que o Sol.

sagrado vinculo, não estão quebradas. Tanta felicidade era objecto dos meus desejos, porém não o das minhas esperanças.

Esquecida de mim, o meu temor era só pela tua vida, agora que sei que está livre do perigo, já não vejo mais infelicidades. Tu me amas: sinto renascer no meu coração o extincto prazer. Gozo com transporte da deliciosa satisfação de agradar áquelle, a quem amo; porém não me esqueço, que te sou devedora de tudo quanto te dignas approvar em mim. Assim como a rosa tira dos raios do Sol a sua purpurea côr, do mesmo modo, se tu achas no meu espirito, e nos meus sentimentos alguma cousa digna de estimação, são effeitos do teu sublime modo de pensar: nada me resta mais, que a minha ternura.

Se tu fosses hum homem ordinario, eu ficaria submergida na ignorancia, a que he condemnado o meu sexo: a tua alma superior aos costumes, despresou os abusos, franquean-

queando-me os meios de me fazer digna de ti. Tu não podestes tolerar, que hum ente semelhante a ti fosse limitado á humilde vantagem de dar a vida á tua posteridade. Quizestes, que os nossos divinos Amautas (*a*) ornassem o meu entendimento com a sua sublime sciencia. Mas, ó luz da minha vida! poderia eu resolver-me abandonar a minha tranquilla ignorancia pela penivel occupação do estudo? sem o excessivo desejo de merecer a tua estimação, a tua confiança, o teu respeito, por virtudes, que avivão o amor, e que o fortificão, eu ficaria sendo o objecto dos teus olhos; e bem depressa a ausencia me riscaria da tua lembrança.

Ah! se ainda me amas, porque razão estou eu ainda na escravidão? quando lanço a vista sobre as paredes do meu carcere, a minha alegria desapparece, e recaio no meu antigo temor. Não te roubárão a liber-

(*a*) Filosofos Indios.

berdade; e não vens soccorrer-me! tu estás instruido da minha sorte, e ella não está mudada! não, meu amado Aza, este Povo feroz, a que chamas Hespanhol, não te deixa tão livre, como tu o pensas. Vejo tantos sinaes de escravidão nas honras, que te prodigalizão, como na prizão, em que me tem.

A tua bondade te seduz; tu confias nas promessas, que estes barbaros te fazem pelo seu interprete, porque as tuas palavras são invioIaveis; mas eu, que não entendo a sua lingua, e que elles não me reputão digna de ser enganada, descirno pelas suas acções o que elles verdadeiramente são.

Os teus vassallos os estimão como Deoses, submettem-se ao seu partido: oh meu Aza! desgraçado o Povo, a quem o temor guia! livra-te deste erro, desconfia da falsa bondade destes Estrangeiros. Abandona o teu Imperio, pois que Viracocha predisse a sua destruição. Compra a tua vida, e a tua liber-

da-

dade, cedendo o teu poder, a tua grandeza, e os teus thesouros; não nos ficará mais, que os dons da natureza, e a nossa vida ficará em segurança.

Ricos pela possessão dos nossos corações, grandes pelas nossas virtudes, poderosos pela nossa moderação; gozaremos debaixo de huma cabana das maravilhas do Ceo, das bellezas da terra, e da nossa ternura. Tu serás mais soberano reinando sobre a minha alma, do que reinando sobre hum Povo innumeravel, duvidando da sua fidelidade. A minha submissão ás tuas determinações te fará gozar sem tyrannia da bella prerogativa de commandar. Obedecendo-te farei resoar o teu Imperio com meus canticos de alegria: o teu Diadema (*a*) será sempre a obra das minhas mãos; não perderás da tua dignidade Real mais, que os cuidados, e as fadigas.

Quan-

(*a*) O Diadema dos Incas era huma especie de franja. Esta era obra das Virgens do Sol.

Quantas vezes, minha vida, te queixastes dos deveres do teu sublime cargo? aborrecido do ceremonial das tuas visitas, quantas vezes tens invejado a sorte dos teus vassallos? tu desejavas existir só para mim; temerás presentemente privar-te de tanta sujeição? não sou aquella Zilia, que terias preferido ao teu Imperio? não, não o posso crer: o meu coração não está mudado, porque o ha de estar o teu?

Eu amo, e vejo sempre o mesmo Aza, que reinou na minha alma, desde o primeiro instante que o vi; recordo-me daquelle dia feliz, em que teu Pai, meu Soberano Senhor, te fez participar, pela primeira vez, do poder só a elle reservado, de entrar no interior do Templo (*a*); representa-se-me o gracioso espectaculo das nossas Virgens juntas, cuja belleza recebia hum novo lustre pela fórma encantadora, com que

(*a*) O Inca Reinante tinha só o privilegio de entrar no Templo do Sol.

que estavão postas em ordem, semelhantes ás flores de hum jardim, que pela symmetria, com que estão distribuidas, realça a sua formosura.

Tu appareceste entre nós, como o Sol ao nascer, cuja terna luz prepara a serenidade de hum bello dia: o fogo dos teus olhos espalhava sobre as nossas faces o colorido da modestia: huma ingenua confusão embaraçava o nosso tímido olhar, em os teus olhos fusilavão raios de alegria; já mais tinhas encontrado tantas bellezas juntas. Nós não tinhamos visto outro homem senão o Capa-Inca: a admiração, e o silencio reinavão em toda a parte. Eu não sei qual fossem os pensamentos das minhas companheiras; porém, de que sentimentos não foi assaltado o meu coração! palpitava pela primeira vez, sentia a perturbação, a inquietação, e ao mesmo tempo o prazer. Confusa das agitações da minha alma, hia esconder-me da tua vista; mas tu voltaste os teus passos para mim: e o respeito me deteve.

Oh meu amado Aza! a lembrança daquelle primeiro momento da minha felicidade sempre me será deliciosa. A tua voz sonora, unida ao canto melodioso dos nossos hymnos, fez sentir nas minhas veias aquelle agradavel extremecimento, e o santo respeito, que nos inspira a presença da Divindade.

Trémula, attonita, a timidez me tinha privado do uso da voz; animada em fim pela doçura das tuas palavras, atrevi-me a levantar os meus olhos para ti, e encontrei os teus. Não, a mesma morte não riscará da minha memoria os ternos movimentos das nossas almas, que se encontrárão, e se confundírão no mesmo instante.

Se podessemos duvidar da nossa origem, meu amado Aza, este raio de luz bastaria para a fazer conhecer. Qual outro principio, senão o do Sol, teria podido transmittir-nos esta viva intelligencia dos corações, communicalla, e sentilla com huma rapidez inexplicavel.

Eu

Eu era assás ignorante sobre os effeitos de amor para não me enganar. Tendo a imaginação cheia da sublime Theologia dos nossos Cucipatas *(a)*, imaginei que o fogo, que me animava, fosse huma agitação divina, que o Sol manifestando-me a sua vontade por teu meio, me escolhia por sua esposa *(b)*: eu suspirei; e consultando o meu coração, depois da tua partida, só nelle achei impressa a tua imagem.

Que metamorfose, amado Aza, tinha produzido em mim a tua presença! todos os objectos me parecêrão novos, persuadi-me ver as minhas companheiras pela primeira vez. Oh quanto me parecêrão bellas! não pude tolerar a sua presença. Retirada a hum lugar separado, abandonava-me á agitação do meu espirito, quando huma d'ellas veio distrahir-me do meu extasi, dando-me novos motivos para nelle recahir.

(*a*) Padres do Sol.

(*b*) Havia huma Virgem escolhida para o Sol, a qual não devia casar.

Disse-me que sendo tua proxima parenta, estava destinada a ser tua Esposa, logo que a minha idade permittisse esta união.

Eu ignorava as leis do teu Imperio (*a*); porém depois que te vi assás illuminado, estava o meu coração para deixar de possuir a idéa da felicidade de ser tua. Com tudo, longe de lhe conhecer todo o valor, costumada ao sagrado nome de Esposa do Sol, limitei toda a minha esperança a ver-te todos os dias, a adorar-te, e a offerecer-te votos como a elle mesmo.

Foste tu, amado Aza, foste tu quem depois encheste a minha alma de satisfação, fazendo-me saber que o augusto gráo de tua Esposa me faria participante de teu coração, do teu trono, da tua gloria, e das tuas virtudes; que de con-

---

(*a*) As leis dos Indios obrigavão os Incas a desposarem suas Irmãns, e quando as não tinhão, a receberem por mulher a Princeza do sangue dos Incas, que fosse Virgem do Sol.

continúuo gozaria d'aquella conversação, que orna o meu espirito da perfeição da tua alma, e que juntava á minha felicidade a agradavel esperança de fazer hum dia a tua.

Quanto era para mim de lisongeiro, oh meu amado Aza, o verte tão impaciente contra a minha pouca idade, que tanto retardava a nossa união! estes dois annos, que tem passado, assás te parecêrão longos, e com tudo a sua duração tem sido breve! ai de mim! o momento feliz era chegado. Que fatalidade o tem feito tão funesto? que Deos cruel persegue deste modo a innocencia, e a virtude? oh que poder infernal nos tem separado de nós mesmos? o horror me assalta, o meu coração se despedaça, as minhas lagrimas inundão a minha obra. Aza! meu amado Aza!....

CARTA III.

TU és, amada luz dos meus dias, tu és quem me tornas a dar vida consentiria eu em conservalla, se não estivesse persuadida que a morte de hum só golpe cortaria os teus dias; e os meus? eu cheguei ao momento em que hia extinguir-se a faisca do fogo divino, com que o Sol anima o nosso ser: a officiosa natureza já se dispunha para dar outra fórma á porção da materia, que a meu respeito lhe pertence; eu estava morrendo: e tu perderias metade de ti mesmo, se o meu amor me não restituisse a vida, da qual te faço hum sacrificio. Como poderei instruir-te das cousas admiraveis, que me tem acontecido? como recordarei as idéas inteiramente confusas, no mesmo instante em que el-

ellas me fizerão impressão, e que o muito tempo, que tem passado depois, as tem feito mais intelligiveis?

Apenas tinha eu confiado, oh meu amado Aza, ao nosso fiel *Chaqui* o ultimo tecido dos meus pensamentos, ouvi hum grande rumor na nossa habitação: perto da meia noite, dois dos meus raptadores vierão ao meu sombrio carcere para d'elle me tirarem, com a mesma violencia que tinhão empregado para me arrancarem do Templo do Sol.

Não sei por qual caminho me conduzírão: caminhavão sómente de noite; e passavão o dia em desertos áridos, sem procurarem algum abrigo. Cedendo em breve tempo á fadiga, conduzírão-me, não sei em que especie de hamac (*a*), cujo movimento me fatigava quasi tanto, como se caminhasse a pé.

Chegámos finalmente ao lugar des-

(*a*) Especie de leito suspenso, no qual e fazião conduzir os Indios de hum lugar para outro.

destinado, levárão-me estes bárbaros huma noite em os seus bràços a huma casa, cujo accesso, a pezar da obscuridade, me pareceo extremamente difficil. Pozerão-me em hum lugar mais estreito, e mais incómmodo do que a minha primeira prizão. Mas, amado Aza! poderei persuadir-te do mesmo, que não comprehendo, se tu não estivesses seguro que a mentira já mais tem manchado a boca de huma filha do Sol (*a*)? Esta casa, que eu julgava muito grande, pela quantidade de gente, que em si continha; esta casa quasi suspensa, e formada no ar, estava em hum movimento contínuo.

Precisava, ó luz do meu espirito! que *Ticaiviracocha* tivesse ornado a minha alma, assim como a tua, da sua divina sciencia, para poder comprehender este prodigio. Todo o conhecimento, que tenho, he

(*a*) Passava por indubitavel que hum Peruviano não tinha já mais mentido.

he que esta habitação não foi construida por hum ente amigo dos homens; alguns momentos depois de ter alli entrado, o seu continuo movimento, acompanhado de hum cheiro nocivo, me causou hum mal tão violento, que me admira o ter resistido, porém isto era o principio das minhas penas.

Assás longo tempo tinha passado; e eu não soffria mais algum incómmodo, quando huma manhã fui despertada por hum estrepito mais terrivel ainda que o de *Yalpor*: a nossa habitação sentia tremores, semelhantes áquelles, que a terra experimentar, quando a Lua cahir, e reduzir o Universo em poeira (*a*). Os gritos, que se unírão a este furacão, o fazião mais espantoso; os meus sentidos, surpresos de hum secreto horror, representárão á minha alma a idéa da total destruição da

(*a*) Os Indios crião que o fim do Mundo havia succeder por causa da Lua, cahindo sobre a terra.

da natureza. Persuadi-me que o perigo era universal, tremia eu com o receio da tua vida: mas qual foi o meu susto, vendo homens furiosos, ensanguentados, lançarem-se tumultuosamente na minha camara! Os meus olhos não pudérão supportar hum expectaculo tão horrivel. a força e o conhecimento me abandonárão: não sei qual foi o exito deste terrivel acontecimento. Despertando do meu desmaio, achei-me em huma cama muito decente, rodeada de Selvagens differentes dos cruéis Hespanhóes, que igualmente me são desconhecidos.

Pódes tu representar á tua imaginação qual fosse a minha surpresa, achando-me em huma nova habitação com outros homens, sem poder comprehender como esta mudança se tinha feito? Fechei promptamente os olhos, a fim que mais recolhida em mim mesma podesse certificar-me se eu estava viva, ou se a minha alma tinha abandonado o meu

meu corpo para passar ás regiões desconhecidas (*a*).

Devo fazer-te esta confissão, meu bem? fatigada com huma vida odiosa, aborrecida de soffrer tormentos de toda a especie, opprimida com o pezo do meu horrivel destino, vi com indifferença avisinhar-se o fim da minha vida. Rejeitei constantemente todo o soccorro, que me offerecêrão; em poucos dias cheguei ao meu fatal termo, a que sem repugnancia me conformei.

Esgotadas as forças, anniquilou-se o sentimento; já a minha fraca imaginação não recebia as imagens senão como hum ligeiro desenho, delineado por huma mão trémula; os objectos, que me tinhão feito maior impressão, não excitavão em mim senão esta sensação vaga, que experimentamos, quando nos deixamos arrebatar por hum delirio indetermi-

(*a*) Os Indios crião que depois da morte, a alma hia a lugares desconhecidos para alli ser premiada, ou punida segundo o seu merecimento.

minado: e por assim dizer, parecia-me quasi não existir.

Este estado, oh meu amado Aza, não he tão penoso, como se julga: elle de longe nos aterra, porque assim o pensamos com toda a força da nossa imaginação; quando está proximo, enfraquecido pelo progresso das dores, que a elle nos conduz, o momento decisivo parece o do repouso. Experimentei com tudo que a inclinação, que nos conduz, durante a vida, a penetrar no futuro, e ainda naquelle tempo, que não existirá para nós, parece tomar novas forças, que chegão ao ponto de perder a vida. Cada hum acaba de viver para si; porém quer saber como vivirá para o objecto, que ama.

Foi em hum destes delirios, que eu me persuadi ser transportada ao interior do teu Palacio; e cheguei no instante, em que te davão parte da minha morte.

A minha imaginação me representou o teu estado tanto ao vivo, que

que a realidade não podia ser mais energica, do que o meu sonho. Eu te vi, meu amado Aza, pállido, desfigurado, privado de sentidos, semelhante a hum lirio desecado pelos ardentes raios do Sol. Não he pois o amor algumas vezes barbaro? gozava eu da tua saudosa lembrança, a qual excitava por hum triste adeos; tinha satisfação, e talvez prazer, em derramar, durante a tua vida, o veneno da tristeza; aquelle mesmo amor, que me inspirava crueldade, dilacerava-me o coração com o sentimento das tuas horriveis penas. Em fim despertada como d'hum letargo, penetrada da tua dor, tremendo pela tua vida, pedi soccorro, e tornei a ver a luz.

Tornarei a ver-te, amado árbitro da minha existencia? ai de mim! quem poderá dar-me esta certeza? não sei aonde estou; póde ser que esteja bem longe de ti. Mas ainda que estejamos separados pelos immensos espaços, que habitão os filhos do Sol, os meus suspiros, seme-

melhantes a huma nuvem ligeira, voaráõ de contínuo em torno de ti.

CARTA IV.

QUal quer que seja o amor da vida, oh meu amado Aza, as penas o diminuem, a desesperação o estingue. O despreso, que a natureza parece fazer do nosso individuo, abandonando-o á dor, nos revolta, immediatamente depois, á impossibilidade de nos livrarmos dos nossos males, nos prova huma insufficiencia tão humiliante, que nos conduz ao ponto de nos desgostarmos de nós mesmos.

Não vivo em mim, nem existo para mim; cada instante, em que respiro, he hum sacrificio, que faço ao teu amor; e de dia em dia, vem a ser mais penoso. Se o tempo traz algum allivio ao meu mal exterior, re-

redobra os tormentos do meu espirito. Longe de instruir-me da minha sorte, parece fazella ainda mais obscura. Tudo quanto me rodêa, me he desconhecido; tudo me he novo, tudo interessa a minha curiosidade, e nada póde satisfazella. Debalde emprego a minha attenção, e o meu esforço para ouvir, ou ser ouvida: huma e outra cousa me são igualmente impossiveis. Cançada de tantas penas inuteis, persuadi-me que para as fazer cessar, devia privar os meus olhos dos objectos, que lhes fazião maior impressão: obstinei-me por algum tempo em tellos fechados; todos os esforços forão inuteis! as trévas voluntarias, a que me tinha condemnado, erão sómente favoraveis á minha modestia, sempre indignada pela vista destes homens, dos quaes os serviços são outros tantos supplicios; porém a minha alma não estava menos agitada. Recolhida em mim mesma, as minhas inquietações erão cada vez mais vivas, e o desejo de

as

as expremir cada vez mais violento.

A impossibilidade de me fazer entender diffunde sobre os meus orgãos hum tormento não menos insoffrivel que as dores, que tem huma realidade mais evidente. Quão cruel he esta situação!

Mas ah! persuadia-me já entender algumas palavras dos Selvagens Hespanhóes, achava-lhes alguma semelhança com a nossa augusta lingua; lisongeava-me, que poderia em breve tempo explicar-me com elles: os meus novos tyrannos exprimem-se com tanta rapidez, que não posso distinguir as inflexões da sua voz. Tudo me induz a julgar que não são da mesma nação; pela differença das suas maneiras, e do seu caracter apparente, facilmente se advinha que *Pachacamac* tem distribuido com huma grande desproporção os elementos, de que tem formado os mortaes. O ar grave, e feroz dos primeiros faz ver que elles são compostos da mate-

teria dos mais duros metaes; parece porém que estes fugírão das mãos do seu Creador, no mesmo instante em que elle não tinha ainda junto para a sua formação mais do que o seu fogo. Os olhos suberbos, o gesto sombrio, e tranquillo daquelles indicavão que erão crueis de caso pensado; a inhumanidade das suas acções o tem muito bem provado: o rosto risonho destes, o agrado das suas vistas, hum certo zelo espalhado nas suas acções, e que parece ser benevolencia, dispõem a seu favor; mas observo certas contradicções no seu modo de proceder, que suspendem o conceito, que delles faço.

Dois destes Selvagens quasi nunca deixão a cabeceira do meu leito: hum d'elles, cujo aspecto nobre me tem feito julgar ser o *Cacique* (*a*), me trata, segundo o modo da sua Nação, com muito respeito; o outro me subministra huma parte dos soc-

(*a*) *Cacique*, especie de Governador de Provincia.

corros, que exige a minha molestia; mas a sua bondade he dura, os seus soccorros são crueis, e a sua familiaridade he imperiosa.

Desde o primeiro momento, em que, restabelecida do meu desmaio, me achei em seu poder, este (porque bem o tenho observado) mais atrevido, que o outro, quiz pegar na minha mão, que eu retirei com huma confusão, que não posso exprimir: pareceo-me que elle ficára attonito da minha resistencia; e sem attenção alguma pela modestia, tornou-lhe a pegar no mesmo instante: fraca, moribunda, e pronunciando sómente palavras que não erão entendidas, podia eu impedillo? elle lhe pegou todo o tempo que quiz, meu amado Aza, e depois disso foi necessario que eu mesma lha désse muitas vezes no dia, para prevenir debates, que terminarião sempre em meu prejuizo.

Esta especie de ceremonia (*a*) he

(*a*) Os Indios não tinhão algum conhecimento de Medicina.

he provavelmente huma superstição deste Povo : parece-me que lhe achão alguma relação com a minha molestia ; he preciso ser da sua Nação para lhe sentir os effeitos ; porque eu mui poucos lhe sinto : hum fogo interno me consome de contínuo ; apenas me restão forças para atar os meus *Quipos*. Emprégo nesta occupação tanto tempo, quanto a minha fraqueza me permitte : parece-me que estes nós, pela impressão que fazem nos meus sentidos, dão maior realidade aos meus pensamentos ; a especie de sémelhança, que tem com as palavras, faz-me huma illusão, que suspende o meu mal : creio que te fallo, e digo que te amo, e te protesto o meu terno affecto ; este agradavel engano he o meu bem, e a minha vida. Se o excesso da oppressão me constrange a interromper a minha obra, choro a tua ausencia ; assim toda entregue á minha ternura, não tenho hum só momento de vida, que não seja dedicado a ti.

Ah! que outro uso poderei fazer delle, oh amado Aza! quando tu não fosses o unico possuidor dos meus affectos; ainda que os vinculos de amor não me unissem inseparavelmente a ti; submergida em hum abismo de trévas, poderia eu desviar os meus pensamentos da luz da minha vida? tu és o Sol dos meus dias; tu os illuminas, tu os prolongas; são totalmente teus. Tu me amas: consinto em viver. Que farás por mim? continuarás a amarme; estou recompensada.

CAR-

CARTA V.

OH quanto tenho soffrido, meu amado Aza, depois dos ultimos nós, que te consagrei! não faltava ao auge das minhas penas, mais que a privação dos meus *Quipos*; logo que os meus officiosos perseguidores conhecêrão que este trabalho augmentava a minha oppressão, prohibírão-me o seu uso.

Finalmente, restituírão-me o thesouro da minha ternura; mas comprei-o com muitas lagrimas. Resta-me só esta expressão dos meus sentimentos, resta-me a triste consolação de te pintar as minhas afflicções: podia eu perdella sem desesperar?

O meu estranho destino me roubou até a satisfação, que tem os desgraçados de fallarem das suas penas: per-

persuadimo-nos que se compadecem de nós, quando nos ouvem; huma parte da nossa afflicção declara-se no rosto daquelles, que nos escutão; qualquer que seja o seu motivo, a sua attenção de algum modo nos consola.

Não me posso explicar; se bem que a alegria me acompanha Não posso gozar pacificamente da nova especie de solidão, a que me reduz a impossibilidade de communicar os meus pensamentos. As vistas attentas dos meus importunos companheiros perturbão a solidão da minha alma, constrangem as attitudes do meu corpo, e lanção a oppressão até nos meus pensamentos; acontece-me muitas vezes o esquecer esta feliz liberdade, que a natureza nos tem dado, fazendo impenetraveis os nossos sentimentos; receio algumas vezes que estes Selvagens curiosos advinhem as reflexões pouco favoraveis, que me inspira a extravagancia da sua conducta; e refreio os meus pensamentos quanto posso,

co-

como se elles os podessem entender contra minha vontade.

Hum momento destroe a opinião, que outro momento me tinha dado do seu caracter, e do seu modo de pensar a meu respeito.

Sem fallar de outras muitas contradicções, negão-me, amado Aza, não só o alimento necessario para a conservação da vida, mas até a escolha do lugar, em que quero estar; por huma especie de violencia elles me retem nesta cama, que me tem vindo a ser intoleravel: devo persuadir-me que me estimão como sua escrava, e que o seu poder he tyrannico.

Pensando sobre o extremo desejo, que demonstrão de conservar a minha vida, e o respeito, com que me servem, quasi me persuado, que me suppõem hum ente superior á humanidade.

Nenhum d'elles apparece na minha presença, sem curvar o corpo mais, ou menos, como nós costumamos fazer, adorando o Sol. O *Caci-*

ci-

cique parece querer imitar o ceremonial dos *Incas* no dia do *Kaymi* (*a*); ajoelha muito perto do meu leito; fica immenso tempo nesta posição incómmoda: algumas vezes não falla, e com os olhos baixos, fica pensativo; vejo no seu rosto aquelle sentimento confuso de reverencia, e de amor, que nos inspira *o grande nome* (*b*) pronunciado em alta voz. Se acha occasião de pegar na minha mão, leva-a á boca com a mesma veneração, que nós temos pelo sagrado Diadema (*c*). Algumas vezes pronuncía hum grande número de palavras, que não se assemelhão á linguagem ordinaria da sua Nação; o seu som he mais agradavel, mais distincto, e mais accompas-

(*a*) O *Kaymi*, festa principal do *Sol*; o *Inca*, e os Sacerdotes o adoravão de joelhos.

(*b*) O grande nome he *Pachacamac*; pronunciava-se raras vezes, e com muitos sinaes de admiração.

(*c*) Beijavão o Diadema de *Mancocapac*, como nós beijamos as *Reliquias* dos nossos Santos.

passado : accrescenta-lhes aquelle ar de commoção, que precede ás lagrimas, e aquelles suspiros, que exprimem as necessidades da alma; e estas inflexões de voz, que são quasi queixas; em fim tudo o que denota o desejo de obter alguma graça. Ah! meu amado Aza, se elle me conhecesse bem, se elle não estivesse em algum erro a respeito do meu ser, que rogativa teria para fazer-me?

Será esta Nação por ventura idólatra? ainda lhe não vi fazer alguma adoração ao Sol: póde ser que estes Selvagens tenhão adoptado as mulheres pelo objecto do seu culto. Antes que o grande *Manco-capac* (*d*) trouxesse do Ceo á terra as Leis do Sol, os nossos Progenitores divinizavão todos os objectos, que lhes inspiravão temor, ou prazer. Póde ser que elles experimentem estes dois sentimentos pelas mulheres.

Po-

(*d*) Primeiro Legislador dos Indios; veja-se a historia dos *Incas*.

Porém, se elles me adorassem, ajuntarião ás minhas infelicidades a grande sujeição, em que me tem? não; procurarião agradar-me, obedecerião aos sinaes da minha vontade: seria eu livre; sahiria desta odiosa habitação; iria procurar o Senhor do meu coração; hum só golpe da sua vista desvaneceria a lembrança de tantos infortunios.

CARTA VI.

QUe horrivel surpreza, meu amado Aza! oh quanto se tem augmentado as nossas desgraças! oh quanto somos dignos de compaixão! os nossos males não tem remedio: nada me resta, senão fazer-te a narração, e morrer.

Permittírão-me em fim que me levantasse da cama; aproveitei-me com precipitação desta liberdade; dirigi os meus passos para huma janella, que, havia muito tempo, era o objecto da minha curiosidade, abri-a apressadamente: que tenho visto, oh caro amor da minha vida? não posso achar expressões para te pintar o excesso da minha admiração, e a mortal desesperação, que se apoderou de mim, vendome no meio daquelle terrivel ele-

mento, cuja vista sómente faz tremer.

O primeiro golpe de vista assás me instruio do movimento incómmodo da nossa habitação. Estou em huma destas casas fluctuantes, que transportárão os Hespanhóes ao nosso desgraçado paiz, e de que tão sómente me tinhão feito huma imperfeita descripção.

Pensa tu, oh amado Aza, que tristes idéas me assaltárão! estou certa que estes bárbaros me conduzem longe de ti, não respiro o mesmo ar, não habito o mesmo elemento: has de ignorar para sempre onde estou, se te amo, ou se existo; a destruição do meu ser não parecerá hum acontecimento digno de te ser referido. Amado arbitro da minha existencia, de que estimação te poderá ser para o futuro a minha vida desgraçada? permitte que eu restitua á Divindade huma dadiva intoleravel, que eu não quero mais possuir; não tornarei mais a ver-te, nem quero mais viver.

Fer-

Perco o que mais amo: o Universo he destruido para mim, não he mais que hum vasto deserto resoando para sempre os perpetuos gritos do meu amor; escuta-os, amado objectó da minha ternura; commove-te; permitte que eu morra....

Qual erro me seduz? não, meu caro Aza, tu não és o que me impões a dura Lei de viver, he a tímida natureza, que tremendo de horror tenta com a tua voz mais poderosa, que a sua, retardar hum fim sempre temivel para ella; mas tudo se acabe, o meio mais breve me livrará da sua repugnancia....

O mar sepulte para sempre nos seus profundos abismos a minha ternura desgraçada, a minha vida, e a minha desesperação.

Recebe, infeliz Aza, recebe os ultimos suspiros do meu coração: a tua imagem he a unica, que lhe tem sido impressa; assim como elle vivia unicamente para ti, morre cheio do teu amor. Amo-te, eu o sinto ainda, eu o digo pela ultima vez.

CAR-

CARTA VII.

AZa, tu não perdeste tudo, tu reinas ainda sobre hum coração: eu vivo. A vigilancia dos meus guardas destruio o meu funesto designio; resta-me só a vergonha de lhes ter tentado a execução. Não te informarei das particularidades de hum projecto tão depressa destruido, como formado. Atrever-me-hia a levantar já mais os meus olhos em a tua presença, se tivesses sido testemunha do meu arrebatamento?

A minha razão, destruida pela desesperação, não me vinha a ser de soccorro algum; a minha vida não me era apreciavel; tinha-me eu esquecido do teu amor.

Quanto he cruel a tranquillidade do animo depois do furor! como são diversos os mesmos objectos!

ctos! no horror da desesperação, reputa-se a ferocidade por coragem, e o temor de soffrer por firmeza de animo. Huma palavra, hum golpe de vista, outro qualquer incidente, nos torna a chamar á razão: e ficamos convencidos que o nosso heroismo tem a fraqueza por principio, o arrependimento por fructo, e o despreso por recompensa.

O conhecimento do meu crime he o mais severo castigo. Lacerada de pungentes remorsos, escondida debaixo do véo da vergonha, estou em hum lugar separado; temo que o meu individuo occupe muito espaço; quizera escondello á luz: as minhas lagrimas correm com abundancia; a afflicção está suffocada; não exhala algum suspiro, mas inteiramente me devora. Poderei expiar o meu crime? elle te offendia.

Em vão procurão estes generosos Selvagens, ha dois dias, inspirarme a alegria, que os transporta: supponho a causa, mas ainda que me fosse mais notoria, não me julgo

di-

digna de participar das suas festas.

As suas danças, as suas exclamações de alegria, hum licor vermelho semelhante ao *Mais*, (*a*), de que bebem com abundancia, o seu zelo de contemplarem o Sol por todas as partes, que o podem descobrir, não me deixaria duvidar que este dia festivo era consagrado ao Astro divino, se a conducta do *Cacique* fosse conforme com a dos outros: mas vejo que, em vez de participar da commum alegria, depois do crime que eu commetti, elle participa só da minha afflicção. O seu zelo tem-se feito o mais respeitoso, o mais assiduo, e o mais penetrante.

Conheceo elle que a presença contínua dos seus Selvagens juntava

(*a*) O *Mais* he huma planta, de que os Indios fazem huma bebida forte, e saudavel; elles a offerecião ao Sol em os dias da sua festa, depois do Sacrificio bebião até se embebedarem. Veja-se a historia dos Incas, T. II., p. 151.

va a sujeição á minha afflicção; apartou-me da sua vista importuna: a delle he tão sómente a que tenho que soffrer.

Ha momentos, meu amado Aza, em que me agrada esta muda conversação: o fogo dos seus olhos representa-me aquelle, que brilha em os teus; acho-lhe alguma semelhança, que seduz o meu coração. Ai de mim! quanto he passageira esta illusão, e os pezares, que se lhe seguem, como são duraveis! não finalizaráõ senão com a minha vida, pois que eu não vivo senão para ti.

CARTA VIII.

QUando hum só objecto reune todos os nossos pensamentos, meu amado Aza, os acontecimentos não nos interessão senão pela relação, que lhes achamos com elle. Se tu não fosses o unico movel da minha alma, teria eu passado, como acabo de fazer, do horror da desesperação á esperança mais lisongeira? O *Cacique* tinha tentado muitas vezes inutilmente fazer-me chegar áquella janella, para a qual não deixo de olhar sem susto. Em fim cedendo a novas instancias, deixei-me conduzir. Ah! meu amado Aza, como tenho sido bem recompensada da minha condescendencia!

Oh prodigio incomprehensivel! olhei a travez de huma especie de cana furada, e elle me fez ver a terra

ra em huma distancia tal, que sem o soccorro desta maravilhosa maquina, os meus olhos não a podião distinguir.

No mesmo tempo, fez-me comprehender, por sinaes, que me principião a ser familiares, que nós vamos para esta terra, e que a sua vista era a causa dos festejos, que me tinhão parecido hum sacrificio ao Sol.

Feliz descuberta! a esperança, assim como hum raio de luz, levou o seu clarão até ao intimo do meu coração. Não posso duvidar que me conduzem para esta terra, que me tem mostrado; he evidente que ella seja huma porção do teu Imperio, pois que o Sol alli espalha os seus raios beneficos (*a*). Não sou escrava dos cruéis Hespanhóes. Quem póde impedir-me que viva de novo debaixo das tuas Leis?

Sim, amado Aza, vou reunir-

(*a*) Os Indios não conhecião o nosso Hemisferio, e crião que o Sol illuminava só a terra dos seus filhos.

me áquelle, a quem amo. O meu amor, a minha razão, os meus desejos, tudo mo assegura. Vôo para os teus braços: huma torrente de alegria inunda a minha alma; o passado desapparece; as minhas desgraças se acabão, e ficão no esquecimento; o futuro só me occupa; elle he o meu unico bem.

Aza, minha amada esperança, não te tenho perdido; verei o teu semblante, os teus vestidos, a tua sombra; amo-te, eu o direi a ti mesmo. Quaes são os tormentos, que huma tal felicidade não destrua?

CARTA IX.

COmo são extensos os dias, quando se contão, meu amado Aza! o tempo, assim como o espaço, he conhecido pelos seus limites. As nossas idéas, e a nossa vista igualmente se confundem pela uniformidade de hum e do outro. Se dos objectos vem determinados os limites do espaço, parece-me que as nossas esperanças marcão os limites do tempo, e que se ellas nos abandonão, ou que não sejão sensivelmente notadas, não podemos melhor distinguir a duração do tempo, que o ar, que enche o espaço.

Depois do instante fatal da nossa separação, a minha alma, e o meu coração igualmente opprimidos pela desgraça, estavão sepultados neste abandono total, que faz o

hor-

horror da natureza, e á imagem do nada: passavão-se os dias, sem que eu os contasse: nenhuma esperança attrahia o meu cuidado a respeito da sua duração: agora porém que a esperança sinala todos os instantes, o seu comprimento me parece infinito; e a pouco, e pouco recupéro a tranquillidade do meu espirito, e a faculdade de pensar.

Depois que a minha imaginação deo entrada á alegria, huma multidão de pensamentos se apresentão com rapidez, até a fatigarem. Diversos projectos de felicidades revezão-se alternativamente; as novas idéas são recebidas facilmente, assim como tornão, sem que as procure, áquellas, que tinhão passado sem me fazerem maior impressão.

Ha dois dias, que eu entendo muitas palavras da lingua do *Cacique*, que eu me persuadia ignorar. Não são mais do que os nomes dos objectos: não exprimem os meus pensamentos, nem me fazem entender os dos outros; com tudo fornecem-

cem-me algumas instrucções, que me erão necessarias.

Sei que (*a*) o *Cacique* se chama *Deterville*; a nossa casa fluctuante, *Navio*, e a terra, para onde vamos, *França*.

Este ultimo nome assustou-me: não me recordo de ter ouvido assim nomear alguma parte do teu Reino; porém, reflectindo em o número infinito daquellas, que o compõem, cujos nomes me tem esquecido, este movimento de temor se desvaneceo bem depressa; poderia elle subsistir muito tempo com a sólida confiança, que me inspira a vista do Sol? Não, amado Aza, este Astro divino não alumia senão os seus filhos: sómente o duvidallo me faria criminosa. Vou entrar no teu Imperio: estou proxima ao momento de te ver; corro para a minha felicidade.

No meio dos transportes da minha alegria, o reconhecimento me pre-

(*a*) Os *Caciques* são Governadores de Provincias, tributarios dos Incas.

prepara hum delicioso prazer. Tu encherás de honras, e de riquezas ao benefico *Cacique*, que nos reunir: levará elle para a sua Provincia a memoria de *Zilia*: o premio da sua virtude o fará ainda mais virtuoso, e a sua felicidade fará a tua gloria.

Nada póde comparar-se, amado Aza, com a bondade, que elle tem por mim: longe de me tratar como escrava, elle parece ser meu escravo. Experimento agora tanta condescendencia, quanto experimentei de contradicções durante a minha molestia. Parece em fim, que não se occupa de outra cousa senão de mim, das minhas inquietações, e dos meus divertimentos; parece não se occupar de outros cuidados: eu os recebo com menos repugnancia, depois que, illuminada pelo costume, e pela reflexão, conheço, que me tinha enganado a respeito da idolatria, que lhe suppunha.

Não he porque elle não repita frequentemente quasi as mesmas de-

mons-

monstrações, que eu tomava por hum culto; porém o tom, o ar, e a fórma, de que se serve, me persuadem ser unicamente uso da sua Nação.

Principia a fazer-me pronunciar distinctamente algumas palavras da sua lingua. Logo que repito depois delle, sim, eu vos amo, ou bem, eu vos prometto de ser vossa, a alegria se espalha sobre o seu rosto; transportado me beija as mãos, e com hum ar alegre inteiramente opposto ao ar sério, que acompanha o culto divino.

Socegada no que toca á sua Religião, não o estou a respeito do paiz, donde tira a sua origem. A sua falla, e os seus vestidos são tão diversos dos nossos, que muitas vezes a minha confiança he agitada. Importunas reflexões me assaltão, de modo que fluctuo de contínuo entre o temor, e alegria.

Fatigada pela confusão das minhas idéas, desanimada pelas incertezas, que me affligem, tinha resol-

vi-

vido não pensar mais; porém como se podem refrear os movimentos de huma alma privada de toda a communicação, encerrada em si mesma, e que tão grandes interesses a excitão a reflectir? não posso, meu amado Aza; com huma incessante agitação procuro luzes, que me aclarem, e acho-me cada vez mais envolvida na mais profunda obscuridade. Bem sabia que a privação de hum sentido póde enganar em certos casos, mas vejo com surpreza que o uso dos meus me precipita de erro em erro. A intelligencia da alma procederá da sciencia das linguas? oh amado Aza! as minhas infelicidades me fazem antever fastidiosas verdades! apartem-se de mim, infaustos presagios: chegamos a terra. A luz dos meus dias dissipará em hum momento as trévas, que me rodêão.

CAR-

CARTA X.

CHeguei finalmente, amado Aza, a esta terra, que he o objecto dos meus desejos; porém não vejo ainda cousa, que me annuncie a felicidade, que eu me tinha promettido: tudo o que se offerece aos meus olhos, me surprende, me admira, e só me deixa huma impressão vaga, e huma perplexidade estupida, da qual não procuro desembaraçar-me; os meus erros reprimem os meus pensamentos, fico indecisa, e duvido quasi daquillo mesmo que vejo.

A penas sahimos da casa fluctuante, entramos em huma Cidade edificada junto ás margens do mar. A multidão do Povo, que nos seguia, parecia-me da mesma Nação do *Cacique*; mas as casas não tinhão semelhança alguma com ás da Cidade do

do Sol: se aquellas as excedem em belleza pela riqueza dos seus ornamentos, estas são muito superiores pelos prodigios, de que estão cheias.

Quando entrei no quarto, em que *Deterville* me hospedou, o meu coração me estremeceo; vi ao longe huma menina vestida como huma Virgem do Sol; corri para ella com os braços abertos. Que admiração, meu amado Aza, que surpreza extrema, de encontrar sómente huma resistencia impenetravel, aonde eu via huma figura humana mover-se em hum espaço muito extenso!

O espanto me tinha immovel; com os olhos fitos sobre esta sombra, quando *Deterville* me fez observar a sua propria figura ao lado daquella, que occupava toda a minha attenção: eu o tocava, e lhe fallava, e o via ao mesmo tempo muito perto, e muito longe de mim.

Estes prodigios confundem a razão, e offuscão o discurso: que idéa

idéa deve formar-se dos habitantes deste paiz? será preciso amallos, ou temellos? nada determinarei a respeito desta dúvida.

O *Cacique* me fez comprehender, que a figura, que eu via, era a minha; mas isto de que me instruio? o prodigio he menor? devo mortificar-me menos por não achar no meu espirito mais do que erros, ou ignorancia? os que são menos habeis neste paiz, são mais sabios do que todos os nossos *Amautas*.

Deterville me tem dado huma *China* (*a*), rapariga muito viva; he huma grande satisfação para mim o tornar a ver pessoas do meu sexo, e o ser servida; outras muitas mulheres me demonstrão desejos de me servirem; o que eu estimaria que ellas não fizessem: a sua presença desperta o meu temor. A admiração, com que olhão para mim, bem me deixa ver que ellas não tem estado em *Cusco* (*b*). Com tudo, de nada pos-

(*a*) Criada.

(*b*) Capital do Perú.

posso ainda julgar: o meu espirito fluctua em hum mar de incertezas; só o meu coração immudavel não deseja, nem espera, senão huma unica felicidade, sem a qual tudo são tormentos.

CARTA XI.

AInda que eu tenho tomado todo o cuidado, que está em meu poder, para indagar qual seja a minha sorte, meu amado Aza, não estou melhor instruida, do que o estava ha tres dias. Tudo o que tenho podido observar, he, que os Selvagens deste paiz parecem tão bons, e tão humanos, como o *Cacique*; cantão e dançâo, como se tivessem todos os dias terras para cultivar (*a*). Se eu

(*a*) No Perú cultivão-se as terras em commum, os dias deste trabalho são dias de festejo.

eu me referisse á opposição dos seus costumes com os da nossa Nação, não teria mais que esperar; porém lembro-me que o teu augusto Pai tem sujeitado á sua obediencia Provincias muito distantes, cujos Póvos não tinhão alguma relação com os nossos: porque não será esta huma dellas? parece que o Sol se deleita a illuminalla; nunca já mais o vi tão bello, nem tão puro, voluntaria me entrego á confiança, que elle me inspira: a unica inquietação, que me resta, he sobre o muito tempo que será preciso passar para me instruir dos nossos interesses; porque, amado Aza, não o posso duvidar, só o uso da lingua do paiz me póde informar da verdade, e acabar as minhas inquietações.

Não deixo escapar alguma occasião para me instruir; aproveito-me de todos os momentos, em que *Deterville* me deixa em liberdade, para tomar lições com a minha *China*; he hum fraco recurso. Os sinaes do *Cacique* algumas vezes me

são

são mais uteis. O costume nos tem feito huma especie de linguagem, que exprime ao menos os nossos sentimentos. Hontem me levou elle a huma casa, onde me teria conduzido muito mal, sem esta intelligencia.

Entrámos em huma grande sala, e mais bem ornada do que aquella, em que habito: os risos excessivos, que muitas meninas procuravão supprimir, e que tornavão a principiar, logo que levantavão os olhos para mim, excitárão no meu coração hum sentimento tão penoso, que eu o tomaria por hum movimento de vergonha, se eu me julgasse culpavel de algum crime. Porém, não sentindo mais que huma grande repugnancia para estar com ellas, eu hia a sahir, quando hum sinal de *Deterville* me deteve.

Comprehendi logo que teria commettido algum erro, se tivesse sahido, e não quiz fazer cousa alguma, que désse fundamento ao seu modo de proceder a meu respeito;

to; fiquei, e pondo toda a minha attenção em observar estas mulheres, persuadi-me que a singularidade dos meus vestidos causava o espanto de humas, e os risos offensivos das outras; tive piedade da sua fraqueza de espirito: e só pensei em as persuadir, pelo meu comportamento, que a minha alma não differia tanto da sua, como os meus vestidos dos seus enfeites.

Hum homem, que eu julgaria hum *Curacas* (*a*), senão estivesse vestido de preto, veio pegar-me pela mão com hum modo agradavel, e me conduzio ao pé de huma mulher de aspecto imperioso, a qual me pareceo a *Pallas* (*b*) do paiz. Elle lhe disse muitas palavras, que eu tenho ouvido mil vezes pronunciar a *Deterville*. Oh como he bella! que bellos olhos!.... outro lhe disse: certa graça, huma esta-

F tu-

(*a*) Os *Curacas* erão pequenos Principes: tinhão o privilegio de trazerem o vestido semelhante ao dos *Incas*.

(*b*) Nome generico das Princezas.

tura de *Ninfa*! .... além das mulheres, que nada disserão, todos repetírão pouco mais, ou menos as mesmas palavras: eu não sei ainda a sua significação; mas exprimem seguramente idéas agradaveis; porque quando as pronunciavão, o seu rosto estava alegre.

O *Cacique* parecia muito satisfeito do que se dizia; elle estava sempre ao meu lado; e se alguma vez se apartava para fallar com algum, os seus olhos não me perdião de vista, e os seus sinaes me advertião o que eu devia fazer: da minha parte, estava muito attenta a observallo, para não offender os costumes de huma Nação tão pouco instruida dos nossos.

Elles tem huma vivacidade tão impaciente, que as palavras não lhes bastão para se exprimirem, elles fallão tanto pelos gestos, como pelas palavras: a sua agitação contínua me tem feito conhecer, quanto erão pouco importantes as demonstrações do *Cacique*, que me tem

cau-

causado tanta confusão, e sobre as quaes tenho feito tantas falsas conjecturas.

Beijou hontem as mãos da *Pallas*, e todas as das outras mulheres; tambem as beijou no rosto; o que eu não tinha ainda visto: os homens vinhão abraçallo; huns pegavão-lhe pela mão, outros puxavão-lhe pelo vestido; tudo isto com huma promptidão, de que nós não temos idéa.

A julgar do seu espirito pela vivacidade dos seus gestos, estou certa que as nossas limitadas expressões, que as sublimes comparações, que exprimem tão naturalmente os nossos ternos sentimentos, e os nossos pensamentos affectuosos, lhe parecerão insipidos; o nosso ar sério, e modesto será reputado estupidez; e o ar grave do nosso modo de andar, por entumecimento. Acreditallo-has tu, meu amado Aza? a pezar das suas imperfeições, se tu estivesses aqui, a sua companhia me seria agradavel. Huma certa affabili-

lidade, espalhada sobre todas as suas acções, as faz amaveis; e se o meu coração estivesse mais tranquillo, assás me agradaria a diversidade de objectos, que se offerecem succes ivamente aos meus olhos; mas a pouca relação, que tem comtigo, desvanece as bellezas da novidade: tu só constitues o meu bem, e os meus prazeres.

CARTA XII.

TEm passado tanto tempo, meu amado Aza, sem que eu podesse dar hum momento á minha mais agradavel occupação. Tenho hum grande número de cousas extraordinarias a communicar-te; aproveito-me deste pouco descanço, e quero informar-te.

O dia seguinte áquelle, em que fiz

fiz a minha visita á casa da *Pallas*, *Deterville* mandou-me hum bellissimo vestido ao uso do paiz. Depois que a minha *China* o arranjou ao meu corpo, segundo a sua fantasia, ella me fez chegar a esta engenhosa máquina, que dobra os objectos. Ainda que deva estar costumada aos seus effeitos, não posso livrar-me da surpreza, que me causa o ver-me como se eu estivesse defronte de mim mesma.

Não me desagradou o novo vestido: com muito maior repugnancia teria deixado o meu, se me não tivesse feito olhar de todos com huma attenção incómmoda.

O *Cacique* entrou na minha camara, quando a *China* juntava ainda algumas bagatellas ao meu enfeite; elle parou á porta, e esteve olhando para nós muito tempo sem fallar: a sua distracção era tão profunda, que se afastou para deixar sahir a *China*, e tornou a pôr-se no mesmo lugar sem se perceber: com os olhos fitos em mim, exami-

minava toda a minha figura com huma séria attenção, que me causava confusão, sem eu saber a causa.

Com tudo, a fim de lhe demonstrar o meu reconhecimento pelos seus novos favores, dei-lhe a mão; e, não podendo exprimir os meus sentimentos, persuadi-me não lhe poder dizer cousa mais agradavel do que algumas das palavras, que elle gosta de me fazer repetir; e procurei imitar o mesmo som da voz, com que elle as profere.

Não sei que effeito produzírão no seu animo; porém os seus olhos se reanimárão, o seu rosto se inflammou; veio ao meu encontro com hum ar agitado: parecia querer tomar-me nos seus braços; depois parou de repente, apertou-me muito a mão, e pronunciou com huma voz terna: Não .... o respeito .... a sua virtude .... e outras muitas palavras, que eu não entendo melhor; correo a assentar-se em huma

ca-

cadeira a outro lado da camara, aonde ficou com a cabeça encostada ás mãos, com todos os sinaes de huma profunda dôr.

O seu estado me affligio; não duvidando de lhe ter causado algum desgosto, cheguei-me a elle para lhe demonstrar o meu arrependimento; porém elle me afastou com hum ligeiro movimento de mão, sem olhar para mim, não me atrevi a dizer-lhe cousa alguma: eu estava com a maior perturbação, quando os criados entrárão para trazerem o jantar. Levantou-se: sentámo-nos á meza, comemos juntos ao modo costumado, sem outra consequencia mais, que hum resto de melancolia; porém não tinha menos bondade, nem menos agrado: tudo isto me parece incomprehensivel.

Eu não me atrevia a levantar os olhos para elle, nem a servir-me dos sinaes, que ordinariamente nos supprem a conversação: com tudo nós comemos a hum tempo muito dif-

fe-

ferente da hora ordinaria do jantar, que não pude impedir-me de lhe demonstrar a minha admiração. Tudo o que pude comprehender da sua resposta, foi que nós hiamos mudar de lugar. Com effeito, o *Cacique*, depois de ter sahido, e entrado muitas vezes, veio pegar-me pela mão: deixei conduzir-me, pensando sempre no que se tinha passado, e procurando conhecer, se a mudança de habitação seria a causa.

Apenas sahimos da ultima porta da casa, *Deterville* ajudou-me a dar hum passo muito alto, depois do qual achei-me em hum pequeno camarim, aonde não se póde andar, nem estar em pé sem incómmodo, mas sentámo-nos muito cómmodamente, o *Cacique*, a *China*, e eu: este pequeno lugar he elegantemente mobiliado: huma janella de cada lado o illumina sufficientemente.

Em quanto eu o examinava com admiração, procurava igualmente conhecer a causa, porque *Deterville*

nos

nos fechava em hum lugar tão estreito (oh meu amado Aza ! como são familiares os prodigios neste paiz !) senti aquella máquina , ou cabana , não sei como lhe hei de chamar , senti que se movia , e mudava de lugar : de repente me recordei da casa fluctuante : já tremia de medo ; mas o *Cacique* , attento ás minhas menores inquietações , me socegou , fazendo-me ver por huma das janellas , que aquella máquina , suspensa assás perto da terra , se movia por meio de hum segredo , que eu não descubria.

Deterville mostrou-me igualmente muitas *Hamas* (*a*) de huma especie desconhecida no Perú , que andavão adiante de nós , e que arrastavão atrás dellas a cabana rolante.

He preciso , oh luz dos meus olhos ! hum genio mais que humano para inventar cousas tão uteis , e tão raras ; mas he tambem preciso que es-

(*a*) Nome generico das bestas.

esta Nação tenha grandes defeitos, que moderem o seu poder, pois que não he a senhora de todo o Mundo.

Ha quatro dias que fechados nesta admiravel máquina, della sahimos só á noite, para repousarmos na primeira habitação, que se encontra, da qual não saio sem repugnancia. Eu to confesso, meu amado Aza, que a pezar das minhas ternas inquietações, tenho durante esta viagem gozado dos prazeres, que me erão desconhecidos. Educada no Templo desde a minha tenra idade. não conhecia as bellezas do Universo: que felicidade tinha eu perdido!

Não ha dúvida, amado Aza, que a natureza tem collocado nas suas obras hum attractivo incognito, que a arte mais industriosa não póde imitar. O que tenho visto dos prodigios inventados pelos homens, não tem produzido em mim a admiração, que me inspira o espectaculo do Universo.

Os campos immensos, que se va-

rião, e se renovão a todo o momento ás nossas vistas, arrebatão a minha alma com huma rapidez semelhante áquella, com que os atravessamos.

Os olhos correm, comprehendem, e se repousão ao mesmo tempo sobre huma multidão de objectos tão variados, como agradaveis. Acredita-se então, que a vista não acha outros limites senão os de todo o Mundo. Este erro nos lisongea, e nos dá huma alta idéa da nossa propria grandeza, e parece fazer-nos de algum modo participantes dos attributos do Creador de tantas maravilhas.

No fim de hum dia sereno, o Ceo offerece á vista imagens tão pomposas, como magnificas, que excedem muito as da terra.

Transparentes nuvens a par do Sol o rodeão, e offerecem aos nossos olhos montanhas de sombras, e de luz, cuja magestosa desordem attrahe a nossa admiração até ao esquecimento de nós mesmos: da outra

tra parte, se eleva hum Astro menos brilhante, recebe. e espalha sobre os objectos huma luz menos viva, que, perdendo a sua actividade pela ausencia do Sol, fere os nossos sentidos de hum modo suave, pacifico, e perfeitamente armonico com o silencio, que reina sobre a terra. Então entrando em nós mesmos, hum delicioso socego penetra a nossa alma: gozamos dos prazeres do Universo, como se o possuissemos sós; não vemos cousa alguma, que não nos pertença: huma doce serenidade nos conduz a meditações agradaveis; e se algumas tristezas as vem perturbar, nascem da necessidade de nos arrancarmos a este aprazivel delirio, para nos encerrar nas fracas prizões, que os homens tem fabricado a si mesmos, e que, a pezar de toda a sua industria, serão sempre despreziveis, comparando-as com as obras da natureza.

O *Cacique* teve a condescendencia de me fazer sahir todos os dias

da

da cabana volante, para me deixar contemplar á minha vontade o que me via admirar com tanta satisfação.

Se as bellezas do Ceo, e da terra tem hum attractivo tão poderoso sobre a nossa alma, as dos bosques, mais simples, e mais lisongeiras, não me tem causado menos prazer, nem menos espanto.

Quanto são deliciosos os bosques, meu amado Aza! quando alli entramos, hum encanto universal se espalha sobre todos os nossos sentidos, e confunde o seu uso. Persuadimo-nos ver o fresco antes de o sentir: as diversas côres das folhas suavisão a luz, que as penetra, e parece tocar o sentimento tão depressa, como a vista.

Hum cheiro agradavel, mas indeterminado, deixa, apenas mostra se affecta, o olfato, ou o gosto (*a*): o

(*a*) Persuado-me, depois de ter bem reflectido sobre esta frase, que o termo gosto deve significar aqui o paladar; com effeito, os cheiros fazem impressão sobre

o mesmo ar, ainda que impreceptivel, communica a todo o nosso individuo hum deleite puro, que parece dar-nos hum sentido de mais, sem poder indicar-lhe o orgão.

Oh meu amado Aza, como a tua presença embelleceria prazeres tão puros! quão grande tem sido o meu desejo de os gozar comtigo! testemunha dos meus ternos pensamentos, terias achado nos sentimentos do meu coração encantos superiores ás bellezas do Universo.

CAR-

o paladar, como sobre o olfato, tendo estes dois sentidos huma íntima communicação hum com outro.

CARTA XIII.

AQui me tendes em fim, meu amado Aza, em huma Cidade denominada *París*; este he o termo da nossa viagem: mas segundo as apparencias, não o será das minhas inquietações.

Depois que aqui cheguei, mais attenta do que nunca em observar tudo quanto se passa, as minhas descubertas só me produzem tormentos, e me predizem infelicidades: o menor dos meus desejos curiosos vai procurando a tua imagem em todos os objectos, que se offerecem á minha vista, porém eu não a encontro em algum dos que se me apresentão. Segundo posso julgar pelo tempo, que he preciso para atravessar esta Cidade, e do grande número de gente, que enche

as ruas, ella contém mais habitantes, que dois, ou tres dos nossos Territorios.

Recordo-me das maravilhas, que me contavão de *Quito*: procuro encontrar aqui alguma semelhança com a pintura, que me fazião desta grande Cidade; mas, ai de mim, que differença!

Esta contém pontes, rios, arvoredos, campos: parece-me antes hum Mundo, que huma habitação particular. Tentaria em vão dar-te huma justa idéa das casas: ellas tem huma altura tão desmedida, que he mais facil crer que a natureza assim as produzio, que comprehender como os homens as poderião construir.

Nesta Cidade he que a familia do *Cacique* faz a sua residencia. A casa, em que habita, he quasi tão magnifica, como a do Sol; os móveis, e alguns lugares das paredes são de ouro; e o resto he ornado de hum tecido das mais bellas côres, que assás representa as bellezas da natureza.

Ape-

Apenas chegámos, *Deterville* me deo a saber, que elle me conduzia ao quarto de sua Mãi. Nós a achámos deitada sobre hum leito pouco mais ou menos como o dos *Incas*, e do mesmo metal (*a*). Depois de ter dado a mão ao *Cacique*, que a beijou prostrando-se quasi por terra, ella o abraçou, mas com huma frieza, huma alegria tão contrafeita, que se não estivesse advertida, não reconheceria os sentimentos da natureza nas caricias desta Mãi.

Depois de terem conversado hum breve espaço, o *Cacique* me fez chegar: ella lançou para mim huma vista desdenhosa; e sem responder ao que seu filho lhe dizia, continuou a enrolar gravemente os seus dedos em hum cordão, que pendia de hum pequeno pedaço de ouro.

Deterville nos deixou para ir

G ao

(*a*) Os leitos dos *Incas*, as cadeiras, e as mezas erão de ouro massiço.

ao encontro de hum homem de alta estatura, e de boa presença, que caminhava para elle; abraçou-o como tambem a outra mulher, que se occupava do mesmo modo, que a *Pallas*.

Desde que o *Cacique* entrou nesta camara, huma menina, pouco mais, ou menos da minha idade, para alli correo; ella o seguia com hum zelo tímido, que era digno de reparo; a alegria brilhava no seu rosto, sem com tudo desterrar hum não sei que de melancolia interessante. *Deterville* abraçou-a em ultimo lugar, mas com huma ternura tão natural, que o meu coração se commoveo. Ah! quaes serão, amado Aza, os nossos transportes de alegria, se, depois de tantas infelicidades, a sorte nos reunir.

Neste meio tempo deixei-me ficar ao pé da *Pallas* (*a*) com hum ar de respeito, eu não me atrevi a af-

(*a*) As meninas donzellas; ainda que do sangue Real, tinhão hum grande respeito ás mulheres casadas.

affastar-me, nem a levantar os olhos para ella. Certas vistas severas, que lançava de quando em quando para mim, acabavão de intimidar-me, e constrangião até os meus pensamentos.

Finalmente a menina, como que advinhasse a minha perturbação, depois de deixar a *Deterville*, veio pegar-me pela mão, e me conduzio para huma janella, aonde nos sentámos. Bem que eu não entendesse o que ella me dizia, os seus olhos cheios de bondade me fallavão a linguagem universal dos corações beneficos; e me inspiravão confiança, e amizade: desejava eu explicar-lhe os meus sentimentos; mas não podendo exprimir-me segundo os meus desejos, pronunciei tudo quanto eu sabia da sua lingua.

Ella surrio-se mais de huma vez, olhando para *Deterville* com hum ar agradavel. Eu tinha prazer nesta especie de conversação, quando a *Pallas* pronunciou algumas palavras em alta voz, olhando para a me-

nina, que abaixou os olhos, largou-me a mão, que estava entre as suas, e não olhou mais para mim.

Algum tempo depois, entrou huma mulher velha, com huma fysionomia feroz, chegou-se ao pé da *Pallas*, e depois veio pegar-me pelo braço, e levou-me contra minha vontade para hum quarto no mais alto lugar das casas, e alli me deixou só.

Ainda que este momento não fosse o mais infeliz da minha vida, não tem sido, amado Aza, hum dos menos cruéis. Esperava eu no fim da minha viagem achar algum allivio ás minhas inquietações, e que a familia do *Cacique* continuasse o bom tratamento, que eu delle tinha recebido. O sério acolhimento da *Pallas*, a mudança repentina do modo da menina, a aspereza desta mulher, que me arrancará de hum lugar, aonde eu tinha empenho de estar, a inacção de *Deterville*, que não se oppôz á violencia, que me fazião, em fim to-

das

das as circumstancias, de que huma alma infeliz póde augmentar as suas penas, de huma vez se me apresentão debaixo do mais funesto aspecto; persuadi-me que estava desamparada de todo o mundo, lastimava amargamente o meu horroroso destino, quando vi entrar a minha *China*.

Em tal situação, a sua presença me pareceo huma felicidade; corri ao seu encontro, abracei-a vertendo muitas lagrimas; ella se enterneceo; quanto me foi agradavel a sua sensibilidade. Quando cada hum se persuade merecer a sua propria piedade, a dos outros lhe he muito preciosa. As demonstrações affectuosas desta rapariga suavisavão a minha pena: eu lhe contei as minhas afflicções, como se ella podesse entender-me; eu lhe fiz mil perguntas, a que ella não podia responder; as suas lagrimas fallavão ao meu coração; as minhas continuavão a correr; mas vinhão a ser insensivelmente menos amargas.

Esperava ainda ver *Deterville* á hora do jantar; mas trouxerão-me de comer, e não o vi. Depois que te perdi, idolo do meu coração, *Cacique* he o unico humano, que tem tido a meu respeito bondade sem interrupção: o costume de o ver se tem mudado em necessidade. A sua ausencia augmentou em dobro a minha tristeza: depois de o ter esperado em vão, deitei-me; mas o somno não tinha ainda enxugado as minhas lagrimas, quando o vi entrar na minha camara, acompanhado da menina, cujo incivil desdem me tinha sido tão sensivel. Ella se lançou sobre o meu leito, e com mil caricias, parecia querer reparar o máo tratamento, que eu della tinha recebido.

O *Cacique* sentou-se ao lado do meu leito; e demonstrou tanto prazer de me tornar a ver, quanto eu experimentava de não ser abandonada: conversavão olhando para mim, dando-me as mais ternas demonstrações de affecto.

A

A sua conversação insensivelmente se fez mais séria. Bem que eu a não entendesse, facil era conhecer, que se fundava na confiança, e amizade: tive todo o cuidado de os não interromper; mas logo que voltárão para mim, roguei ao *Cacique* que me explicasse o que me tinha parecido mais extraordinario depois da minha chegada.

Tudo quanto pude comprehender da sua resposta, foi que a menina, que eu via, era sua irmã, e que se chamava *Celina*; que o homem de alta estatura, que eu tinha visto no quarto da *Pallas*, era seu irmão primogenito, e a outra mulher de pouca idade era esposa de seu irmão.

Celina me veio a ser muito mais amavel, logo que soube era irmã do *Cacique*; a companhia de hum, e da outra me agradava tanto, que não adverti ser já dia, antes que elles me deixasem.

Depois da sua partida, tenho passado o resto do tempo destina-

do

do ao repouso, a entreter-me comtigo; és tu, meu bem, toda a minha alegria: a ti se patenteia o meu coração; tu serás para sempre o unico depositario dos meus segredos, da minha ternura, e dos meus sentimentos.

CARTA XIV.

SE eu não continuasse, amado Aza, a privar-me do somno, para te sacrificar este tempo, não gozaria dos agradaveis momentos, em que existo só para ti. Tornárão-me a fazer vestir os meus vestidos de Virgem, e obrigárão-me a estar todo o dia em huma sála chéia de huma multidão de gente, que se mudava, e se renovava a cada instante, e quasi sem diminuir. Esta distracção involuntaria separava-me muitas vezes, a meu pezar, dos

dos meus ternos pensamentos, mas, se perdia por alguns instantes esta viva attenção, que une de contínuo a minha alma á tua, bem depressa se despertava pelas comparações, que fazia de ti com tudo o que me rodeava.

Nos diversos paizes, que tenho corrido, não tenho visto Selvagens com huma familiaridade tão orgulhosa como estes. Observo principalmente nas mulheres huma certa bondade desprezivel, que repugna á humanidade, e que póde ser me inspiraria tanto desprezo por ellas, quanto demonstrão pelas outas, se eu as conhecesse melhor.

Huma dellas me occasionou hontem huma affronta, que actualmente me afflige. No tempo em que o concurso era mais numeroso, ella tinha já fallado a muitas pessoas sem me ver; seja que o acaso, ou que alguem me fizesse observar, ella voltou a vista para mim, deo huma grande risada, deixou precipitadamente o seu lugar, veio para

on-

onde eu estava, fez-me levantar, e depois de me ter revolvido, quantas vezes a sua vivacidade lhe suggerio, e de ter pegado em todos os pedaços do meu vestido com huma séria attenção, fez sinal a hum mancebo para que chegasse, e tornou a principiar com elle o exame da minha figura.

Ainda que eu me oppuzesse á liberdade, que hum, e outro tomavão, a riqueza dos vestidos da mulher me induzião a julgar que era huma *Pallas*, e a magnificencia do homem, todo coberto de placas de ouro, hum *Anqui* (*a*), não me atrevia a oppôr-me á sua vontade; porém este temerario Selvagem, animado pela familiaridade da *Pallas*, e póde ser que pela minha moderação, teve o atrevimento de pôr a mão sobre o meu peito, que eu empurrei com huma surpreza, e huma in-

(*a*) Principe do sangue Real; era preciso licença do *Inca* para trazer ouro sobre os vestidos, e não a permittia senão aos Principes de sangue.

indignação, que lhe fizerão conhecer, que eu estava muito melhor instruida do que elle das leis da honestidade.

Ao grito, que eu dei, *Deterville* acudio: apenas tinha elle proferido algumas palavras ao joven Selvagem, que este, encostando-se sobre a espadua do *Cacique*, principiou a rir tão descomedidamente, que a sua figura se descompôz.

Deterville desembaraçou-se delle, e disse-lhe algumas palavras, com o rosto inflammado, e hum tom tão sério, que a sua alegria bem depressa desappareceo; e não tendo provavelmente nada que lhe responder, retirou-se sem replicar, e não tornou mais.

Oh meu amado Aza! quanto os costumes deste paiz me fazem respeitaveis os costumes dos filhos do Sol! a temeridade do joven *Anqui* recorda agradavelmente á minha memoria o teu terno respeito, a tua prudente moderação, e os encantos da honestidade, que reinava na nos-

sa conversação! eu o experimentei desde o primeiro instante, em que te vi: tu só reunes todas as perfeições, que a natureza tem espalhado sobre os mortaes, assim como ella tem junto no meu coração todos os sentimentos de ternura, e de admiração, que me unem a ti até a morte.

CARTA XV.

QUanto mais vou conhecendo o *Cacique*, e sua irmã, amado Aza, mais se me difficulta acreditar, que sejão desta Nação: elles sómente conhecem, e respeitão a virtude.

O sincero modo, a candida bondade, a modesta alegria de *Celina* faria pensar, que ella tem sido educada entre as nossas Virgens. A honesta bondade, o agradavel sério de

de seu irmão persuadiria facilmente, que elle tem nascido do sangue dos *Incas*. Elles me tratão com aquella humanidade, que nós exerceriamos a seu respeito, se algumas infelicidades as tivessem conduzido ao nosso territorio. Até não duvido, que o *Cacique* seja teu tributario (*a*).

Já mais entra na minha camara, sem me offerecer hum presente de algumas cousas maravilhosas, em que abunda este paiz: ora são pedaços desta máquina, que dobra os objectos, fechados em pequenas caixinhas de huma materia admiravel, ora ligeiras pedras, cujo explendor arrebata a vista, e servem de ornato quasi a todas as partes do corpo; põe-se nas orelhas, sobre o peito, no pescoço, sobre os çapatos;

(*a*) Os *Caciques*, e os *Curacas* são obrigados a prover o *Inca*, e a Rainha de vestidos, e mantimentos. Elles não apparecião já mais na sua presença sem lhe offerecerem hum tributo das curiosidades, que produzia a Provincia, que governavão.

tos ; o que he summamente agradavel á vista.

Porém do que eu mais gosto, he de humas pequenas ferramentas de hum metal muito duro, e de huma commodidade excellente : humas servem para juntar as obras, que *Celina* me ensina a fazer ; as outras servem para dividir toda a qualidade de panno, de que se fazem tantos pedaços, quantos querem, sem esforço, e de hum modo muito divertido.

Tenho outras infinitas raridades mais extraordinarias ; mas não sendo do nosso uso, não acho na nossa lingua termos proprios, que te possão dar huma idéa.

Guardo-te cuidadosamente todas estas dádivas, meu amado Aza : além do prazer, que eu terei da tua surpreza, quando as vires, indubitavelmente ellas te pertencem. Se o *Cacique* não fosse teu vassallo, pagar-me-hia hum tributo, que sabe não ser devido senão ao teu lugar supremo? o respeito, com que

sem-

sempre me tratou, me tem feito conjecturar, que o meu nascimento não lhe he desconhecido. Os presentes, com que me honra, me persuadem, sem alguma dúvida, que elle não ignora, que eu devo ser tua esposa, pois que me trata com antecedencia de *Mama-Oella* (a).

Esta certeza me anima, e socega huma parte das minhas inquietações: conheço que só me falta o poder exprimir-me, pára saber do *Cacique* quaes sejão os motivos, que o obrigão a deter-me na sua casa, e para o determinar a restituir-me ao teu Imperio; porém até esse tempo, tenho ainda muitos tormentos que soffrer.

Falta muito á indole de *Madama* (este he o nome da Mãi de *Deterville*) para ser tão generosa como os seus filhos. Em vez de me tratar com igual bondade; demonstra-me em toda a occasião huma indifferença, e hum desdem, que

(a) He o nome, que tomavão as Rainhas, quando subião ao Throno.

que me mortificão, o qual não sei de donde procede, e, por huma opposição de sentimentos, que menos comprehendo, exige que eu esteja continuamente com ella, o que para mim he hum tormento insupportavel: porque aonde está esta severa mulher, reina o constrangimento. *Celina*, e seu irmão só me dão furtivamente provas de amizade; elles mesmos não se atrevem a conversar com liberdade na sua presença: continuão a passar huma parte das noites em a minha camara; este he o unico tempo, em que gozamos pacificamente a satisfação de nos ver; bem que eu pouco participo da sua conversa, a sua presença sempre me agrada. Fazem quanto podem, para que eu seja feliz. Ai de mim! meu amado Aza, elles ignorão, que eu o não posso ser longe de ti, e que não me persuado viver, senão á proporção que a tua lembrança, e o meu terno affecto inteiramente me occupão.

CARTA XVI.

RESTão-me tão poucos *Quipos*, amado Aza, que apenas me atrevo a fazer uso delles. A minha tímida mão, e para melhor dizer, avára, os ata, receosa de os ver acabar, como se eu podesse, poupando-os, multiplicallos. Finalizão-se os prazeres da minha alma, e o arrimo da minha vida: nada alliviará o pezo da tua ausencia: eu serei opprimida.

Oh meus amados *Quipos*! eu gozava a satisfação de conservar por este meio a memoria dos mais secretos movimentos do meu coração, esperando offerecer-te hum dia esta agradavel pintura: queria igualmente conservar a lembrança dos principaes costumes desta Nação, para divertir o teu ocio em hum tem-

po mais feliz. Ai de mim! resta-me bem pouca esperança de poder executar os meus projectos.

Se presentemente encontro tantas difficuldades para pôr em ordem as minhas idéas, como poderei recordallas sem hum soccorro estranho? He verdade, que me offerecem hum, mas a execução me parece tão difficil, que a julgo impossivel.

Por ordem do *Cacique*, vem todos os dias hum selvagem deste Paiz dar-me lições da sua Lingua, e do modo que a adoptárão aqui para dar huma especie de existencia aos pensamentos.

Isto se faz delineando com huma pena pequeninas figuras, que se chamão letras, sobre huma materia branca, e delicada, a que chamão *papel*: estas figuras tem nomes, que, misturados, representão o som das palavras; porém estes nomes, e estes sons parecem-me tão pouco distinctos huns dos outros, que se consigo hum dia entendellos, estou certa, que será á custa de muitos tra-

trabalhos. He incrivel quantos soffre este pobre selvagem para me instruir, eu faço o maior esforço para aprender, porém o progresso he tão diminuto, que renunciaria a empreza, se tivesse outro meio para me informar do nosso destino. Mas por desgraça he este o unico, amado Aza! este novo, e singular estudo será o meu prazer. Desejava estar todo o dia só, a fim de me entregar a esta occupação sem descanço; porém a obrigação imposta de estar sempre no quarto de Madama, se converte em mim em hum supplicio.

Ao principio, excitava a curiosidade dos outros, e divertia a minha; porém quando se faz sómente uso dos olhos, elles são bem depressa satisfeitos. Todas as mulheres pintão o rosto da mesma côr; tem sempre as mesmas maneiras; persuado-me, que dizem sempre as mesmas cousas. As apparencias são mais variadas nos homens. Alguns tem ar de pensar; mas supponho,

que esta Nação, geralmente fallando, não he tal, qual se manifesta: affectação me parece o seu caracter dominante.

Se as demonstrações de zelo, e affecto, de que ornão aqui os menores deveres da sociedade, fossem naturaes, indispensavelmente, amado Aza, estes Póvos terião no coração mais bondade, e mais humanidade, que os nossos: por ventura póde isto pensar-se?

Se tivessem verdadeiramente o animo tão tranquillo, como o rosto; se a sua inclinação á alegria, que observo em todas as suas acções, fosse sincera, escolherião para o seu divertimento espectaculos taes, como aquelle, que me fizerão ver?

Conduzírão-me a hum lugar, aonde se representão, quasi como no teu palacio, as acções dos homens, que não existem (*a*), com es-

---

(*a*) Os Incas fazião representar huma especie de Comedias, cujos motivos erão tirados das melhores acções dos seus antecessores.

esta differença, que nós recordamos aos espectadores a memoria dos mais sábios, e dos mais virtuosos, e aqui persuado-me, que celebrão os insensatos, e os máos.

Aquelles, que os representão, gritão, e agitão-se como furiosos: eu vi hum delles arrebatar-se de raiva, até ao ponto de se matar a si p oprio. Algumas bellas mulheres, que segundo as apparencias, são perseguidas pelos tyrannos, chorão de contínuo, e fazem certos gestos de desesperação, que não tem necessidade das palavras de que as acompanhão, para deixar conhecer o excesso da sua dor.

Póde acreditar-se, meu amado Aza, que todo hum Povo, cujas apparencias são tão cheias de humanidade, se divirta com a representação das infelicidades, ou dos crimes, que em outro tempo envilecêrão, e opprimírão os seus semelhantes?

Póde ser, que neste Paiz seja necessario excitar o horror ao vicio,

cio, para conduzir á virtude. Este pensamento me occorreo sem o procurar; se elle he verdadeiro, quanto me compadeço desta Nação! a nossa, mais favorecida da natureza, ama o bem pelos seus proprios attractivos; basta haver modelos de virtude, para virem a ser virtuosos, assim como basta amar-te, para vir a ser amavel.

CARTA XVII.

NÃo sei que mais possa pensar do genio desta Nação, meu amado Aza: ella vai de hum extremo ao outro com tanta rapidez, que precisava ser mais habil do que eu, para dar a minha opinião sobre o seu caracter.

Conduzírão-me a ver outro espectaculo totalmente opposto ao primeiro. Aquelle cruel, espantoso,

repugna á razão, e humilha a humanidade: este diverte, agrada, imita a natureza, e faz honra ao bom senso; he composto de hum número de gente muito maior que o primeiro. Representão-se igualmente as acções da vida humana; mas, seja que exprimão a pena, ou o prazer, a alegria, ou a tristeza, isto se faz sempre por meio de canticos, ou danças.

He indispensavel, amado Aza, que a intelligencia dos sons seja universal; porque me foi difficil sentir a impressão das diversas paixões, que se representárão, como se fossem expressas na nossa lingua; isto me parece bem natural.

A linguagem humana, sem dúvida, he invenção dos homens, pois que differe em todas as Nações. A natureza, mais poderosa, e mais attenta ás necessidades, e aos prazeres das suas creaturas, lhe tem dado meios geraes para se exprimirem; que são muito bem imitados pelos canticos, que eu ouvi.

Se he certo que n'hum susto, ou em huma violenta dor, os gritos são mais energicos para exprimirem a necessidade do soccorro, do que as palavras, que se ouvem em huma parte do Mundo, e que não tem significação na outra; não he menos indubitavel, que os ternos gemidos tocão os nossos corações com huma compaixão muito mais efficaz, do que as palavras, cuja ordem estravagante produz commummente hum effeito contrario.

Os sons vivos, e ligeiros inspirão infallivelmente na nossa alma o alegre prazer, que imperfeitamente faz a relação de huma historia divertida, ou de huma sagaz galanteria.

Em que lingua se achão expressões, que possão communicar o ingenuo prazer com tanto successo, como os innocentes brincos dos animaes? Parece que as danças os querem imitar, ao menos produzem quasi o mesmo sentimento.

Em

Em fim, amado Aza, neste espectaculo tudo he conforme com a natureza, e a humanidade. Ah! que maior bem se póde fazer aos homens, que inspirar-lhes a alegria? ella se insinuou no meu coração, e me arrebatou a meu pezar, quando foi perturbada por hum accidente, que aconteceo a Celina.

Quando sahimos, nos apartámos hum pouco da multidão, encostadas huma á outra pelo temor de cahir, e *Deterville* estava alguns passos adiante de nós com sua cunhada, que elle conduzia, quando hum selvagem de bella figura chegou a Celina, disse-lhe algumas palavras em baixa voz, e deo-lhe hum pedaço de papel, que apenas ella o recebeo, se retirou.

Celina ao seu encontro de tal modo se assustou, que eu mesma senti o tremor, que a agitou, voltou a cabeça debilmente para elle, quando nos deixou. Pareceo-me tão fraca, que julgando-a atacada de algum mal repentino, eu hia chamar

mar *Deterville* para lhe dar soccorro; mas ella me segurou, impondo-me silencio, pondo hum dos seus dedos sobre a boca; não lhe quiz desagradar, e resolvi-me a ficar com a minha inquietação.

Em a mesma noite, quando o irmão, e a irmã entrárão no meu quarto, *Celina* mostrou ao *Cacique* o papel, que tinha recebido: do pouco que pude entender da sua conversação, pensaria que ella amava o mancebo, que lho tinha dado, se fosse possivel, que a presença do objecto amado podesse occasionar susto.

Poderia, amado Aza, participarte outras muitas observações, que tenho feito; mas, ai de mim! vejo o fim aos meus cordões, fórmo os ultimos nós; estes nós, que me parecem ser huma cadêa de communicação do meu para o teu coração, agora são os tristes objectos das minhas affeições. A illusão me deixa; a terrivel verdade lhe succede, os meus pensamentos, errantes

em

em o vacuo immenso da ausencia, se anniquilaráõ para o futuro com a mesma rapidez com que o tempo passa. Oh meus fiéis interpretes! oh meus *Quipos*! oh meu amado Aza! acabão se! a minha mão trémula deixa de os atar. Parece me, amado Aza, que o cruel destino nos separa outra vez, que de novo me arrancão ao teu amor. Perco-te, deixo-te, não tornarei mais a ver-te. Aza! esperança do meu coração, quanto estamos distantes hum do outro!

CARTA XVIII.

QUanto tempo destruidor da minha vida tem passado, amado Aza! o Sol tem finalizado metade da sua carreira depois da ultima vez, que gozei a felicidade artificial, em que figurava con-

conversar comtigo. Oh, quanto me tem parecido longa esta dupla ausencia! que valor não tenho carecido para a supportar! eu vivia só para o futuro; o presente não me parecia digno de consideração. Todos os meus pensamentos erão desejos; todas as minhas reflexões, projectos; todos os meus sentimentos, esperanças.

Apenas posso formar estas figuras, apresso-me a fazellas interpretes do meu coração, sinto-me reanimada por esta terna occupação. Restituida a mim mesma, persuado-me que principío a viver. Aza, quanto te amo! que contentamento acho em to dizer, em dar a este sentimento todas as fórmas de existencia, que póde receber! desejava gravallo no mais duro metal, sobre as paredes da minha camara, sobre os meus vestidos, e sobre tudo o que me rodêa, assim como exprimillo em todas as linguas.

Ai de mim! como a intelligencia desta, de que agora me sirvo, me

me tem sido funesta! como era enganosa a esperança, que me obrigou a instruir-me! á proporção que eu adquiria o conhecimento. via surgir aos meus olhos, por assim dizer, hum novo Universo; os objectos tem tomado outra fórma: cada descuberta me manifesta huma nova desgraça.

O meu espirito, o meu coração, os meus olhos, tudo me tem seduzido; o mesmo Sol me tem enganado. Elle illumina a todo o Mundo, do qual o teu Imperio occupa huma porção, como igualmente outros Reinos, que o compoem. Não crêas, amado Aza, que me tem enganado sobre estes factos incriveis; assás tem sido bem provados.

Longe de estar entre Póvos, que te sejão sujeitos, estou não sómente debaixo de hum dominio estrangeiro, mas tão distante do teu Imperio, que a nossa Nação seria ignorada ainda neste Paiz, se a cub ça dos Hespanhóes lhes não fizesse

se vencer perigos horrorosos para penetrarem na nossa patria.

Não póde o amor fazer, o que tem feito a cubiça das riquezas? se tu me amas, se me desejas, se pensas ainda na infeliz *Zilia*, devo tudo esperar da tua ternura, da tua generosidade. Ensinem-me embora o caminho, que me póde conduzir para ti; os perigos a vencer, as fadigas a supportar, tudo serão prazeres para o meu coração.

CARTA XIX.

AInda estou tão pouco habil na arte de escrever, meu amado Aza, que me he preciso hum tempo infinito para formar muito poucas regras. Acontece-me muitas vezes, que depois de ter escrito muito, não posso advinhar o que eu cria ter exprimido. Isto confunde as minhas

nhas idéas, e me faz esquecer o que tinha recordado com trabalho a minha memoria, torno a principiar; não o faço melhor, mas com tudo continúo.

Acharia mais facilidade, se devesse sómente representar-te o meu terno affecto; a vivacidade dos meus sentimentos destruiria todas as difficuldades. Mas eu quero tambem dar-te conta de tudo o que tenho passado durante o intervallo do meu silencio. Não quero, que tu ignores alguma das minhas acções; não obstante serem ellas ha muito tempo tão pouco interessantes, e tão uniformes, que me será impossivel distinguir humas das outras.

O principal acontecimento da minha vida tem sido a partida de *Deterville.*

Depois de hum espaço de tempo, a que chamão *seis mezes*, elle foi para a guerra, pelos interesses do seu Soberano. Quando partio, ignorava eu ainda o uso da sua Lingua; mas a grande afflic-

ção,

ção, que demonstrou, separando se de sua irmã, e de mim, me fez comprehender, que nos deixava por muito tempo.

Derramei muitas lagrimas, nascêrão no meu coração mil inquietações, que a amavel bondade de *Celina* não podia socegar. Perdia eu sua ausencia a mais sólida esperança de tornar a ver-te. A quem poderia recorrer, se me acontecessem novas desgraças? Ninguem me ouviria.

Não tardei em experimentar os effeitos desta ausencia. Madama, de quem eu tinha conhecido muito bem o desprezo, e que me retinha na sua camara, por hum não sei que de vaidade, segundo dizem, que ella tirava do meu nascimento, e do poder, que tinha arrogado sobre mim, me fez encerrar com *Celina* em huma casa de Virgens, aonde estamos ainda.

Este azylo não me desagradaria, se agora, que tudo posso entender, não me privasse das ins-

truc-

trucções necessarias ao designio, que fórmo de ir procurar-te. As Virgens, que aqui habitão, são tão ignorantes, que não podem satisfazer a menor das minhas curiosidades.

O culto, que dão á Divindade do Paiz, exige, que renunciem a todos os seus beneficios; isto he, á luz do entendimento, aos sentimentos do coração, e persuado-me que mesmo á razão, ao menos os seus discursos assim o deixão pensar.

Fechadas como as nossas, tem huma commodidade, que nós não temos no Templo do Sol; as paredes em alguns lugares são abertas, fechadas sómente com pedaços de ferro, cruzados muito perto huns dos outros, para impedirem a sahida, deixando a liberdade de ver, e conversar com as pessoas de fóra; este lugar he que se chama grade.

Por este meio, he que eu continúo a tomar lições de escrita. Fal-

lo sómente ao Mestre, que mas dá, porém como elle nada sabe á excepção da sua arte, não póde tirar-me da minha ignorancia. *Celina* não me parece mais bem instruida; observo nas suas respostas hum certo embaraço, que não póde proceder, senão de huma dissimulação inexperta, ou de huma vergonhosa ignorancia. Seja como for, a sua conversação sempre he limitada aos interesses do seu coração, e aos da sua familia.

O homem gentil, que lhe fallou, quando sahimos do espectaculo, aonde se cantava, he seu amante, como eu o tinha pensado. Madama *Deterville* não quer consentir nesta união, prohibe-a o vello, e para o impedir com mais segurança, tem dado ordem para que ella não falle com pessoa alguma.

Não he porque a escolha seja indigna della; mas esta Mãi desnaturalizada, e cheia de vangloria, aproveita-se de hum barbaro uso, estabelecido entre os grandes Senho-

res

res do Paiz, para constranger *Celina* a tomar o habito de Virgem, a fim de enriquecer seu filho primogenito. Pelo mesmo motivo obrigou *Deterville* a entrar em huma certa Ordem Religiosa, da qual não poderá sahir, logo que tiver pronunciado humas palavras, a que chamão votos.

Celina resiste, quanto póde, ao sacrificio, que exigem della; o seu valor he animado com as cartas do seu amante, que eu recebo do meu Mestre de escrita, e que lhe entrego; as suas afflicções tem mudado de tal modo o seu caracter, que em vez de me tratar com a mesma bondade, que me demonstrava, antes de eu fallar a sua lingua, ella espalha em o nosso commercio hum desgosto, que irrita as minhas penas.

Confidente perpétua das suas, ouço-a sem dissabor, compadeço-me della, e consolo-a com amizade, mas se a minha ternura, despertada pela sua, me obriga a procurar al-

livio ao meu coração opprimido, pronunciando só o teu nome, a impaciencia, e o desprezo logo se pintão sobre o seu rosto; ella nega-me os teus talentos, as tuas virtudes, e até o teu amor.

A minha *China*, (não lhe sei dar outro nome, este pareceo engraçado, e os de casa lho continuárão) a minha *China*, que parece amar-me, e que sempre me obedece, toma o atrevimento de exhortar-me a que me esqueça de ti; se a mando calar, ella sahe: *Celina* chega, sou constrangida a occultar as minhas afflicções. Esta sugeição tyrannica he o cume dos meus males. Não me resta mais, que apenas a satisfação de cobrir este papel com as expressões do meu terno affecto, pois que elle he a unica testemunha docil dos sentimentos do meu coração.

Ai de mim! póde ser que eu tome penas inuteis; póde ser que tu ignores para sempre, que eu tenho vivido só para ti. Este horrivel

vel pensamento abate o meu animo, sem que interrompa a resolução, que tenho formado de continuar a escrever-te. Conservo esta illusão, para te conservar a minha vida, aparto a barbara razão, que me quer instruir: se não esperasse tornar a ver-te, amado Aza, perderia indubitavelmente a vida, pois sem ti ella vem a ser hum supplicio.

CARTA XX.

ATé agora, meu amado Aza, occupada com as penas do meu coração, tenho deixado de fallar-te daquellas, que atormentão o meu espirito: com tudo ellas não são menos crueis. Experimento huma de hum genero desconhecido entre nós, causada pelos usos geraes desta Nação, tão differentes dos nossos, que, se te não dér alguma idéa, não

não poderás compadecer-te das minhas mortificações.

O governo deste Imperio he inteiramente opposto ao do teu, e não póde deixar de ser defeituoso. O *Capa Inca* he obrigado a provêr os seus Póvos de subsistencia; em Europa os Soberanos tirão a sua do trabalho dos seus Vassallos; logo os crimes, e os infelices procedem todos da miseria.

A desgraça dos nobres, geralmente fallando, nasce das difficuldades, que elles encontrão, para conciliar a sua magnificencia apparente com a sua miseria effectiva.

As gentes do commum sustentão o seu estado por hum meio, a que chamão commercio, ou industria; a má fé he o menor dos crimes, que disto resultão.

Huma parte do Povo he obrigada, para viver, de recorrer á humanidade dos outros; porém os effeitos são tão limitados, que apenas estes infelices obtém com que não morrão de fome.

Sem

Sem ter ouro, he impossivel adquirir huma porção daquella terra, que a natureza tem igua mente concedido a todos os mortaes. Sem possuir isto, a que chamão bens, he impossivel ter ouro; e por huma inconsequencia, que offende a razão, esta soberba Nação, seguindo as leis de huma falsa honra, que ella tem inventado, reputa deshonra o receber de qualquer outra pessoa, que não seja o Soberano, o que he necessario para o sustento da vida, e do seu estado. Este Soberano espalha as suas liberalidades sobre hum tão pequeno número dos seus Vassallos, em comparação da immensa quantidade de necessitados, que haveria tanta loucura em aspirar a ter nellas parte, como ignominia em libertar-se por meio da morte, da impossibilidade de viver sem opprobrio.

O conhecimento destas tristes verdades excitou no meu coração a piedade pelos indigentes, e a indignação contra as leis. Mas, ai

de

de mim ! qual foi a minha confusão , quando ouvi o desp esivel modo , com que fallavão daquelles , que não são ricos , que crueis reflexões eu fiz a meu respeito ! não tenho ouro , nem terras , nem industria ; sou necessariamente huma das habitantes desta Cidade Oh Ceos ! em que classe devo contemplar-me ?

Ainda que todo o sentimento de vergonha , que não procede de hum crime commettido , me seja totalmente desconhecido ; ainda que eu conheça , quanto he insensato recebello por causas independentes do meu poder , ou da minha vontade , não posso deixar de entristecer-me com a idéa , que os outros terão de mim. Esta pena seria insupportavel , se não esperasse que a tua generosidade me porá hum dia em estado de recompensar aquelles , que me humilhão com dádivas , com as quaes me persuadia que me honravão.

He ve dade que *Celina* procura com toda a bondade socegar as

mi-

minhas inquietações a este respeito; mas o que vejo, e o que oiço das gentes deste Paiz, me faz em geral desconfiar das suas palavras; as suas virtudes, amado Aza, não tem mais realidade, que as suas riquezas. Os móveis, que julgava de ouro, tem só a superficie; a sua verdadeira consistencia he madeira: do mesmo modo, isto, a que chamão politica, occulta ligeiramente os seus defeitos debaixo da mascara de virtude; mas com huma pouca de attenção, descobre-se facilmente o artificio, assim como o das suas falsas riquezas.

A maior parte destes conhecimentos são devidos a huma sorte de escrita, a que chamão livros: não obstante encontrar ainda muita difficuldade para os entender, elles me são muito uteis; pois que delles tiro algumas noções; *Celina* explica-me o que ella sabe, e eu arranjo as idéas, que me parecem justas.

Alguns destes livros ensinão o que os homens tem feito, e outros,

o que elles tem pensado. Não posso bem dize-te, amado Aza, qual seria a satisfação, que teria em os ler, se os entendesse melhor, e o excessivo desejo, que tenho de conhecer alguns dos homens divinos, que os compõe. Conheço que elles são para a alma, o mesmo que o Sol he para a terra, e estou persuadida que achareí na sua conversação todas as luzes, e todo o soccorro, de que tenho necessidade: porém não vejo alguma apparencia de poder já mais ter esta satisfação. Ainda que *Celina* lê muito, não he assás instruida para me satisfazer; apenas tem ella pensado, que os livros fossem feitos por homens; ignora os seus nomes, e se ainda vivem.

Eu te levarei, amado Aza, todas estas admiraveis obras, que puder juntar, explicar-tas-hei na nossa lingua, gozarei a suprema felicidade de causar hum novo prazer áquelle, a quem amo. Ai de mim! poderei effeituallo?

CAR-

CARTA XXI.

NUnca já mais deixarei de ter assumpto para te entreter, amado Aza; tive occasião de fallar a hum *Cussipata*, a que chamão aqui Religioso, instruido em todas as sciencias; e le prometteo não me deixar ignorante de cousa alguma. Civíl como hum grande Senhor, sábio como hum Amauta, elle sabe perfeitamente os usos da sociedade civil, assim como os dogmas da sua Religião A sua conversação, mais util do que hum livro, me tem dado huma satisfação, que eu não tinha gozado, depois que as minhas infelicidades me separárão de ti.

Veio para me instruir na Religião de França, e para exhortar-me a abraçalla.

As virtudes, que ella prescreve, segundo o modo com que me fallou,

lou, são tiradas da lei natural, e dizendo a verdade, são tão puras como as nossas; porém não tenho assás perspicacia para conhecer a relação que deve haver das suas maximas com os costumes, e usos desta Nação; antes lhe acho huma inconsequencia tão notavel, que repugna á minha razão, e me parece indubitavelmente incomprehensivel.

A origem, e principios desta Religião, não me parecem mais incriveis, do que a historia de *Man ocapac*, e da lagôa *Tissicaca* (*a*); a moral he tão perfeita, que eu teria escutado o *Cussipata* com muito maior complacencia, se não fallasse com desprezo do sagrado culto, que nós damos ao Sol; toda a parcialidade destróe a confiança. Poderia applicar aos seus discursos o mesmo, que elle oppunha aos meus; mas se as leis da natureza prohibem tocar no seu semelhante, porque he fazer-lhe hum mal,

(*a*) Veja-se a historia dos Incas.

mal, com muita maior razão se não deve offender a sua alma pelo desprezo das suas opiniões. Contentei-me de lhe explicar os meus sentimentos, sem contradizer os seus.

Em fim hum motivo mais interessante me estimulava a mudar de conversação: logo que me foi possivel o interrompi, para lhe fazer algumas perguntas a respeito da distancia, que ha da Cidade de París á Cidade de *Cusco*, e da possibilidade de fazer a passagem. O *Cussipata* satisfez com bondade as minhas perguntas, ainda que me representou a distancia destas duas Cidades de hum modo capaz de me fazer perder a paciencia, e me fez ver como invenciveis as difficuldades de fazer a viagem, bastou-me o saber que era possivel, para fortalecer o meu valor, e para me determinar a communicar o meu designio ao bom Religioso.

Elle ficou attonito, procurou dissuadir-me de huma empreza com palavras tão aprazíveis, que me enter-

terneceo com a pintura, que fez dos perigos, a que eu me queria expôr: a pezar de tudo, não mudei de resolução; antes roguei ao *Cussipata* com as mais fortes instancias, que me ensinasse os meios de voltar para a minha patria. Elle não quiz entrar em alguma circumstancia, e disse-me sómente que *Deterville*, pelo seu illustre nascimento, e pelo seu merecimento pessoal, gozando de huma grande consideração, poderia, neste particular, quanto quizesse; que tendo hum Tio poderosissimo na Corte de Hespanha, podia mais facilmente que outra pessoa, procurar-me noticias do nosso desgraçado Paiz.

Para determinar-me inteiramente a esperar a sua vinda, segurou-me que estava proxima, ajuntou, que em attenção ás obrigações, que eu devia a este generoso amigo, não podia com decencia dispôr de mim sem o seu consentimento. Concordei com o seu dizer, escutei com prazer o elogio, que elle fez das

ra-

raras qualidades, que distinguem *Deterville* das pessoas da sua qualidade. O pezo do reconhecimento he muito suave, meu amado Aza, quando se recebe das mãos da virtude.

Este homem erudito me informou igualmente, de como o acaso tinha levado os Hespanhóes ao teu desgraçado Imperio, e que a sede do ouro era a unica causa da sua crueldade. Depois explicou-me de que modo o direito da guerra me tinha feito cahir nas mãos de *Deterville* por hum combate, do qual sahio victorioso, depois de ter tomado muitas náos aos Hespanhóes, em cujo número entrava aquella, que me transportára.

Em fim, amado Aza, se elle tem confirmado as minhas desgraças, ao menos livrou-me da cruel obscuridade, em que vivia a respeito de tantos acontecimentos funestos, e este não he hum pequeno allivio ás minhas penas; espero que *Deterville* fará o resto: elle he nobre, humano, virtuoso, devo confiar

fiar na sua generosidade. Se me conduzir para ti, que beneficio! que alegria! que felicidade!

CARTA XXII.

ESperava, amado Aza, formar hum amigo do sabio *Cussipata*; porém a segunda visita, que me fez, destruio a boa opinião, que eu tinha formado delle em a primeira.

Se ao principio me pareceo affavel, e sincero, desta vez só tenho achado aspereza, e falsidade em tudo quanto me tem dito.

Tendo o espirito tranquillo a respeito dos interesses da minha ternura, queria satisfazer a minha curiosidade, sobre os homens admiraveis, que compõe livros; principiei por informar-me do lugar, que occupão no Mundo, e da veneração, que tem por elles; em summa das honras, ou dos triunfos, que se lhes

lhes conferem por tantos bens, que espalhão na sociedade.

Não sei o que o *Cussipata* achou de galanteria nas minhas perguntas, mas surria-se a cada huma, e respondeo-me com discursos tão pouco moderados, que facil foi conhecer que elle me enganava.

Com effeito, se devo prestarlhe fé, estes homens, sem dúvida alguma, superiores aos outros pela nobreza, e utilidade do seu trabalho, ficão commummente sem recompensa, e são obrigados, para sustentarem a sua vida, a conterem os seus pensamentos, assim como a plebe vende, para subsistir, as producções mais vis da terra. Isto he possivel?

O engano, amado Aza, tanto me desagrada debaixo da transparente mascara da zombaria, como do denso véo da seducção; e aquelle do Religioso me irritou, e não lhe quiz responder.

Não esperando satisfazer a minha

nha curiosidade a respeito deste particular, voltei a conversação sobre o projecto da minha viagem; porém, em vez de me dissuadir com a mesma affabilidade que a primeira vez, oppôz-me tão fortes razões, e tão evidentes, que me deixaria convencer, se o meu amor, e a minha ternura não combatessem a teu favor, o que não duvidei confessar.

Surrindo-se então, e parecendo duvidar da verdade das minhas palavras, respondeo-me com zombarias, bem que insipidas, não deixárão de me offender; esforcei-me para o convencer da verdade; mas á proporção que as expressões provavão os sentimentos do meu coração, o seu rosto, e as suas palavras vierão a ser severas; atreveose a dizer-me, que o meu amor a teu respeito era incompativel com a virtude, que devia renunciar a hum, ou a outra; em fim que não podia amar-te sem crime...

A taes palavras insensatas, a

mais

mais viva cólera se apoderou do meu coração; transportada fóra da moderação, que me tinha prescripto, rompi em injúrias contra elle; deilhe a conhecer quanto me parecião extravagantes as suas palavras, e protestei mil vezes que sempre te amaria, e sem esperar as suas desculpas, o deixei, e corri à fechar-me na minha camara, aonde eu estava segura, que elle não me podia seguir.

Oh, meu amado Aza! como he extravagante a razão deste Paiz! ella convém em geral, que a primeira das virtudes consiste em beneficiar, e ser fiel ás obrigações; prohibe em particular seguir aquellas, que o sentimento mais puro tem formado. Ordena o reconhecimento, e parece prescrever a ingratidão.

Seria louvavel, se eu te restabelecesse sobre o Throno de teus Pais; sou culpavel, conservando-te hum bem mais precioso, que todos os Imperios do Mundo. Se recompensasse os teus beneficios com

os thesouros do Perú, approvar-me-hião. Desprovida de tudo, exposta aos caprichos da sorte, não tenho outro thesouro mais, que o meu coração, e pertendem que eu to roube; he preciso ser ingrata, para ter virtude. Ah, meu amado Aza! eu as trahiria todas, se hum momento deixasse de te amar. Fiel ás suas leis, eu o serei ao meu amor, viverei para ti só.

CARTA XXIII.

AMado Aza, persuado-me que só a alegria de te ver póde exceder áquella, que me tem causado a chegada de *Deterville*; porém não me he permittido gozalla sem mistura, e foi bem depressa seguida de huma tristeza, que ainda dura.

Celina estava hontem de manhã no meu quarto, quando a vierão mis-

misteriosamente chamar; pouco tempo depois de me ter deixado, mandou dizer-me que fosse á grade, fui. Qual foi a minha surpreza achando-a na companhia de seu irmão!

Não dissimulei a alegria, que me inspirava a sua vista; eu lhe devo estimação, e amizade; estes sentimentos são quasi virtudes; eu o exprimia com tanta verdade, como o sentia.

Via o meu libertador, o protector das minhas esperanças; era chegado o tempo de fallar com liberdade de ti, do meu amor, dos meus projectos; a minha alegria me transportava.

Não fallava ainda Francez, quando *Deterville* partio; quantas cousas tinha para lhe contar! quantas perguntas para lhe fazer! quantos agradecimentos para lhe dar! eu queria dizer tudo de huma vez, explicava-me mal, e com tudo não cessava de fallar.

Adverti, que durante este tempo,

po, a tristeza, que tinha observado no semblante de *Deterville*, quando entrei, se dissipava, e cedia pouco a pouco a alegria: eu me lisongeei, e procurei excitalla muito mais. Ai de mim! devia temer, occasionalla excessiva a hum amigo, a quem devo tantas obrigações, e do qual tudo espero? não obstante, a minha sinceridade o lançou em hum erro, que presentemente custa muitas lagrimas.

Celina sahio da grade no mesmo tempo, em que eu entrei. Prouvera ao Ceo, que ella se não tivesse retirado! póde ser que a sua presença impedisse huma explicação tão cruel.

Deterville attento ás minhas palavras parecia gostar de as ouvir, sem pensar a interromper-me: não sei porque senti perturbar-me, quando lhe quiz fazer algumas perguntas a respeito da minha viagem, e explicar-lhe o motivo; mas as expressões faltárão-me, e andava-as procurando; elle aproveitando-se des-

deste momento de silencio, pôz hum joelho em terra diante da grade, á qual se segurava com as mãos, e me disse com huma voz terna: a que sentimento, divina *Zilia*, devo attribuir o prazer, que vejo tão naturalmente expresso nos vossos bellos olhos, e nos vossos discursos? sou eu o mais feliz dos homens; ao mesmo momento em que minha irmã acaba de me dizer que sou o mais infeliz? não sei, lhe respondi, que desgosto vos poderia causar *Celina*; mas estou certissima que de mim não recebereis algum. Disse-me, replicou elle, que não devia esperar ser amado de vós. Eu! exclamei, interrompendo-o, eu não vos amo!

Ah, *Deterville*! como póde vosa irmã denegrir-me com hum tal crime? a ingratidão me horroriza; aborreceria a mim mesma, se me persuadisse, que poderia deixar de vos amar toda a minha vida.

Em quanto eu pronunciava estas

pou-

poucas palavras, parecia desejar com a sua vista lêr na minha alma.

Vós me amais, *Zilia*, disse elle, vós me amais, e mo dizeis! déra a minha vida para ouvir esta encantadora declaração; mas não a posso crer, ao mesmo tempo que a ouço. *Zilia*, amada *Zilia*, he verdade que me amais? não vos enganais a vós mesma? o som da vossa voz, os vossos olhos, o meu coração, tudo me seduz. Será precisamente para me sepultar com mais crueldade na desesperação, de que apenas saio?

Vós me causais admiração, respondi, de donde nasce a vossa desconfiança? depois que vos conheço, se não podia fazer-me entender por palavras, todas as minhas acções não deverião provar-vos que eu vos amo? não, replicou ele, não posso lisongear-me ainda de tanta felicidade: não fallais o Francez assás bem, para destruir os meus justos temores; sei que a vossa intenção não he enganar-me; porém

ex-

explicai-me, que sentido dais a estas adoraveis palavras: eu vos amo. A minha sorte seja decidida, morra aos vossos pés de afflicção, ou de prazer.

Estas palavras, lhe disse hum pouco intimidada da vivacidade, com que pronunciou as ultimas, que proferio, estas palavras devem, eu o creio, fazer-vos conhecer que vos amo, que a vossa sorte me interessa, que a amizade, e a gratidão me ligão a vós; estes sentimentos agradão ao meu coração, e devem satisfazer o vosso.

Ah, *Zilia*! me respondeo, quanto se enfraquecem os vossos termos, o som da vossa voz como se resfria! *Celina* ter-me-hia dito a verdade? Aza não he o objecto dos sentimentos, que me declarais? não, lhe disse, o sentimento, que tenho por Aza, he todo diverso daquelles, que tenho por vós: o que inflamma por elle o meu coração, he o mesmo, que vós chamais amor.

Que pena vos póde isto causar,

con-

continuei, vendo desmaiar, e largar a grade, e lançar ao Ceo a vista cheia de afflicção? consagro o meu amor a Aza, porque elle me consagra o seu, e porque estamos destinados a unir-nos. Que relação ha nisto comvosco? a mesma, replicou elle, que achais entre vós, e elle, pois que vos tenho mil vezes mais amor do que elle.

Como póde ser? lhe disse, vós não sois da minha Nação: longe de me escolheres por vossa esposa, só o acaso nos fez conhecer, e mesmo hoje he que podemos livremente communicar as nossas idéas. Porque razão tereis por mim os sentimentos, de que me fallais?

He preciso outra, mais que os vossos encantos, e o meu caracter; me replicou, para me ligarem a vós até á morte? naturalmente terno, indolente, inimigo do artificio, a difficuldade de penetrar no coração das mulheres, o temor de não achar a franqueza, que desejo, só me tem deixado por ellas hum gos-

to

to vago, e passageiro; tinha vivido sem paixão amorosa, até ao momento em que vos vi: a vossa belleza me tocou; mas a sua impr ssão seria forçosamente tão ligeira, como a de cutras muitas, se a affabilidade, e a ingenuidade do vosso caracter não me fizessem reconhecer o objecto, que a minha imaginação tinha muitas vezes formado. Vós sabeis, *Zilia*, se eu tenho respeitado este objecto da minha adoração! quanto me tem custado resistir ás occasiões seductoras, que me offer cia a familiaridade de huma l nga navegação! quantas vezes a vossa innocencia vos teria entregue aos meus transportes, se eu os tivesse escutado! porém longe de vos offender, contive o meu amor nos limites do mais respeitoso silencio; antes tenho exigido de minha irmã, que não vos fallasse do meu affecto; nada tenho que:ido dever a outrem, senão a vós mesma. Ah, *Zilia*! se não vos enternecceis de hum obsequio tão respei-

to-

toso, fugir-vos-hei, mas, já o prevejo, a minha morte será o preço do sacrificio.

A vossa morte! exclamei, penetrada da sincera dor, de que o via opprimido; ai de mim! que sacrificio! não sei se o da minha vida seria para mim menos horrivel.

Pois então, *Zilia*, me disse elle, se amais a minha vida, ordenai que eu viva. Que he preciso que eu faça, lhe perguntei? amarme, me respondeo, como vós amaveis a Aza. Eu o amo sempre do mesmo modo, repliquei, e o amarei até á morte. Não sei se as vossas leis permittem amar dois objectos do mesmo modo; porém os nossos costumes, e o meu coração mo prohibem. Contentai-vos dos sentimentos, que vos prometto, não posso ter outros; amo a verdade, e fallo-vos com sinceridade.

Como de sangue frio me assassinais! exclamou elle: Ah, *Zilia*! quanto vos amo, pois que adoro até a vossa cruel franqueza! he muito!

to! continuou, e depois de guardar alguns momentos silencio, disse, o meu amor excederá a vossa crueldade. Amo a vossa felicidade mais do que a minha. Continuai a fallar-me com a mesma sinceridade, bem que me seja tão cruel. Dizei-me qual he a vossa esperança a respeito do amor, que conservais por Aza?

Ai de mim! eu só a tenho em vós, lhe disse. Expliquei-lhe depois como tinha sabido, que a communicação com as Indias não era impossivel; que eu esperava da sua generosidade procurar-me os meios de voltar á minha Patria; ou ao menos remetter-te os meus nós, e alcançar-me a tua resposta, a fim que instruida do teu destino, elle sirva de regra ao meu fado.

Tomarei, me disse com huma affectação, as medidas necessarias para descobrir a sorte do vosso amante: sereis servida; mas lisongear-vos-hia em vão de tornar a ver o feliz Aza: invenciveis obstaculos vos separão.

Es-

Estas palavras, amado Aza, forão hum golpe mortal para o meu coração; as minhas lagrimas corrêrão com abundancia, e me impedírão muito tempo de responder a *Deterville*, o qual estava pensativo. Com effeito, lhe disse, não o tornarei a ver mais; mas isso não me impede de viver só para elle: se a vossa amizade he a sás generosa para vos procurar alguma correspondencia, esta satisfação b stava para me fazer a vida menos insupportavel, morrerei contente, se me prometteres communicar-lhe que morri como fiel amante.

Ah! isto he muito, exclamou elle, levantando-se apressadamente: (se isto he possivel) seja eu só o infeliz. Conhecereis este coração, que desprezais; vereis de que esforço he capaz hum amor como o meu, e obrigar-vos-hei ao menos a compadecer-vos de mim. Pronunciando estas palavras, sahio, deixando-me em hum estado, que não posso comprehender ainda, eu fiquei

em

em pé, com os olhos fitos na porta, por onde *Deterville* sahio, submergida em huma confusão de pensamentos, que não procurava desenredar: teria alli ficado muito tempo, se não entrasse *Celina* na grade.

Ella me perguntou com huma certa vivacidade, porque razão *Deterville* tinha sahido tão depressa. Não lhe occultei nada do que se passou em a nossa conversação. Ella se affligio, pelo que chamava desgraça de seu irmão. Mudando depois a sua afflicção em cólera, opprimio-me com as mais crueis injúrias, sem que me atrevesse a allegar a minima escusa. Que poderia eu dizer-lhe? a minha perturbação apenas me deixava a liberdade de pensar: eu sahi; ella não me seguio. Retirei-me ao meu quarto, aonde fiquei hum dia sem me atrever a apparecer, e sem receber noticias de pessoa alguma, em huma desordem de espirito, que me não permittia ao menos escrever-te.

A cólera de *Celina*, a desespera-

ração de seu irmão, as suas ultimas palavras, as quaes eu queria, e não me atrevia a dar hum sentido favoravel, entregárão a minha alma ás mais crueis inquietações.

Persuadi-me finalmente, que o meio de as socegar era dar-te parte dellas, e procurar na tua ternura os conselhos, de que necessito: este erro me tem lisongeado em quanto escrevo; mas que pouco tem durado! a minha carta está finalizada; e os meus caracteres são formados só para mim.

Tu ignoras o que eu soffro; tu não sabes mesmo se eu existo, se te amo. Aza, meu amado Aza, não o saberás tu já mais.

CAR-

CARTA XXIV.

POderia chamar huma ausencia ao tempo, que se tem passado, amado Aza, depois da ultima carta que te escrevi.

Alguns dias depois da conversação, que tive com *Deterville*, fui atacada de huma molestia, que chamão febre. Ella foi causada, segundo creio, pelas tristes paixões, que me agitárão; não duvído que se tenha prolongado pelas crueis reflexões, que occupão a minha imaginação, e pelo pezar de ter perdido a amizade de *Celina*.

Ainda que ella parecia interessar-se por mim na minha molestia, e que me prestasse todos os cuidados, que dependião della; com tudo demonstrava-me hum ar sério; e tem tido tão pouca consideração

pelas penas da minha alma, que não posso duvidar da alteração dos seus sentimentos. A excessiva amizade, que tem a seu irmão, a dispõe contra mim; accusa-me de contínuo, que sou a causa delle ser infeliz: a vergonha de parecer ingrata me intimída; a affectada bondade de *Celina* me opprime; o meu embaraço a constrange; a affabilidade, e a alegria desapparecêrão da nossa communicação.

A pezar de que o amor do irmão me faz experimentar tantas opposições da irmã, e tantas penas, eu não sou insensivel aos acontecimentos, que mudão o seu destino.

A mãi de *Deterville* he morta. Aquella mãi inhumana não tem desmentido o seu caracter; deixou todos os seus bens a seu filho primogenito. Esperão que os Juizes hajão de impedir esta injustiça. *Deterville*, naturalmente desinteressado, tem incómmodos infinitos para livrar *Celina* da oppressão. Parece que a sua infelicidade redobra o seu

amor

amor para ella, além de vir todos os dias vêlla, escreve-lhe de manhã, e de tarde; as suas cartas são cheias de queixas tão affectuosas contra mim, e de inquietações tão ternas a respeito da minha saude, que, ainda que *Celina* affecta, lendo-as, de não querer instruir-me senão do progresso dos seus interesses, conheço facilmente o verdadeiro motivo.

Não duvído que *Deterville* as escreva, a fim de que mas communique, não obstante estou persuadida, que, se elle soubesse as accusações, de que esta leitura he acompanhada, elle se absteria. Ellas se imprimem no meu coração, e a tristeza me devora.

Até agora no meio das tormentas, gozava a satisfação de viver em paz comigo: a candura da minha alma não tinha mancha, não era perturbado o meu socego com algum remorso; agora não posso pensar sem huma especie de desprezo por mim mesma, pois que

soù a causa da infelicidade de duas pessoas, a quem devo a vida, perturbo-lhes o socego, que gozarião sem mim, e tenho-lhes occasionado todo o mal, que eu podia, e com tudo não posso, e não quero deixar de ser criminosa. O amor, que te sacrifico, triunfa dos meus remorsos. Aza, quanto te amo!

CARTA XXV.

A Prudencia algumas vezes he prejudicial, amado Aza! tenho resistido muito tempo ás importunas instancias, que *Deterville* tem feito para lhe conceder eu hum momento de conversação. Ai de mim! fugia a minha felicidade. Em fim, mais aborrecida de disputar com *Celina*, que desejosa de a comprazer, deixei-me conduzir á grade. A' vista de *Deterville*, que huma terri-

vel

vel mudança o faz quasi desconhecer, fiquei estupefacta; já me arrependia de ter dado estes passos; esperava tremendo as occasiões, que me parecia ter elle direito de me fazer. Mas podia eu advinhar, que elle hia encher a minha alma de prazer?

Perdoai-me, *Zilia*, me disse elle, a violencia, que vos tenho feito, não vos constrangeria a ver-me, se não trouxesse tanta alegria, como sentimento me tendes causado. Desejar hum momento da vossa presença, he pedir-vos muito em recompensa do cruel sacrificio, que vos faço? E sem me dar tempo para lhe responder, disse, eis-aqui huma carta desse meu parente, de quem vos fallavão: ella vos dará a conhecer o destino d'Aza, provar-vos-ha melhor, que todos os meus juramentos, qual he o excesso do meu amor; e immediatamente leo a carta. Ah! meu amado Aza, e pude ouvilla sem morrer de alegria? Ella me certifica que tu vives, que es-

estás livre, e sem perigo na Corte de Hespanha. Oh! que fortuna tão inesperada!

Esta admiravel carta he escrita por hum homem, que te conhece, que te vê, e que te falla; e póde ser que a tua vista se applicasse hum momento sobre este papel? eu não podia separar delle os meus olhos; com muito trabalho suffoquei os gritos de alegria, que estavão proximos a escaparem; porém as lagrimas de amor banhárão o meu rosto.

Se eu tivesse seguido os impulsos do meu coração, teria cem vezes interrompido a *Deterville*, para lhe dizer tudo quanto o reconhecimento me inspirava; porém não me esquecia, que o meu contentamento devia augmentar a sua pena; occultei os meus transportes, e elle só presenciou as minhas lagrimas.

Está bem, *Zilia*, me disse depois de ter acabado de ler, cumpri a minha palavra, estais instruida do destino d'Aza; se isto não bas-

ta,

ta, que mais he preciso fazer? ordenai sem reserva, não ha nada, que não tenhais direito de exigir do meu amor, com tanto que contribúa para a vossa felicidade.

Ainda que eu devesse esperar este excesso de bondade, com tudo surprendeo-me, e penetrou-me. Por alguns momentos, não soube o que lhe respondesse, temia irritar o sentimento de hum homem tão generoso. Procurava termos, que exprimissem a verdade do meu coração, sem offender a sensibilidade do seu; não os achava, e precisava fallar.

A minha felicidade, lhe disse, já mais será pura, pois que não posso conciliar os deveres do amor com os da amizade; queria recuperar a vossa, e a de *Celina*; queria não vos deixar nunca; admirar de contínuo as vossas virtudes; e pagar todos os dias da minha vida o tributo da gratidão, que devo aos vossos favores.

Conheço que apartando-me de duas

duas pessoas, que tanto amo, levarei pezares eternos. Mas.... Como! *Zilia*, exclamou elle, quereis deixar-nos? ah! não estava preparado para esta funesta resolução, falta-me o valor para a supportar. Assás o tinha para vos ver aqui nos braços do meu rival. O esforço da minha razão, e a delicadeza do meu amor, me tinhão fortalecido contra este golpe mortal, que eu teria mesmo preparado: porém não posso separar-me de vós; não posso renunciar o prazer de vos ver: não partireis, continuou com agitação, não o espereis: vós abusais da minha ternura, lacerais sem piedade o meu coração. *Zilia*, cruel *Zilia*! vêde que a minha desesperação he obra vossa. Ah, de que modo recompensais o amor mais puro.

Sou eu, lhe disse, assustada de huma tal resolução, sou eu quem poderei com fundamento accusar-vos. Vós ultrajais a minha alma, obrigando-a a ser ingrata; affligis o meu coração com huma sensibilidade

in-

infructuosa. Em nome da amizade, não escureçais huma generosidade sem exemplo por huma desesperação, que faria o desgosto da minha vida, sem que vos fizesse feliz: não condemneis em mim o mesmo sentimento, que não podeis vencer; não me obrigueis a compadecer-me de vós; deixai-me amar o vosso nome, levallo ao fim do mundo, e fazello venerar dos Póvos adoradores da virtude.

Não sei como pronunciei estas palavras, mas *Deterville* fitando os olhos em mim, parecia não me ver, encerrado em si mesmo, ficou muito tempo submergido em huma profunda meditação; eu não me atrevia a interrompello: ambos guardavamos hum igual silencio, quando elle principiou a fallar, e me disse com huma especie de tranquillidade: sim, *Zilia*, conheço toda a minha injustiça; porém como se póde renunciar de sangue frio a vista de tantos encantos? vós assim o quereis, e sereis obedecida. Que sacri-

crificio, oh Ceo! passar-se-hão os meus tristes dias, finalizar-se-hão sem vos ver. Ao menos se a morte.... não fallemos mais, disse, interrompendo-se; muito se enternece o meu coração: concedei-me dois dias para fortalecer a minha razão; tornarei a ver vos, he necessario que tomemos as medidas para a vossa viagem. Adeos, *Zilia*: possa o feliz Aza sentir toda a sua felicidade! isto dito, sahio.

Eu te confesso, amado Aza, supposto que eu tenho muita estimação por *Deterville*, e que as suas afflicções me tenhão penetrado o coração, eu estava muito impaciente para gozar em paz da minha felicidade, para deixar de desejar que elle se fosse.

Oh, quanto he agradavel, depois de tantas penas, o entregarnos á alegria! passei o resto do dia nos mais deliciosos arrebatamentos. Não te escrevi; huma carta não satisfaria o meu coração, ella me recordaria da tua ausencia; e eu viate,

te, fallava-te, amado Aza! que faltaria á minha felicidade, se tu tivesses junto a preciosa carta, que recebi, algum penhor do teu affecto! porque o não tens feito? fallarão-te de mim, estais instruido da minha sorte, e não encontro nesta carta nada, que me falle d teu amor! mas posso duvidar do teu coração? o meu por elle responde. Tu me amas, a tua alegria he igual á minha, tu ardes no mesmo fogo; a mesma impaciencia te devora; aparta-se da minha alma o vão temor, a alegria a domina simplesmente. Porém tu abraçaste a Religião daquelle Povo feroz. Qual he ella? exige que renuncies ao meu amor, como esta de França quer que eu renuncie o teu? não; tu a terias rejeitado. Seja como for, o meu coração he sujeito ás tuas leis; submisso ás tuas luzes, adoptarei cégamente tudo o que poder fazer-me inseparavel de ti. Que posso temer? bem depressa serei reunida ao meu bem, ao meu tudo, não

te-

terei outros pensamentos senão os teus, vivirei só para amar-te.

CARTA XXVI.

HE este o lugar, em que tornarei a ver-te, amado Aza: a minha felicidade vai crescendo de dia em dia pelas suas proprias circumstancias. Acabo de ver a *Deterville*, como elle me tinha indicado. Qualquer que fosse o prazer, que eu me tinha proposto de vencer as difficuldades da viagem, de te prevenir, de correr ao teu encontro, sacrifico-o voluntaria ao gosto de te ver mais depressa.

Deterville provou com tanta evidencia, que tu pódes chegar a París em muito menos tempo, do que eu precisaria para ir a Hespanha, que não duvidei esperar-te, ainda que generosamente me deixou li-

livre a escolha, o tempo he muito precioso para se prodigalizar sem necessidade.

Póde ser que antes de resolver-me, tivesse examinado esta utilidade com mais cuidado, se não tivesse tomado informações a respeito da minha viagem, que me tem decidido em segredo ao partido, que tomei; este segredo só a ti o posso confiar.

Tenho-me lembrado, que durante o longo caminho, que andei para chegar a París, *Deterville* dava peças de prata, e algumas vezes de oiro, em todas as partes aonde paravamos. Quiz saber se isto era por obrigação, ou por pura liberalidade. Soube que em França fazem pagar aos viajantes não só o sustento, mas eté o repouso. (*a*) Ai de mim! não tenho a minima parte do que seria necessario pa-

(*a*) Os Incas tinhão estabelecido nas estradas grandes casas, aonde recebião os viajantes sem algum dispendio.

para contentar a cubiça deste Povo interesseiro ; e seria preciso recebello das mãos de *Deterville*. Como poderia eu resolver-me a contratar voluntariamente huma especie de obrigação quasi ignominiosa ? he-me impossivel, amado Aza ; só esta razão me teria decidido a ficar aqui ; a esperança de te ver com mais brevidade tem confirmado a minha resolução.

Deterville escreveo na minha presença ao Ministro de Hespanha. Insta-lhe para te fazer partir, com huma generosidade que me penetra de reconhecimento, e admiração.

Que deliciosos momentos tenho passado, em quanto *Deterville* escrevia! que contentamento de occupar-me com as disposições da tua viagem, de ver os preparativos da minha felicidade, e não duvidar della!

Se ao principio me custou muito resistir ao desejo, que tinha de ir encontrar-te, eu o confesso, amado Aza, acho agora mil motivos pa-

para me alegrar, que eu não tinha previsto.

Muitas circumstancias, que não me parecião de alguma consequencia, para accelerarem, ou retardarem a minha partida, me tem vindo a ser interessantes, e agradaveis. Seguia cégamente a inclinação do meu coração; esquecia-me que te hia procurar entre os barbaros Hespanhóes, cuja idéa me enche de horror: tenho huma grande satisfação, na certeza de os não tornar a ver: a voz do amor extinguia a da amizade: gozo sem remorso o contentamento de as reunir. *Deterville* me tem segurado que seria absolutamente impossivel o tornar a ver a Cidade do Sol. Exceptuando a nossa patria, não creio que haja huma habitação mais agradavel do que esta de França. Agradar-te-ha, meu amado Aza; ainda que a sinceridade esteja desterrada, achão-se-lhe muitos attractivos, que fazem esquecer os perigos da sociedade.

Tendo-te fallado da necessidade do

do oiro, he inutil advertir-te que o tragas: não tens precisão de outro merecimento; a menor parte dos teus thesouros basta para te fazer admirar, e confundir o orgulho dos magnificos indigentes deste Reino; as tuas virtudes, e os teus sentimentos, serão sómente estimados por *Déterville*, e por mim. Elle me prometteo de te remetter os meus nós, e as minhas cartas, e me segurou que acharias interpretes, que tas explicassem.

Pedem me o maço das cartas; he preciso que te deixe: adeos, amada esperança da minha vida, continuarei a escrever-te; se não te poder conduzir as minhas cartas, guardar-tas-hei.

Como poderia eu supportar o longo tempo da tua viagem, privando-me do unico meio, que tenho para me entreter com a minha alegria, com os meus transportes, e com a minha felicidade.

CAR-

CARTA XXVII.

DEpois que as minhas cartas partírão, meu amado Aza, gozo huma tranquillidade, que me era desconhecida. Continuamente penso no prazer, que terás de as receber, vejo os teus transportes, e os participo; a minha alma só recebe idéas agradaveis; e por cume de alegria a paz se restabeleceo em a nossa pequena sociedade.

Os Juizes tem restituido a *Celina* os bens, de que sua mãi a tinha privado. Ella vê o seu amante todos os dias; o seu casamento tem-se demorado pelos preparativos, que lhe são necessarios. Chegada ao fim dos seus desejos, não pensa mais em disputar comigo a respeito do amor de seu irmão, do que lhe fico em tanta obrigação, como

se isto fosse effeito da sua amizade. Qualquer que seja o motivo, nós somos sempre devedores áquelles, que nos fazem experimentar hum sentimento grato.

Esta manhã me fez ella conhecer todo o valor do seu sentimento, por huma condescendencia que me fez passar de huma agitação penosa a hum socego aprazivel.

Tendo ella recebido huma grande quantidade de pannos, vestidos, e joias de toda a especie, veio com pressa ao meu quarto, conduzindome ao seu, e depois de me ter consultado a respeito das differentes bellezas de tantos enfeites, ella mesma fez hum monte do que tinha attrahido mais a minha attenção, e com hum ar apressado, mandou as nossas *Chinas*, que já o levassem para o meu quarto, eu me oppuz á execução desta ordem com todo o esforço possivel. As minhas instancias servírão ao principio para divertilla; mas vendo que a sua obstinação augmentava com a minha re-

recusa, não pude dissimular o meu resentimento.

Porque razão, lhe disse eu, com os olhos banhados em lagrimas, porque razão quereis augmentar a minha humiliação? eu vos devo a vida, e quanto possuo; tudo isto he mais que bastante para não me esquecer das minhas desgraças. Sei muito bem, que segundo as vossas leis, quando os beneficios são inuteis áquelles, que os recebem, então não produzem alguma vergonha. Esperai, para exercitar a vossa generosidade a meu respeito, que eu não precise. Não he sem repugnancia, continuei com hum tom mais moderado, que me conformo com sentimentos tão pouco naturaes. Os nossos costumes são mais cheios de humanidade; aquelle que recebe, honra-se (*a*) tanto, como aquelle que

 dá:

(*a*) Ha com effeito, para hum coração generoso, tanto o póde ser, maior merecimento em receber, que em dar, porque a acção de dar lisongêa naturalmente o amor proprio, e a de receber o mortifica.

dá: vós me tendes ensinado a pensar de outro modo; e quereis ultrajar-me com estas dádivas?

Esta amavel amiga, mais enternecida com as minhas lagrimas, que irritada de têlla eu arguido, me respondeo com amizade: não, minha amada *Zilia*, longe estamos, meu irmão, e eu, de querer offender a vossa delicadeza; não nos convém o fazer comvosco de grandiosos, vós o conhecereis em pouco tempo; eu queria sómente que participasseis comigo dos presentes de hum irmão generoso, he este o mais seguro meio de lhe demonstrar o meu reconhecimento; o uso me authoriza, no caso em que estou, para vo-los offerecer; mas já que vos mostrais offendida, não vos fal-

---

He hum esforço penoso, que hum coração generoso faz a si mesmo, e huma especie de victoria, que alcança da sua vaidade, quando consente em receber. Sem dúvida he este o sentido do Author, quando diz que aquelle, que recebe entre os Peruvianos, não se honra menos, que aquelle que dá.

fallarei disto mais. Vós mo promettes? lhe disse, sim me respondeo surrindo-se; mas permitti-me que escreva huma palavra a *Deterville*, como quizeres, lhe disse, a alegria se restabeleceo entre nós; principiámos a examinar os seus enfeites com mais miudeza, até que a chamárão ao locutorio; ella queria tambem conduzir-me alli: porém, amado Aza, ha para mim alguns divertimentos, que se comparem com este de te escrever? longe de procurar outros, temo aquelles, que o casamento de *Celina* me prepara.

Ella pertende, que eu deixe a casa Religiosa para estar na sua, quando for casada, mas se isto depender de mim . . .

Aza, meu Amado Aza! oh quanto me foi agradavel a surpreza, que hontem interrompeo a minha carta! ai de mim! persuadia-me ter perdido para sempre aquelles preciosos monumentos do nosso antigo explendor; não esperava recuperallos; nem ao menos nisso pensava: e não obstan-

tante elles me rodeão, eu os vejo, os toco, e apenas posso dar credito aos meus olhos, e ás minhas mãos.

Ao tempo em que eu te escrevia, vi entrar *Celina*, acompanhada de quatro homens opprimidos debaixo do pezo dos grandes cofres, que trazião; pozerão-nos no chão, e retirárão-se. Pensei que erão novos presentes de *Deterville*. Em segredo murmurava eu, quando *Celina* me disse, apresentando-me as chaves: abri, *Zilia*, abri sem vos sobresaltar; isto vem da parte de Aza. Accreditei-a. Ao teu nome, que cousa poderá haver, que demore os meus transportes? abri com precipitação, a minha surpreza confirmou o meu erro, reconhecendo tudo o que se offerecia á minha vista pelos ornamentos do Templo do Sol.

Hum sentimento confuso, misturado de tristeza, de alegria, de desgosto, e de prazer, occupou o meu coração. Prostrei-me diante destes restos sagrados do nosso culto,

e

e dos nossos altares; beijei os com reverencia, e reguei-os com as minhas lagrimas; eu não podia largallos: tinha-me esquecido até da presença de *Celina*; ella me tirou deste lethargo, dando-me huma carta, e rogando-me que a lesse.

Preoccupada do meu erro, persuadi-me que era tua; os meus transportes se redobrárão: mas, bem que a lesse com difficuldade, conheci logo, que era de *Deterville.*

He mais facil copialla, amado Aza, que explicar-te o seu sentido.

Bilhete de Deterville.

„ Estes thesouros são vossos,
„ bella *Zilia*, pois que os achei
„ em a náo, que vos trazia. Al-
„ gumas discussões, acontecidas en-
„ tre as gentes da equipagem, im-
„ pedírão até agora a restituição,
„ que vos queria fazer delles. Que-
„ ria ser eu mesmo o que os a-
„ presentasse: porém as inquieta-
„ ções, que esta manhã demons-
„ tras-

» traste a minha irmã, não me
» permittem a escolha do momen-
» to. Não pude mais cedo livrar-
» vos do vosso temor; preferirei,
» em quanto viver, a vossa satis-
» fação á minha. »

Confesso cheia de pejo, meu amado Aza, que então senti menos a generosidade de *Deterville*, que o prazer de lhe dar provas da minha liberalidade.

Puz promptamente hum vaso á parte, que o acaso, mais que a cubiça, tem feito cahir nas mãos dos Hespanhóes. He o mesmo, (o meu coração o reconheceo) que os teus beiços tocárão, no dia em que tu quizeste provar do Aca (*a*) preparado pelas minhas mãos. Muito mais rica com este thesouro, que de tudo mais que me restituião, chamei a gente, que os tinha trazido, e quiz que lhe pegassem para os tornarem a levar a *Deterville*, mas *Celina* se oppôz á minha vontade.

Quan-

(*a*) Bebida dos Indios.

Quanto sois injusta, oh *Zilia*! me disse ella, como! pertendeis, que meu irmão vos acceite riquezas immensas, a vós, a quem a offerta de huma bagatella offende? recordai-vos da vossa equidade, se a quereis inspirar aos outros.

Estas palavras me fizerão impressão. Temi que houvesse na minha acção mais soberba, e vingança, do que generosidade. Como os vicios estão perto das virtudes! confessei o meu delicto, pedi a *Celina* que me perdoasse; mas como eu soffria muito pelo constrangimento de não poder exercitar a minha liberalidade, para obter licença de *Celina*, lhe disse com hum ar tímido: não me castigueis quanto eu o mereço, não desprezeis alguns modélos do trabalho do meu desgraçado Paiz, como não tendes necessidade alguma, os meus rogos não devem offender-vos.

Em quanto eu fallava, observei que *Celina* olhava attentamente para dous arbustos de oiro carregados

dos de passaros, e de insectos de hum trabalho admiravel; eu lhos offereci, e tambem hum cestinho de prata, queenchi deconchinhas, de peixes, e de flores as mais bem imitadas: ella as acceitou com huma bondade capaz de me encantar.

Escolhi depois varios Idolos das Nações vencidas (*a*) pelos teus antepassados, e huma pequena estatua (*b*), que representava huma Virgem do Sol; ajuntei-lhe hum tigre, hum leão, e outros animaes valorosos, e roguei a *Celina*, que os mandasse a *Deterville*. Escrevilhe, pois me disse ella surrindo-se, sem huma carta vossa o presente seria mal rscebido.

Es-

(*a*) Os Incas fazião depositar no Templo do Sol os Idolos dos Póvos, que submettião, depois de lhes terem feito acceitar o culto do Sol. Não o tinhão elles mesmos, depois que o Inca Huaina consultou o Idolo de Rimace. Historia dos Incas, Tom. I. pag. 350.

(*a*) Os Incas ornavão as suas casas de estatuas de oiro de toda a grandeza, até gigantescas.

Estava eu muito contente para recusar o que me pedia, escrevi tudo quanto me dictou a gratidão: e logo que *Celina* sahio, distribui pequenos presentes á sua *China*, e á minha, e tambem puz de parte alguma cousa para o meu Mestre de escrita. Gozei finalmente o prazer de dar.

Isto não tem sido sem escolha, amado Aza; tudo o que vem de ti, e o que tem intímas relações com a tua memoria, não tem sahido das minhas mãos.

A cadeira de oiro (*a*), que se conservava no Templo para os dias das visitas do *Capa Inca*, tem teu Augusto Pai collocada na minha camara em fórma de Throno, e me representa a tua grandeza, e a magestade do teu lugar. A imagem do Sol, que eu mesma vi arrebatar do Templo pelos pérfidos Hespanhóes, suspensa por cima da cadeira, exci-

ci-

(*a*) Os Incas sentavão se em cadeiras de oiro massiço.

cita a minha veneração: prostro me diante della: o meu espirito a adora, mas tu só, Aza, reinas no meu coração. As duas primeiras, que tu offereceste ao Sol por penhor da fé, que me tinhas jurado, collocadas aos lados do Throno, me recordão de contínuo os teus ternos juramentos.

Diversas flores (*a*), e passaros espalhados com symmetria em todos os cantos da minha camara, fórmão huma pintura em ponto pequeno daquelles magnificos jardins, em que eu tantas vezes me occupei da tua idéa. Em qualquer parte que os meus olhos se demorem, me despertão a lembrança do teu amor, da minha alegria, e da minha felicidade. Em fim, o que fará para sempre o contentamento da minha vida.

CAR-

(*a*) Já se disse que os jardins do Templo, e os da casa Real, erão cheios de toda a especie de imitações em oiro, e prata. Os Peruvianos imitárão até a herva *Mais*, da qual formavão campos inteiros.

CARTA XXVIII.

NÃo pude resistir, meu amado Aza, ás instancias de *Celina*; foi preciso seguilla, e estamos ha dois dias na sua casa de campo, aonde o seu casamento se celebrou, logo que chegámos.

Oh quanta violencia, e quanta pena experimentei, em deixar a minha solidão! apenas gozava o espectaculo dos preciosos ornamentos, que ma fazião tão agradavel, fui constrangida a abandonalla; e por quanto tempo? eu o ignoro.

A alegria, e os prazeres, de que toda a gente parece embriagada, recordão-me com mais pezar os dias pacificos, que eu passava a escrever-te, ou ao menos a pensar em ti. Com tudo não vi já mais objectos tão novos para mim, tão mara-

ra-

ravilhosos, e tão proprios a distrahir-me; com o soffrivel uso, que tenho presentemente da lingua do Paiz, poderia tirar instrucções tão divertidas, como uteis a respeito de tudo o que observo, se o rumor, e o tumulto deixasse a qualquer assás sangue frio para responder ás minhas perguntas; porém até agora não tenho achado alguma pessoa, que queira ter esta condescendencia, e pouco menos confusa estou, do que estava, quando cheguei, a França.

O enfeite dos homens, e das mulheres he tão brilhante, e tão carregado de ornamentos inuteis; huns, e outras fallão com tanta rapidez, que a minha attenção para os escutar, me impede de os ver, e aquella, que emprego para os observar, me impede de os ouvir. Fico com huma especie de estupidez, que daria ampla materia ás suas zombarias, se tivessem tempo para à perceberem; mas estão tão occupados de si mesmos, que não advertem

tem na minha admiração. Ella he muito bem fundada, meu amado Aza: vejo aqui alguns prodigios, cujas origens são impenetraveis á minha imaginação.

Não te fallarei da belleza desta casa, tão grande quasi como huma Cidade, ornada como hum Templo, e cheia de hum grande número de agradaveis bagatellas, das quaes vejo fazer tão pouco uso, que não posso deixar de pensar, que os Francezes tem escolhido o superfluo por objecto do seu culto: consagrão-lhe as artes, que são aqui muito superiores á natureza; parece que a querem imitar, e excedem-na; o modo, deque elles fazem uso das suas producções, parece superior ao seu. Juntão nos jardins, e quasi em hum ponto de vista as bellezas, que ella tem distribuido sobre a superficie da terra, e os elementos submissos parece não pôrem obstaculo ás suas emprezas, senão para darem maior lustre aos seus triunfos.

Vê-se a terra attonita nutrir, e

crear no seu seio as plantas dos climas mais remotos, sem outra necessidade apparente, mais que obedecer ás artes, e ornar o Idolo do superfluo. A agoa tão facil a dividir, e que parece não ter consistencia, senão por meio dos vasos, que a contém, cuja direcção natural he seguir toda a sorte de declive, se vê aqui obrigada a lançar-se rapidamente no ar, sem guia, sem apoio, pela sua propria força, e sem outra utilidade mais, que recrear a vista.

O fogo, amado Aza, o fogo, aquelle terrivel elemento, eu o tenho visto renunciar o seu poder destruidor, e dirigido docilmente por hum poder superior, tomar todas as fórmas, que lhe são prescriptas; ora representando hum vasto espaço luminoso em o Ceo obscurecido pela ausencia do Sol, ora mostrando-nos este Astro divino, descendo sobre a terra com os seus raios, com a sua actividade, e com a sua brilhante luz, em fim com hum resplandor, que engana os olhos, e o

en-

entendimento. Que arte, meu amado Aza! que homens! que engenho! esqueço-me de todas as suas imperfeições, e torno, a meu pezar, á minha antiga admiração.

CARTA XXIX.

NÃo he sem hum verdadeiro desgosto, amado Aza, que passo da admiração do genio dos Francezes ao desprezivel uso, que delle fazem. Prezava-me sinceramente de estimar esta Nação encantadora, porém não posso prestar-me á evidencia dos seus defeitos.

O tumulto se tem pacificado, tenho podido fazer algumas perguntas; e tem-me respondido: pouco basta neste Paiz para se saber mais do que se deseja. Os Francezes descobrem com huma ingenuidade, e huma ligeireza quasi incrivel, os segredos da perversidade dos costu-

mes. Por pouco que os perguntem; não he preciso nem subtileza, nem penetração, para descobrir, que o seu gosto desenfreado pelo superfluo, tem corrompido a sua razão, o seu coração, e o seu espirito; e que tem estabelecido riquezas quiméricas sobre as ruinas do necessario; que tem substituido huma politica artificial aos bons costumes, que supprem a falta do bom senso, e da razão, com huma falsa apparencia de hum brilhante espirito.

A vaidade dominante dos Francezes he a de parecerem ricos. O engenho, as artes, e póde ser as sciencias, tudo se refere ao fausto, tudo concorre para a ruina das fortunas, como se a fecundidade do seu genio não bastasse, para lhe multiplicar os objectos; sei delles mesmos, que em desprezo dos bens sólidos, e agradaveis, que a França produz com abundancia, fazem vir com grande despeza, de todas as partes do mundo, os móveis frageis, e inuteis, que ornão as suas ca-

casas, e os enfeites brilhantes, de que se cobrem, e até as iguarias, e os licores, que compõe os seus banquetes.

Talvez, amado Aza, não acharia eu cousa alguma, que condemnasse no excesso das suas superfluidades, se os Francezes tivessem thesouros bastantes para satisfazerem o seu frivolo gosto, ou se despendessem só o remanescente, depois de terem estabelecido as suas casas com huma decente commodidade.

As nossas leis, as mais sábias que se tem dado aos homens, permittem a cada estado certas decorações, que caracterizão o nascimento, ou as riquezas, e que em rigor se lhe poderia chamar superfluo, condemno só aquelle, que nasce de huma desordenada imaginação, que não se póde sustentar sem faltar á humanidade, e á justiça, o que me parece hum crime; em huma palavra, aquelle, de que os Francezes são idólatras, ao qual sacrificão o seu repouso, e a sua honra.

Ha entre elles huma classe de Cidadãos no estado de levarem o culto do Idolo ao mais supremo gráo de esplendor, sem faltarem aos deveres do necessario. Os Grandes querem imitallos; porém são os martyres desta Religião. Que penas, que embaraços, que fadigas para sustentarem as suas despezas, excedendo ás suas rendas! ha poucos Senhores, que não empreguem mais industria, sagacidade, e enganos para se distinguirem por frivolas magnificencias, que os seus antepassados empregárão de prudencia, valor, e talentos uteis ao Estado, para illustrarem o seu proprio nome. Não te persuadas que te engano, meu amado Aza; ouço todos os dias, com indignação, alguns rapazes disputarem entre si qual tem empregado mais subtilezas, e astucias, nos modos com que tirão as superfluidades, de que se enfeitão, das mãos daquelles, que trabalhão, para que lhes não falte o necessario.

Que

Que desprezo não me inspirarião taes homens por toda a Nação, se eu não soubesse, por outra parte, que os Francezes peccão mais commummente por falta de rectidão. Entre elles, não conheço nem sério, nem reflexão; póde ser que nenhum delles tenha já mais reflectido a respeito das consequencias infames da sua conducta. He preciso parecer rico, isto he moda, he hum costume, segue-se; apresenta-se hum inconveniente, vence-se com huma injustiça: e persuadem-se que triunfárão de huma difficuldade, mas a illusão vai mais longe.

Em a maior parte das casas, a indigencia, e o superfluo são separados só por hum quarto. Estes dois objectos fazem alternativamente a occupação do dia, mas de hum modo muito diverso. Pela manhã, no interior do gabinete, a voz da pobreza se faz ouvir pela boca de hum homem pago, para achar os meios de a conciliar com a falsa

opulencia. A tristeza, e afflicção presidem a estes discursos, que acabão ordinariamente com o sacrificio do necessario ao superfluo. O resto do dia, cada hum depois de ter tomado outro vestido, outro quarto, e quasi outro ser, allucinado quasi da sua propria magnificencia, está alegre, chama-se feliz, e a illusão o conduz até a persuadir-se que he rico.

Não obstante tenho observado, que alguns daquelles, que ostentão o seu fausto com maior affectação, não presumem sempre que enganão o público. Então gracejão a respeito da sua propria indigencia, insultão com alegria a memoria dos seus antepassados, cuja sabia economia se contentava com vestidos decentes, enfeites, e móveis mais proporcionados ás suas rendas, que ao seu nascimento.

Dizem que a sua familia, e os seus domesticos gozavão de huma abundancia frugal, e decente. Dotavão as suas filhas, e estabelecião so-

sobre fundamentos sólidos a fortuna do successor do seu nome, e reservavão com que remediar a desgraça de hum amigo, ou de hum desgraçado.

Accreditarás, meu amado Aza? a pezar do aspecto ridiculo, debaixo do qual me representavão os costumes destes tempos remotos, agradavão-me tanto, achava-os tão conformes com a candidez dos nossos, que deixando-me seduzir da illusão, o meu coração estremecia a cada circumstancia, como se no fim da narração me devesse achar entre os nossos amados Cidadãos; mas aos primeiros applausos, que eu dei a estes costumes tão sábios, as risadas, que attrahi, dissipárão o meu erro; achei-me em fim rodeada de Francezes insensatos deste tempo, os quaes se glorião das desordens da sua imaginação.

A mesma depravação, que tem transformado os bens sólidos dos Francezes em bagatellas inuteis, não tem feito menos superficiaes os vincu-

culos da sua sociedade. Os mais sensatos delles, que chorão esta depravação, e me tem segurado que em outro tempo, assim como se pratíca entre nós, a honestidade reinava na alma, e a humanidade no coração: isto póde ser, mas agora, aquillo, que chamão politica, suppre a virtude; ella consiste em hum grande número de palavras sem significação, respeitos sem estimação, e apparencias de cuidado sem affecto.

Nas principaes casas, hum criado he encarregado de cumprir os deveres da sociedade. Este vai andar hum longo caminho para dizer a hum, que seu amo está ancioso de saber da sua saude; a outro, que se afflige do seu desgosto, ou que se regozija da sua felicidade. Quando elle volta, não se escutão as respostas, que traz. Convém reciprocamente contentar-se com a formalidade, sem que ahi tenhão interesse; tal he a amizade neste Paiz.

Certos respeitos se dão pessoal-

men-

mente, e com tanto escrupulo, que degenerão em pueilidade: seria ridiculo contallos, se não devesse saber-se tudo desta Nação tão extraordinaria. Commetter-se-hia huma incivilidade a respeito dos seus superiores, e mesmo dos seus iguaes, se depois de se ter levantado da meza, aonde jantárão familiarmente com elles, pedisse agoa para beber, e extinguir huma ardente sede, sem pedir licença, e escusar-se mil, e mil vezes. Não deve deixar tocar o seu vestido em o de outra pessoa consideravel; seria faltar-lhe ao respeito, assim como olhar para ella attentamente; mas seria muito peor não a olhar de modo algum. He preciso mais intelligencia, e mais memoria, do que eu tenho, para te fazer a descripção de todas as cousas frivolas, que reputão consideração, e que significão quasi a estimação.

A respeito da conversação, neste Paiz não he outra cousa mais, que huma abundancia de palavras inu-

inuteis, e hum vão rumor; ouvirás tu mesmo, amado Aza, quando aqui estiveres, que a exaggeração, contradizendo-se, logo que se pronuncía, he o fundo inexgotavel da dos Francezes. Raras vezes faltão em ajuntar hum comprimento superfluo a outro, que já o era, com a intenção de persuadir, que elles o não fazem. Protestão com lisonjas excessivas a sinceridade dos louvores, que prodigalizão; acompanhão as suas protestações de amor, e de amizade, com tantos termos inuteis, que esta não póde ser a linguagem do sentimento.

Oh, meu amado Aza! quanto lhe deve parecer incípida a simplicidade das minhas expressões, e o pouco desejo, que tenho de fallar! não me persuado, que o meu espirito lhe inspire maior estimação. Para merecer alguma reputação a este respeito, he preciso dar prova de huma grande sagacidade no conhecimento das diversas significações das palavras, para lhe dar hum senti-

tido absolutamente diverso. He preciso excitar a attenção daquelles, que o escutão com subtileza de pensamentos frequentemente impenetraveis, ou disfarçar a obscuridade com mil expressões frivolas. Eu li em hum dos seus melhores livros, que o bello espirito consiste em dizer agradavelmente bagatellas, a não se permittir a menor razão sensata, se a não desculpar com as graças do discurso; finalmente a mascarar a razão, quando cada hum he obrigado a produzilla.

Que cousa poderei dizer-te, que prove melhor, que o bom senso, e a razão, qualidades as mais essenciaes do espirito, são desprezadas aqui, como tudo o que he util? em summa, amado Aza, seguro-te que o superfluo domina tão soberanamente em França, que aquelle, que tem huma fortuna mediocre, he pobre, o que sómente tem virtudes, he incípido, e o que tem bom senso, he tolo.

CARTA XXX.

HE tão natural a inclinação dos Francezes de irem de hum extremo a outro, meu amado Aza, que *Deterville*, ainda que isento da maior parte dos defeitos da sua Nação, participa não obstante deste.

Não contente de observar a promessa, que me fez, de não me fallar mais de amor, elle evita com huma attenção notavel o achar-se ao pé de mim. Obrigados a ver-nos a todo o momento, não tenho ainda achado occasião para lhe fallar.

Ainda que a companhia seja muito numerosa, e muito alegre, a melancolia reina no seu rosto. He facil de advinhar o quão violento he soffrer a lei, que elle impôz a si mesmo. Devo-lhe forçosamente huma especie de obrigação; porém

te-

tenho tantas perguntas para lhe fazer a respeito dos interesses do meu amor, que não posso perdoar-lhe a affectação, com que foge de mim.

Queria fazer-lhe huma pergunta a respeito da carta, que escreveo para Hespanha, para saber se ella poderia já ter chegado; quero ter huma justa idéa do tempo da tua partida, e daquelle, que gastarás na tua viagem, a fim de firmar o da minha felicidade. Huma esperança bem fundada he, por assim dizer, hum bem real; porém, amado Aza, he muito mais grata, quando se lhe vê o limite.

De algum modo não participo dos prazeres da companhia; são muito tumultuosos para a minha alma: não gozo da conversação de *Celina*; ella está de tal modo entretida com o seu novo Esposo, que apenas posso achar alguns momentos para satisfazer os deveres da amizade. O resto da companhia não me agrada, senão á proporção que posso tirar algumas

mas

mas luzes a respeito dos diversos objectos da minha curiosidade, e não se me offerece sempre a occasião. Acho-me só, bem que esteja rodeada de muita gente, não tenho outro divertimento, senão os meus pensamentos; são todos dedicados a ti, amada paz do meu coração; tu serás semp e o unico confidente da minha alma, dos meus prazeres, e das minhas penas.

CARTA XXXI.

QUe grande semrazão tinha eu, amado Aza, quando desejava com tanta efficacia huma conversação com *Deterville.* Ai de mim! assás me tem fall do, ainda que tenho refutado a perturbação, que excitou na minha alma, com tudo não está extincta.

Não sei que especie de impaciencia hontem se ajuntou ao desgos-

gosto, que muitas vezes experimento. A gente, e o rumor me vierão a ser mais incómmodos que de ordinario: até a terna satisfação de *Celina*, e de seu esposo, em summa, tudo quanto se offerecia á minha vista, me inspirava huma indignação, que pouco differia do desprezo. Envergonhada de achar sentimentos tão injustos no meu coração, hia occultar a confusão, que me causavão no lugar mais remoto do jardim.

Apenas me tinha eu assentado ao pé de huma arvore, que dos meus olhos corrêrão lagrimas involuntarias. Tinha eu o rosto cuberto com as mãos, e estava sepultada em huma distracção tão profunda, que *Deterville* ajoelhou ao meu lado, antes que eu o visse.

Perdoai-me, *Zilia*, me disse elle, se o acaso me tem conduzido aos vossos pés, não vos procurava. Aborrecido do tumulto, vinha gozar em paz da minha afflicção. Eu vos vi; combati comigo mesmo para

ra me apartar de vós, mas sou muito infeliz para o ser sem fraqueza; commovido á piedade de mim mesmo, avizinhei-me; vi correr as vossas lagrimas, não pude conter o meu coração: porém, se mandais que vos fuja, obedecer-vos-hei. E podereis vós, *Zilia*? eu vos sou odioso? não, lhe disse eu, deveis estar persuadido do contrario: sentai-vos; estou bem satisfeita de achar huma occasião de explicar-me comvosco. Depois dos vossos ultimos favores... não fallemos nisso, interrompeo elle com vivacidade. Esperai, repliquei eu, para ser totalmente generoso, he preciso ceder ao reconhecimento, não vos tenho fallado, depois que me restituiste os preciosos ornamentos do Templo, donde fui roubada. Talvez que escrevendo, tenha expresso mal os sentimentos, que hum tal excesso de bondade me inspirou: quero... Ai de mim! interrompeo de novo, o reconhecimento he pouco lisongeiro para o meu desgraçado cora-

ração! companheiro da indifferença, une-se frequentemente ao odio.

Que he o que vos atreveis a pensar! exclamei: ah *Deterville*! quanto vos não poderia arguir, se vós não fosseis tão digno de compaixão? longe de vos odiar, desde o primeiro momento em que vos vi, senti menos repugnancia em depender de vós, que dos Hespanhóes. A vossa affabilidade, e a vossa bondade me fizerão desejar desde então merecer a vossa amizade. A' proporção que tenho conhecido o vosso caracter, tenho confirmado a idéa, que ereis merecedor dos meus favores, e sem fallar de tantas obrigações, que vos devo, pois que a minha gratidão vos offende, como poderia recusar-vos os sentimentos, que vos são devidos.

Só as vossas virtudes tenho achado dignas da candidez das nossas. Hum filho do Sol se honraria de ter os vossos sentimentos; a vossa razão he quasi conforme com os dictames da natureza; quantos mo-

tivos para vos amar! até a nobreza da vossa figura, tudo me agrada em vós; a amizade tem igualmente olhos como o amor. Em outro tempo, depois de hum momento de ausencia, não vos tornava a ver, sem que experimentasse interiormente hum certo contentamento; para que tendes mudado estes innocentes prazeres em penas, e em sugeições?

A vossa razão já mais apparece sem violencia. Temo de contínuo os seus desvaríos. Vendo quaes são os vossos sentimentos, opprimo a expressão dos meus; não me atrevo a ceder ao prazer de vos representar ao natural quantos encantos gozaria na vossa amizade, se o vosso amor lhe não viesse perturbar a paz. Antes me privais do contentamento delicioso de olhar o meu bemfeitor; não encontro os vossos olhos, sem me affligir; já lhes não acho aquella suave tranquillidade, que muitas vezes passava até á minha alma; só descubro huma melancolica afflicção, que me accusa

de ser eu a causa. Ah *Deterville*! como sois injusto, se vos persuadis que soffreis só!

Minha amada *Zilia*, exclamou elle, beijando-me a mão apaixonadamente, oh quanto a vossa bondade, e a vossa franqueza redobrão os meus pezares! que thesouro seria o possuir hum coração como o vosso! mas que desesperação sinto em o perder! poderosa *Zilia*, continuou, qual imperio he o vosso! não contente de me fazer transportar da total indifferença a hum amor excessivo, da indolencia ao furor; ainda quereis que eu vença aquelles sentimentos, que me tendes inspirado? sim; lhe disse, este esforço he digno de vós, he digno do vosso coração. Esta justa acção vos elevava a cima dos mortaes. Mas poderei sobreviver a hum tal sacrificio? elle replicou tristemente. Não vos lisongees, que eu queira servir de victima ao triunfo do vosso amante, irei, longe de vós, adorar a vossa idéa: será este

o amargo alimento do meu coração; amar-vos-hei, e não vos tornarei a ver mais. Ah! ao menos recordai-vos...

O soluços suffocárão-lhe a voz; apressou-se a esconder as lagrimas, que lhe banhavão o rosto: eu as derramava tambem: commovida igualmente, tanto da sua generosidade, como da sua afflicção, peguei-lhe em huma das suas mãos, que apertei com as minhas: e lhe disse, não, vós não partireis. Deixai-me o meu amigo; contentai-vos com os sentimentos, que terei por vós toda a minha vida; quasi que vos amo tanto como Aza; mas não vos posso amar do mesmo modo.

Cruel *Zilia*! exclamou elle transportado, acompanhareis sempre as vossas bondades de golpes os mais sensiveis? hum veneno mortal destruirá sempre o encanto, que espalhais nas vossas palavras? quanto sou insensato em me entregar á sua docilidade! em que vergonhosa humiliação estou submergido! com

ef-

effeito, restitue-me a mim mesmo; isto disse com hum tom firme, adeos. Vereis bem depressa a Aza. Queira o Ceo, que elle não vos faça experimentar os tormentos, que me devorão! que elle seja qual o desejais, e digno do vosso coração.

Que sustos não excitou, amado Aza, na minha alma o modo, com que proferio estas ultimas palavras! não pude resistir ás suspeitas, que em multidão se apresentárão ao meu espirito. Não duvidei, que *Deterville* estava melhor informado, do que o queria parecer, e que me occultava alguma carta, que tinha recebido de Hespanha; em fim (devo dizello?) que tu fosses infiel.

Com as maiores instancias lhe pedi que me dissesse a verdade; tudo quanto pude saber delle, forão conjecturas vagas, tão proprias para confirmarem, como para destruirem os meus receios; com tudo as reflexões, que fiz a respeito da inconstancia dos homens, e dos pe-

rigos da ausencia, e da facilidade, com que mudaste de Religião, inquietárão-me muito.

Foi esta a primeira vez, em que a minha ternura se converteo em hum sentimento penoso; temi pela primeira vez perder o teu coração. Aza, a ser verdade o não me amares tu já... Ah! já mais huma tal suspeita haja de manchar a pureza do meu coração! não; eu seria só culpavel, se me demorasse hum instante neste pensamento, indigno da minha candura, da tua virtude, e da tua constancia. Não, a desesperação he quem suggerio a *Deterville* estas terriveis idéas. A tua agitação, e o desvio da sua razão, não devem socegar as minhas inquietações? o interesse, que o fez fallar, não me deve ser suspeito? elle mo foi, amado Aza; a minha cólera se voltou contra elle, tratei-o ásperamente; foi-se desesperado. Aza, amo-te ternamente! não, não he possivel, que tu possas já mais esquecer-te de mim.

CARTA XXXII.

OH como he extensa a tua viagem, meu amado Aza! com que imp ciencia dezejo que tu chegues! o termo não me parece mais incerto, do que eu o tinha imaginado; com tudo, não quero fazer pergunta alguma a *Deterville* a este respeito. Não lhe posso perdoar a má opinião, que elle tem do teu coração. A que eu tenho formado do seu, diminue muito a piedade, que eu tinha das suas penas, e o pezar de estar de hum certo modo separada delle.

Estamos ha quinze dias em París: habíto com *Celina* na casa de seu marido, assás distante da casa de seu irmão, para não ser obrigada a vêllo a toda a hora. Elle vem frequentemente aqui jantar; porém eu,

eu, e *Celina* temos huma vida tão ajustada, que elle não tem tempo para me fallar em particular.

Depois que voltámos do campo, não temos até agora feito outra cousa mais, do que empregar huma parte do tempo no trabalho penoso dos nossos enfeites, e o resto nisto, que chamão fazer visitas.

Estas duas occupações me parecerião tão infructuosas, como immcómmodas, se a ultima não me procurasse os meios de me instruir mais particularmente dos costumes do Paiz. Quando cheguei a França, como não tinha conhecimento algum da lingua, julgava das cousas pelas apparencias. Quando a principiei a fallar, tu sabes que eu estava na casa Religiosa, aonde achava hum pequeno soccorro para a minha instrucção; no campo vi só huma especie de sociedade particular; agora que frequento isto, a que chamão grande mundo, vejo toda a Nação em geral, e posso examinalla sem obstaculo algum.

As nossas visitas consistem em entrar no dia no maior número de casas, que he possivel, para ahi dar, e receber hum tributo de louvores reciprocos sobre a belleza do rosto, e da figura, e do bom gosto da escolha dos enfeites, sem que já mais se faça menção das qualidades d'alma.

Não tenho estado muito tempo sem conhecer a razão, que faz tomar tanto trabalho para adquirir esta homenagem frivola, e he indispensavelmente necessario recebella pessoalmente, ainda que bem momentanea. Logo que se voltão as costas, já se não he a mesma. As graças, que se achavão á que sahio, provém só da comparação desprezivel para as perfeições, que vão avaliar-se na que entra.

A censura he o gosto dominante da Nação Franceza, como a inconsequencia he o seu caracter. Os seus livros fazem a crítica geral dos costumes, e a sua conversação a de cada individuo em particular,

com

com tanto que esteja ausente ; então se diz livremente todo o mal, que se pensa , e algumas vezes o que se não pensa. Ás pessoas, que são mais de bem , seguem o mesmo costume , distinguem-se sómente por huma fórmula d'apologia do seu caracter sincero , e veridico , no meio do qual manifestão sem escrúpulo os defeitos , e os modos , e até os vicios dos seus amigos.

Se a sinceridade , de que fazem uso os Francezes huns contra os outros , não tem excepção , do mesmo modo a fé , que se prestão mutuamente , não tem limites. Não he preciso nem eloquencia para ser ouvido , nem probidade para ser accreditado. Tudo se diz , e se recebe com a mesma ligeireza.

Não te persuadas por isto , amado Aza , que geralmente fallando , os Francezes tenhão nascido máos ; eu seria mais injusta , do que elles , se te deixasse neste erro.

Naturalmente sensiveis, admiradores da virtude , tenho visto não

po:

poderem escutar, sem ternura, a relação, que me obrigão de contínuo a fazer da rectidão dos nossos corações, e da candura dos nossos sentimentos, e da simplicidade dos nossos costumes: se elles vivessem entre nós, virião a ser virtuosos, o exemplo, e o uso são os tyrannos da sua conducta.

Hum pensa bem de huma pessoa ausente, e falla mal della para não ser desprezado daquelles, que o escutão; outro seria bom, humano, sem orgulho, se não temesse ser ridiculo; outro he ridiculo por estudo, que seria hum modélo de perfeição, se se atrevesse a demonstrar claramente o seu merecimento. Em fim, amado Aza, a maior parte dos vicios são artificiaes nos Francezes, assim como as virtudes, e o caracter frivolo delles, não lhes permitte serem, senão imperfeitamente, o que são. Semelhantes, por assim dizer, a certas figuras, com que brincão as crianças, imitação imperfeita das creaturas humanas,

tem

tem a gravidade nos olhos, a ligeireza no tacto, a superficie colorida, o interior informe, hum valor apparente, e nenhum real. As outras Nações estimão-nos, como nós estimamos na sociedade as lindas bagatellas. As pessoas sensatas surriem-se das graças, e os remettem friamente ao seu lugar.

Feliz a Nação, que só tem a natureza por guia, a verdade por principio, e a virtude por primeiro móvel.

CARTA XXXIII.

NÃo me admira, amado Aza, que a inconsequencia seja hum effeito do caracter vo'uvel dos Francezes; mas não posso deixar de admirar-me, que tendo elles tantas, ou mais luzes, que outra alguma Nação, parecem que não percebem às contradicções manifestas, que os Estrangeiros observão nelles á primeira vista.

Este grande número de contradicções, que descubro todos os dias, não vejo nenhuma mais indecorosa para o seu espirito, que o seu modo de proceder a respeito das mulheres. Respeitão-nas, amado Aza, ao mesmo tempo que as desprezão com igual excesso.

A primeira lei da sua civilida-
de,

de, ou para melhor dizer, da sua virtude (porque até agora não lhes tenho conhecido outra) refere-se ás mulheres.

O homem da classe mais elevada deve certos respeitos á mulher da mais vil condição : elle se exporia ao desprezo público, ou a isto, que se chama ridiculo, se lhe fizesse algum insulto pessoal. Com tudo, o homem menos consideravel, e menos estimado, póde enganar, trahir huma mulher de merecimento, manchar a sua reputação, sem temer reprehensão, nem castigo.

Se não esperasse, que em pouco tempo tu fosses espectador, atrever-me-hia a pintar-te controversias, que a simplicidade dos nossos espiritos póde apenas conceber? docil ás noções da natureza, o nosso genio não lhe excede os limites; nós estamos persuadidos, que a força, e o valor de hum sexo, o destinavão a ser o reparo, e o defensor do outro; as nossas leis a isto são con-

conformes (*a*). Aqui, longe de se compadecerem da fraqueza das mulheres, as da plebe, opprimidas do trabalho, não são alliviadas, nem pelas leis, nem pelos seus maridos; as outras de huma ordem superior, sendo alvo da seducção, ou da maldade dos homens, não tem, para se compensarem das suas perfidias, mais que a apparencia de hum respeito puramente imaginario, sempre seguido da mordaz sátyra.

Bem percebi, logo que entrei na companhia, que a crítica habitual da Nação recahia principalmente sobre as mulheres, e que os homens entre si tinhão mais circumspecção em se desprezarem; o que attribuia ás suas boas qualidades, mas hum accidente me convenceo, que isto procedia dos seus defeitos.

Em todas as casas, aonde temos entrado ha dous dias, se tem conta-

---

(*a*) As leis izentavão as mulheres de qualquer trabalho penoso.

tado a morte de hum rapaz, que foi morto por hum amigo seu; esta acção barbara foi approvada pelo unico motivo, de que o defunto tinha fallado mal do vivo. Parecia-me que esta nova extravagancia devia sériamente ser examinada: informei-me, e soube, meu amado Aza, que hum homem he obrigado a expôr a sua vida, para tirar a de outro, quando sabe que este tem fallado mal delle, ou a desterrar-se da sociedade, se recusa vingar-se tão cruelmente. Isto bastou para me fazer conhecer o que eu procurava. He manifesto que os homens, naturalmente cobardes, sem vergonha, e sem remorsos, temem sómente os castigos corporaes, e que se as mulheres tivessem a faculdade de punirem os ultrajes, que se lhes fazem, do mesmo modo que elles são obrigados a vingar-se do minimo insulto; alguns, que se vem acolhidos na sociedade, não existirião, ou retirados a hum deserto, occultarião o seu opprobrio, e a

sua

sua má fé. Não póde exprimir-se qual seja a insolencia dos homens moços, principalmente quando prevém que nada arriscão. Este he o verdadeiro motivo da sua conducta a respeito das mulheres; porém não conheço ainda o fundamento para o desprezo, que se demonstra geralmente por ellas; farei todo o esforço para o descubrir, o meu proprio interesse me aconselha. Oh meu amado Aza! qual seria a minha desesperação, se, quando tu chegasses, te fallassem de mim, como ouço fallar das outras.

CARTA XXXIV.

DEpois de ter indagado por muito tempo, meu amado Aza, de donde podesse proceder o desprezo, que os Francezes tem geralmente pelas suas mulheres. Creio finalmente que o tenho descuberto, e que provém de as verem totalmente diversas, do que elles pensão, que devem ser. Querem, como em outro tempo, que tenhão merecimento, e virtude; mas para isto seria necessario, que a natureza as produzisse assim: porque a educação, que lhes dão, he tão opposta ao fim, que se propõe, que me parece ser o chéfe-dobra da inconsequencia Franceza.

Tem-se por maxima no Perú, meu amado Aza, que para se dispôrem os humanos á prática das virtudes, he preciso inspirar-lhes des-

desde a sua infancia huma coragem, e huma certa firmeza d'alma, que lhes fórme hum caracter decidido; isto não se conhece em França. Em a primeira idade, as crianças parecem destinadas sómente para o divertimento dos parentes, e daquelles, que as governão. Parece que cada hum se diverte em abusar da sua incapacidade para descubrirem a verdade, e fazem disto hum divertimento vergonhoso. São enganados em todas as cousas, que não vêm com os proprios olhos. Falsificão-lhes as idéas, que se lhes apresentão aos sentidos, e riem-se inhumanamente dos seus erros: augmentão a sua sensibilidade, e a sua natural fraqueza, com huma pueril compaixão, por pequenos accidentes que lhes acontecem; esquecem-se de que devem ser homens.

Não sei quaes são os progressos da educação, que hum Pai dá aos seus filhos, não me tenho informado. Mas sei que as filhas, logo que são capazes de receberem

instrucção, as encerrão em huma casa Religiosa, para aprenderem como se vive no mundo; confião o cuidado de cultivar o seu espirito a certas pessoas, cujo engenho se reputaria hum crime, quando o tivessem, e que são incapazes de lhes inspirarem sentimentos ao coração, não tendo a menor idéa dellas.

Os principios essenciaes da Religião, tão proprios a servirem de semente a todas as virtudes, aprendem-se superficialmente de cór. Não se lhes inspirão com melhor methodo as obrigações a respeito da Divindade, as quaes consistem em pequenas ceremonias de hum culto exterior, exigidas com tanta severidade, e praticadas com tanto dissabor, que he o primeiro jugo, de que se desembaração, quando entrão no seculo; e se conservão ainda alguma prática, vendo o modo com que a satisfazem, accreditar-se-hia que he huma especie de politica, que se paga por costume á Divindade.

De-

Demais, nada suppre aos fundamentos de huma educação mal dirigida. Quasi se não conhece em França o respeito, que cada hum deve a si mesmo, o que se inculca com tanto cuidado no coração das nossas Virgens. Este sentimento generoso, que nos faz severos Juizes das nossas acções, e dos nossos pensamentos, e que vem a ser hum principio seguro, quando he bem firmado, não he aqui de algum soccorro para as mulheres. Considerando o pouco cuidado que tomão da sua alma, dir-se-hia que os Francezes quasi estão no erro de certos Póvos barbaros, que a negão ao sexo feminino.

O regular os movimentos do corpo, o ordenar os do rosto, e o compôr o exterior, são os pontos essenciaes da educação. He sobre as attitudes mais, ou menos affectadas de suas filhas, que os Pais se glorião de serem bem educadas. Recommendão-lhes que se penetrem de confusão por huma falta com-

met-

mettida contra o bom ar; mas não lhes dizem, que o portamento honesto he huma hypocrisia, se não procede da honestidade d'alma. Despertão-lhes de contínuo aquelle desprezivel amor proprio, que só tem effeito nas bellezas exteriores. E não lhes fazem conhecer aquelle, que faz o merecimento, e que só a estimação póde satisfazer.

A unica idéa, que lhes dão da honra, he a de não terem amantes; propondo-lhes sempre a certeza de agradar por recompensa da oppressão, e do constrangimento que lhes impõe; o tempo mais precioso para formar o espirito, he empregado em adquirir talentos imperfeitos, quasi inuteis na mocidade, e ridiculos em huma idade avançada.

Mas isto não he o tudo, amado Aza, a inconsequencia dos Francezes não tem limite. Com taes principios, pertendem de suas mulheres a prática das virtudes, que não só lhes não fazem conhecer,

mas

mas nem lhes dão huma justa idéa dos termos, que a indicão. Todos os dias adquiro mais instrucções, do que preciso a este respeito, nas conversações, que tenho com algumas meninas, cuja ignorancia não me tem causado menos admiração, do que tudo o mais, que tenho visto até agora.

Se me acontece fallar-lhes de sentimentos, ellas se defendem de os ter, porque não conhecem outros além do amor. Ellas não entendem pela palavra bondade, senão a compaixão natural, que se experimenta á vista de huma creatura afflicta; tenho observado, que se commovem mais pelos animaes, que pelos homens; mas esta terna bondade, fundada na reflexão, que move a fazer o bem com nobreza, e discernimento, que conduz a ser indulgente, e compassivo, lhes he totalmente desconhecida. Persuadem-se terem preenchido todos os deveres da discrição, revelando sómente a algumas amigas os segredos frivolos, que

tem sabido, o que lhes tem confiado; mas não tem alguma idéa desta discrição circumspecta, sensata, e necessaria, para não se encarregar, e para não offender pessoa alguma, e para manter a paz na sociedade.

Se tento explicar-lhes o que entendo por moderação, virtude, sem a qual todas as outras são quasi vicios. Se fallo da honestidade dos costumes, da equidade a respeito dos inferiores, tão pouco praticada em França, e da firmeza em desprezar, e fugir aos viciosos, ainda que de grande qualidade, observo no seu embaraço, que não me entendem melhor, que se eu fallasse a Lingua Peruviana, e que unicamente a politica as obriga a fingirem que me entendem.

Ellas não conhecem melhor o coração humano, nem a sociedade. Até ignorão o uso da sua propria lingua; he rara aquella, que a falla correctamente; conheço com admiração, que eu já sou mais sábia, do que ellas a este respeito.

He

He nesta ignorancia, que casão as filhas, apenas sahem da infancia. Desde aquelle instante parece, vendo o pouco que os parentes se interessão pela sua conducta, que ellas já lhes não pertencem. A negligencia da maior parte dos maridos não he menor. Seria ainda tempo de remediar os defeitos da primeira educação; mas não querem tomar este trabalho.

Huma mulher rapariga póde receber livremente no seu quarto sem constrangimento toda a companhia, que lhe agradar. As suas occupações são ordinariamente pueris, sempre inuteis, e póde ser que inferiores á ociosidade. Nutre o seu espirito de cousas frivolas, maliciosas, e incípidas, mais proprias para a fazerem desprezivel, do que a mesma estupidez. Como o marido não tem confiança na mulher, elle não procura instruilla na administração dos seus negocios, da sua familia, e da sua casa. Ella não participa deste todo, senão por representação.

ção. He huma figura de ornato para divertir os curiosos ; tambem, por pouco que o humor altivo se junte ao gosto da dissipação, ella se precipita em todas as desordens, passa rápidamente da independencia a huma vida licenciosa, e em breve tempo se vê exposta ao desprezo, e á indignação dos homens, não obstante a sua propensão, e o seu interesse em tolerarem os defeitos da mocidade a favor dos seus attractivos.

Bem que em geral seja, meu amado Aza, muito verdadeiro este breve retrato das mulheres Francezas, não deixa de ter excepção. Ha muitas felizmente nascidas com hum caracter virtuoso, que triunfa dos vicios da sua educação. A applicação aos seus deveres, a decencia dos seus costumes, o honesto agrado do seu espirito, attrahem a estimação de todos ; mas o número he tão limitado, em comparação da infinita multidão das outras, que ellas são conhecidas, e reverencia-

das

das pelo seu proprio nome. Não creias, que a desordem daquellas proceda do seu máo natural. Geralmente fallando, parece-me que neste Paiz, mais commummente que no nosso, as mulheres nascem com todas as disposições necessarias para igualarem os homens em merecimento, e virtudes; mas se estes não estivessem inteiramente disto persuadidos, e que por soberba não podem tolerar esta igualdade, elles não contribuirião de todos os modos a fazellas despreziveis, seja faltando á estimação das suas proprias, ou seduzindo as dos outros.

Quando souberes que os homens arrogárão neste Paiz toda a authoridade, não duvidarás, amado Aza, que se lhes devem attribuir todas as desordens, que acontecem na sociedade. Os maridos, que, por huma vil indifferença, não reprimem as inclinações desordenadas de suas mulheres, ainda que não são os mais culpados, não são os que menos merecem o desprezo público; igualmen-

mente devem ser desprezados aquelles, cujo exemplo de huma conducta viciosa, e indecente, arrasta suas mulheres a serem dissolutas, ou por desprezo; ou por vingança.

Com effeito, amado Aza, como não se revoltaráõ ellas contra a injustiça das leis, que tolera a impunidade dos homens, levada ao mesmo excesso, que a sua authoridade? hum marido, sem temer castigo, póde ter para sua mulher os modos mais soberbos, e arrogantes; póde dissipar em prodigalidades tão criminosas, como excessivas, não sómente os seus bens, e os dos seus filhos, mas até os da victima, que elle faz gemer quasi na indigencia, por huma sórdida avareza, pelas despezas honestas, avareza que commummente aqui se acha unida com a prodigalidade. Elle póde rigorosamente punir a minima apparencia de infedilidade, commettendo sem vergonha todas aquellas, que a libertinagem lhe suggere. Dir-

se-

se-hia em summa, amado Aza, que as obrigações do matrimonio em França são reciprocas só no momento da celebração, que depois só as mulheres se lhe devem sujeitar.

Penso, e conheço que serião verdadeiramente dignas de louvor, e de estimação, se continuassem a amar seus maridos, a pezar da sua indifferença, e dos desgostos, de que são opprimidas. Mas aonde se acha huma virtude, que resista ao desprezo?

O primeiro, e mais natural sentimento do coração humano, he o prazer de existir, o qual vem a ser mais lisongeiro, e vai crescendo á medida da estimação, que os outros fazem de nós.

A felicidade maquinal da primeira idade consiste em ser amado de seus Pais, e bem visto dos estranhos; a do resto da vida he sentir internamente a importancia da nossa existencia, á proporção que vem a ser necessaria á felicidade dos ou-

outros. O teu amor incomparavel; a candura dos nossos corações, a sinceridade dos nossos sentimentos, são, amado Aza, os interpretes, que me tem manifestado os segredos da natureza, e os do amor. A amizade, este nobre, e agradavel nó, deveria talvez preencher todos os nossos dezejos; mas ella reparte sem crime, e sem escrupulo os seus affectos entre muitos objectos; em vez que o amor dando requer huma preferencia exclusiva, e nos offerece huma alta idéa tão lisongeira da nossa existencia, que ella só póde contentar o ambicioso dezejo da superioridade, que nasce comnosco, e que se manifesta em todas as idades, em todos os tempos, e em todas as condições; e a inclinação, que temos naturalmente á propriedade de qualquer cousa, determina inteiramente a nossa propensão ao amor.

Se nos he grato o possuirmos hum móvel, huma joia, huma terra; quanto será mais agradavel o

possuir hum coração, huma alma, hum ente livre, independente, que se dá voluntariamente em troca do prazer de possuir em nós a mesma vantagem?

Se he verdade, amado Aza, que o desejo dominante dos nossos corações he aquelle de ser estimado em geral, e amado de algum em particular, pensa tu por que inconsequencia podem os Francezes esperar, que huma mulher rapariga, opprimida da indifferença offensiva de seu marido, não procure livrar-se da tyrannia, debaixo da qual elle procura todos os meios de a annihilar? Pensas tu, que seja possivel persuadillas a renunciarem todos os affectos do coração, na idade em que as mulheres presumem sempre de si mais, do que merecem? poderás tu comprehender, com que fundamento exigem dellas a prática da virtude, da qual os homens se dispensão, recusando-lhes as luzes, e os principios necessarios para as praticarem?

Mas

Mas a contradicção mais ridicula de todas he, que os Pais, e os maridos se queixão reciprocamente do desprezo, que se demonstra por suas mulheres, e filhas, e não deixão de lhes perpetuar a causa de géração em géração com a ignominia, a incapacidade, e a má educação.

Oh meu amado Aza! não nos deixemos seduzir dos brilhantes vicios de huma Nação, por outra parte tão encantadora, não nos desgostemos da candida simplicidade dos nossos costumes. Recordemos sempre, tu, que estás destinado a ser o meu exemplo no caminho da virtude, e eu, que devo procurar de todo o modo conservar a tua estimação, e o teu amor, imitando o meu modélo.

CARTA XXXV.

AS nossas visitas, e as nossas fadigas, meu amado Aza, não se podião terminar mais aprazivelmente. Que dia delicioso hontem passei! oh quanto me são agradaveis as novas obrigações, que devo a *Deterville*, e a sua irmã! oh como ellas me serão muito mais gratas, quando as puder gozar comtigo.

Dois dias depois de se acabarem as visitas, e gozarmos o socego, partimos hontem de manhã de París, *Celina*, seu irmão, seu marido, e eu, para irmos, dizia ella, fazer huma visita á melhor das suas amigas. A viagem não foi extensa; chegámos cedo a huma casa de campo, cuja situação, e contornos me parecêrão admiraveis; mas o que me pareceo mais extraordinario, quando entrei, foi achar to-

das as portas abertas, e não encontrar pessoa alguma.

Esta casa era muito bella para estar abandonada, e muito pequena para occultar a gente, que a devia habitar, parecia-me hum encanto. Este pensamento me divertio; perguntei a *Celina*, se estávamos na habitação de alguma Fada, cujas historias me tinha dado a ler, aonde a senhora da casa era invisivel, assim como os domesticos.

Vós a vereis, me respondeo, mas como importantes negocios a demorão todo o dia n'outro lugar, ella me encarregou de vos pedir que durante a sua ausencia queirais fazer as honras da sua casa; mas primeiro que tudo he preciso que deis o vosso consentimento, estais por esta proposição! ah, com muito boa vontade, lhe disse, continuando a galanteria.

Apenas pronunciei estas palavras, vi entrar hum homem vestido de preto, que trazia huma escrevaninha, e hum papel já escrito;

to; elle mo apresentou, e eu puz o meu nome aonde elle me disse.

Hum instante depois, appareceo outro homem de huma boa presença, que nos convidou, segundo o costume do Paiz, a passarmos com elle para o lugar, aonde se janta. Nós achámos huma meza servida com tanto aceio, como magnificencia: logo que nos sentámos, ouvimos no quarto visinho huma musica assás melodiosa; nada faltava do que póde contribuir para fazer hum banquete agradavel. *Deterville* mesmo parecia ter esquecido os seus desgostos, para nos excitar a alegria: fallava-me dos seus sentimentos d'amor, mas em termos lisongeiros, sem queixas, e sem accusações.

O dia estava sereno; resolvemos de commum acordo dar hum passeio depois de jantar. Achámos jardins muito mais espaçosos, do que a casa os promettia. A arte, e a symmetria alli se admiravão para

fazerem mais agradaveis os encantos da simples natureza.

Parámos em hum bosque, que terminava este bello jardim; sentámo-nos todos quatro sobre huma relva deliciosa, e depois vimos vir para nós, de hum lado, huma tropa de Aldeões propriamente vestidos ao seu modo, precedidos de alguns instrumentos de musica, e do outro lado huma tropa de raparigas vestidas de branco, com a cabeça ornada de flores campestres, cantando em hum modo rustico, porém agradavel, canções, em que ouvia com surpreza repetir muitas vezes o meu nome.

A minha admiração foi muito maior, quando as duas tropas se avisinhárão, e vi hum homem, que parecia de mais respeito, deixar a sua, e pôr hum joelho em terra, e apresentar-me em huma grande bandeja muitas chaves com hum comprimento, que não pude entender bem por causa da minha agitação; comprehendi sómente, que

sen-

sendo elle o Chéfe dos Aldeões do lugar, vinha render-me homenagem em qualidade de sua Soberana, e apresentar-me as chaves da casa, de que eu era Senhora.

Acabado que foi o seu comprimento, levantou-se para dar lugar á mais linda das raparigas. Ella me offereceo hum mólho de flores ornado de fitas, que tambem accompanhou com hum breve discurso em meu louvor, o que fez com graça.

Eu estava muito confusa, meu amado Aza, para responder aos elogios, que eu tão pouco merecia; demais, tudo isto se tratava com tanta seriedade, e com taes apparencias de verdade, que em alguns momentos não podia deixar de o accreditar, bem que me parecesse incrivel. Este pensamento produzio huma multidão de outros: o meu espirito estava de tal modo occupado, que me foi impossivel proferir huma palavra. Se a minha confusão era agradavel para a companhia, era para mim tão incómmoda, que *De-*

ter-

terville se enterneceo, fez hum sinal a sua irmã, que se levantou, e depois de ter dado algumas peças de oiro aos Aldeões, e ás raparigas, dizendo-lhes, que estas erão as primicias dos meus favores, ella me convidou para dar hum passeio no bosque; alegre a segui, propondo-me arguilla das difficuldades, em que me tinha mettido; porém não tive tempo para isso. Porque apenas tinhamos dado alguns passos, ella parou, e surrindo-se, me disse: confessai a verdade, minha amada *Zilia*, estais muito irritada contra nós, e muito mais o sereis, agora que vos digo, que he muito verdade, que esta terra, e esta casa vos pertencem.

Ai de mim! exclamei. Ah *Celina*! são estas as vossas promessas? vós adiantais muito o ultraje, ou a galanteria. Esperai, me disse mais sériamente; se meu irmão tivisse disposto de alguma parte dos vossos thesouros por acquisição, em lugar das aborreciveis formalida-

dades, de que elle se encarregou, se vos reservasse só a surpreza, vós nos terieis tanto odio? não podereis perdoar-nos o ter-vos procurado huma habitação, qual tendes demonstrado dezejalla, e o ter-vos segurado huma vida independente? assinastes esta manhã o acto authentico que vos mette na posse de huma, e de outra cousa: reprehendei-nos quanto quizeres, disse, rindo-se, se nada disto vos agrada.

Oh minha amavel amiga! exclamei, lançando-me nos seus braços. Os vossos generosos cuidados me penetrão tão vivamente, que mal posso exprimir o meu reconhecimento. Não pude pronunciar mais que estas poucas palavras; conheci logo toda a importancia de hum tal serviço. Commovida, enternecida, e transportada de alegria, pensando no prazer, que terei em consagrar-te esta encantadora habitação, a multidão dos meus sentimentos suffocará as minhas expressões. Eu fazia caricias a *Celina*, a que ella

cor-

correspondia com igual ternura, e depois de ter socegado o meu espirito, nós fomos encontrar seu irmão, e seu marido. Quando cheguei a *Deterville*, a minha agitação principiou, e pela segunda vez as expressões me faltárão; dei-lhe a mão, ella a beijou sem proferir huma só palavra, e apartou-se para esconder as lagrimas, que não pôde conter, o que eu attribui ao prazer, que ella tinha de me ver tão contente, senti enternecer-me até ao ponto tambem de as derramar. O marido de *Celina*, menos interessado do que nós a respeito do que se passava, mudou logo a conversa em tom de galanteria; elle me fez comprimentos a respeito da minha nova dignidade, e propôz o voltar para casa, para lhe examinar, como elle dizia, os defeitos, e fazer ver a *Deterville*, que não tinha tão bom gosto, como elle o figurava. Accreditarás, meu amado Aza! todos os objectos, que se offerecêrão aos meus olhos, parecia-
me

me que tomavão huma nova fórma; as flores parecião-me mais bellas, as arvores mais verdes, a symmetria dos jardins mais bem ornada, a casa mais alegre, os móveis mais ricos; em fim as menores bagatellas me vierão a ser interessantes.

Corri todos os quartos com hum excesso de alegria, que não me permittia examinar attentamente todos os objectos; o unico lugar, aonde parei, foi em hum grande quarto, cercado com huma grade de oiro ligeiramente trabalhada, que encerrava huma grande quantidade de livros de todas as fórmas, e côres, e com hum aceio admiravel: eu estava de tal modo encantada, que me persuadia não os poder deixar sem os ter lido todos. *Celina* me despertou, fazendo-me recordar de huma chave de oiro, que *Deterville* me tinha remettido. Servio-me para abrir apressadamente huma porta, que me mostrárão, á vista das magnificencias, que encerrava, fiquei immovel.

Era

Era hum gabinete guarnecido de espelhos, e de pinturas: tinha o forro das paredes o fundo verde, ornado de figuras excellentemente desenhadas, imitando huma parte dos jogos, e das ceremonias da Cidade do Sol, taes pouco mais, ou menos, como eu os tinha pintado a *Deterville.*

Aqui se vião as nossas Virgens representadas em muitos lugares com o mesmo vestuario, que eu trazia, quando cheguei a França; e dizião que ellas se me assemelhavão.

Os ornamentos do Templo que eu tinha deixado na casa Religiosa, sustidos em piramides douradas, ornavão todos os angulos daquelle magnifico gabinete. No meio de tudo pintado de azul, que parece hum firmamento, se vê suspensa a imagem do Sol coroar com os seus resplandores todos os ornamentos desta encantadora solidão; os móveis cómmodos, apropriados ás pinturas, o fazem delicioso.

Deterville aproveitando-se do si-

silencio, em que me tinha a surpreza, a alegria. e a minha admiração, me disse, chegando-se a mim: podereis lembrar-vos, bella *Zilia*, que a cadeira de oiro não se acha aqui neste novo Templo do Sol; hum poder magico a transformou em casa, em jardins, e em terras. Teria empregado nesta metamorphose a minha propria sciencia, se não temesse o desagradar-vos. Eis-aqui, me diz, abrindo hum pequeno armario, feito com arte na parede, eis-aqui os despojos da operação magica. Ao mesmo tempo mostroume huma caixinha cheia de peças de oiro ao uso da França. Isto, vós o sabeis, continuou, não he o menos necessario entre nós; e persuadi-me dever-vos conservar huma pequena provisão.

Principiava a testemunhar-lhe o meu vivo reconhecimento, e a admiração, que me inspiravão tantos, e taes favores, quando *Celina* me interrompeo, obrigando-me a ir com ella a hum quarto contiguo ao mara-

ra-

ravilhoso gabinete. Quero tambem, me disse ella, fazer-vos ver o poder da minha arte. Abrírão grandes armarios cheios de bellissimos pannos, roupa branca, e vestidos, em fim todos os enfeites, que servem para o uso das mulheres, com tanta profusão, que não pude deixar de rir, e de perguntar a *Celina*, quantos annos queria que eu vivesse, para gastar tantas cousas bellas. Tantos, quantos nós vivermos, meu irmão, e eu, me respondeo. E eu, lhe repliquei, dezejo que ambos vivais tanto tempo, quanto vos amarei, e que não sejais os primeiros a morrer.

Pronunciadas estas palavras, voltámos para o Templo do Sol; este he o nome, que derão ao maravilhoso gabinete. Tive em fim a liberdade de fallar: expressei com toda a sinceridade os sentimentos, de que eu estava penetrada. Que bondade! que virtudes no modo de procceder do irmão, e da irmã!

Pas-

Passámos o resto do dia nas delicias da confiança, e da amizade; tratei-os á cêa com muito mais alegria, do que os tinha tratado ao jantar. Mandava livremente aos criados, que eu sabia que erão meus; brinquei a respeito da minha authoridade, e da minha opulencia, em summa, fiz toda a diligencia, para fazer agradaveis aos meus bemfeitores os seus proprios beneficios.

Pareceo-me não obstante, que á proporção que o tempo passava, *Deterville* recahia na sua melancolia, e que a *Celina* lhe escapavão de tempo em tempo algumas lagrimas dos olhos; porém hum, e outro tomárão promptamente hum ar sereno, que me persuadi ter-me enganado.

Fiz todas as instancias possiveis para os obrigar a gozarem comigo por alguns dias da felicidade, que elles me tinhão procurado; porém não o pude obter. Voltámos esta mesma noite para a Cidade, re-

resolutos de tornar com a maior brevidade a ir ver o meu palacio encantado.

Oh meu amado Aza! qual será a minha felicidade, quando eu o poder habitar comtigo!

CARTA XXXVI.

A Melancolia de *Deterville*, e de sua irmã, amado Aza, tem augmentado, depois que voltámos do meu palacio encantado: amo muito a hum, e a outro, para que não interessasse em querer saber o motivo; mas vendo que elles se obstinavão em mo occultar, não duvidei que alguma nova desgraça tivesse transtornado a tua viagem; bem depressa me devorou huma inquietação muito mais cruel. Não a dissimulei a estes amaveis amigos, e elles não a deixárão durar muito tempo. *Deterville* pensava, segundo me confessou, occultar-me o dia da tua chegada, a fim de que inesperada me fosse mais grata, porém a minha afflicção lhe fez abandonar o seu projecto. Mostrou-

trou-me huma carta do teu conductor; e pelo cálculo que fez do tempo, e lugar, em que foi escrita, soube que pódes chegar aqui hoje, ámanhã, e mesmo neste momento; em fim que não ha mais tempo a esperar, senão o preciso a preencher os meus dezejos.

Feita esta primeira confidencia, *Deterville* não duvidou communicar-me o resto das suas disposições. Mostrou-me o quarto, que te destina: assistirás aqui, até que a nossa união nos permitta com decencia habitar o meu delicioso castello.

Não te perderei de vista, nada póde separar-nos. *Deterville* a tudo tem prevenido, já mais me convenceo, como agora, do excesso da sua incomparavel generosidade.

Depois desta explicação, não procuro outra causa á melancolia, que o consome, senão a tua proxima chegada. Eu me compadeço, e lastimo da sua afflicção,

ção, dezejo-lhe huma felicidade, que seja digno premio da sua virtude, porém independente dos meus affectos. Procuro dissimular huma parte dos transportes da minha alegria, para não irritar as suas penas. Isto he tudo quanto posso fazer; porém estou muito occupada da minha felicidade, para inteiramente a occultar; assim, ainda que eu creio que estás muito perto, e que estremeço ao mais pequeno ruido, interrompendo a minha carta para correr á janella; não deixo de continuar a escrever-te: he preciso este allivio aos transportes do meu coração. Tu estás mais perto, he verdade; mas a tua ausencia he menos real, que se o mar ainda nos separasse? eu não te vejo, tu não pódes ouvir-me; porque não continuarei a revelar-te os meus íntimos sentimentos do unico modo que o posso fazer? daqui a hum momento te verei; porém este momento ainda não existe. Ah! como poderei empregar me-

lhor o tempo, que resta da tua ausencia, senão pintando-te a vivacidade do meu amor? ai de mim! tu me tens visto sempre a gemer. Este tempo fatal fugio de mim! com que alegria se desvaneceo da minha memoria! Aza, meu amado Aza! oh agradavel nome! daqui a pouco não te chamarei em vão, tu voarás ao som da minha voz: as mais ternas expressões do meu coração serão o premio do teu zelo.

CARTA XXXVII.

Ao Cavalheiro Deterville a Malta.

PОdestes, Senhor, preparar-me sem piedade o mais cruel desgosto, para o juntar á felicidade, que me tinheis procurado? como podestes ter a crueldade de fazer preceder a vossa partida por circumstancias tão agradaveis por tantos motivos de gratidão, senão para me fazer mais sensivel a vossa desesperação, e a vossa ausencia? cheia, ha dois dias, das delicias da amizade, hoje só experimento as penas mais amargas.

Celina, ainda que muito afflicta, executou muito bem as vossas ordens; apresentou-me Aza com huma mão, e com a outra a vos-

sa cruel carta. A minha alma, bem que chegasse ao cume dos seus votos, sentia esta afflicção; recuperava o objecto da minha ternura, mas ai de mim! perdia aquelle de todas as minhas outras inclinações. Ah *Deterville*! como a vossa bondade por esta vez he inhumana! não espereis perseverar na vossa injusta resolução; não, o mar não vos apartará para sempre das pessoas, a quem tanto amais; ouvireis pronunciar o meu nome; recebereis as minhas cartas; escutareis os meus rogos. O sangue, e a amizade tornaráõ a tomar os seus direitos no vosso coração, vós vos restituireis a huma familia, a quem sou responsavel da vossa perda.

Como! por recompensa de tantos beneficios, envenenarei os vossos dias, e os de vossa irmã! romperei huma união tão terna! levarei a desesperação aos vossos corações, gozando ao mesmo tempo os effeitos dos vossos favores! não, não o accrediteis; não posso

so ver-me sem horror em huma casa, que eu enchi de afflicção; reconheço os vossos generosos cuidados no bom tratamento, que recebo de *Celina*, a quem eu perdoaria que me odiasse; seja como for, eu me aparto para sempre de huma habitação, aonde não posso estar, se vós não tornais a vir. Porém como sois cégo, *Detervılle*! que erro vos precipitou em huma resolução tão contraria ás vossas vistas? vós querieis que eu fosse feliz; e vós me fazeis culpavel; dezejaveis enxugar as minhas lagrimas, e vós as fazeis correr; e perdeis pela distancia o fructo do vosso sacrificio

Ai de mim! póde ser que achasseis muito agradavel esta scena, que tendes figurado tão temivel para vós! este Aza, objecto de tanto amor, já não he o mesmo Aza, que eu vos tinha pintado com as mais delicadas côres. O ar desapaixonado, com que a mim chegou, o elogio, que faz aos Hespanhóes, com o qual interrompe muitas, e muitas vezes as af-

fe.

fectuosas expressões do meu coração, a indifferença estimulante, com que se propõe a ter huma breve demora em França; a curiosidade, que o aparta de mim neste mesmo momento; tudo me faz temer horriveis desgraças. Ah *Deterville*! talvez não sereis por muito tempo o mais infeliz.

Se a piedade de vós mesmo não basta para vos tornar a conduzir aqui, cedei ao menos aos deveres da amizade; esta he o unico asylo do amor desgraçado. Se vem opprimir-me os males, que eu receio, quanto não tendes de que vos arguir? se vós me abandonais, aonde acharei hum coração sensivel, como o vosso, ás minhas penas? a generosidade, que foi até agora a mais forte das vossas paixões, cederá em fim ao amor descontente? não, não o posso crer; esta fraqueza he indigna de vós; sois incapaz de vos entregar a ella: porém vinde convencer-me, se amais a vossa gloria, e o meu descanço.

CARTA XXXVIII.

Ao Cavalheiro Deterville a Malta.

SE vós não fosseis, Senhor, a mais nobre das creaturas, eu seria a mais humilhada; se não tivesseis a alma mais humana, o coração mais compassivo, como poderia eleger-vos por confidente da affronta, que me vierão fazer, e da minha desesperação. Mas ai de mim! que me resta para temer? tudo para mim está perdido.

Não he a perda da liberdade, do Throno, da minha graduação, e da minha Patria, o que me affige, não são as inquietações de huma ternura innocente, que me arrancão lagrimas; o tormento, que lacera a minha alma, he a boa fé profanada, o amor desprezado, a infidelidade d'Aza.

Aza infiel! oh funestas palavras para a minha alma.... o sangue gela nas minhas vêas... huma torrente de lagrimas...

Ensinárão-me os Hespanhóes a conhecer as desgraças, porém o ultimo dos seus golpes he o mais sensivel: são elles quem me roubão o coração d'Aza; a sua barbara Religião he quem authoriza a sua perfidia; ella ordena a infidelidade, e a ingratidão; prohibe o amor dos seus parentes. Se eu fosse estrangeira, desconhecida, Aza poderia amar-me: unidos pelos vinculos do sangue, deve abandonar-me, tirar-me a vida sem vergonha, sem piedade, e sem remorsos.

Ah! se fosse preciso sómente receber esta Religião, para tornar a achar o bem, que ella me rouba, submetteria o meu espirito ás illusões. Na força do meu cruel desgosto, pedi que me instruissem; o meu pranto não foi attendido. Não posso ser admittida em huma sociedade tão pura, sem abandonar

o motivo, que me determina, sem renunciar o meu amor, sem mudar a minha existencia.

Não o posso dissimular, esta extrema severidade me parece injusta, e tyrannica. He verdade que sinto no meu coração huma certa veneração à esta lei, que em tudo o mais me parece tão pura, e tão sábia, porém posso eu adoptalla? e quando possa, que utilidade tirarei? Aza já me não ama! ah infeliz!..

O cruel Aza não tem conservado da candura dos nossos costumes senão o respeito pela verdade, de que elle fez tão funesto uso. Seduzido pelos encantos de huma menina Hespanhola, proximo a desposalla, consentio em vir a França, só para se desempenhar da fé, que me tinha jurado, e para não me deixar alguma dúvida a respeito dos seus sentimentos, para me dar huma liberdade, que eu detesto, e para me tirar a vida.

Sim, em vão elle pertende resti-

tituir-me a mim mesma, o meu coração lhe pertence, será seu até á morte.

Elle he senhor da minha vida; tire-ma, e ame-me. A minha desgraça vos era notoria: porque ma demonstrastes só por metade? porque razão me indicastes sómente suspeiras, que me reduzírão a ser injusta a vosso respeito? porque vos criminei? não vos accreditaria: céga, e acautelada iria encontrar o meu funesto destino, teria conduzido a sua victima á minha rival, estaria agora... oh Deos! tirai-me da idéa huma imagem tão horrivel!..

Deterville, generoso amigo! sou eu digna de que vós me escuteis? esquecei-vos da minha injustiça; compadecei-vos de huma infeliz, cuja estimação por vós excede o cégo amor, que tem por hum ingrato.

CAR-

CARTA XXXIX.

Ao Cavalheiro Deterville a Malta.

VO's me arguís, Senhor, ignorais o estado, de que me tirou o cruel cuidado de *Celina*. Como poderia eu escrever-vos? a minha alma estava privada da faculdade de pensar. Se me restava algum sentimento, era sem dúvida a confiança na vossa amizade, rodeada das sombras da morte, o sangue gelado nas vêas, ignorei por muito tempo a minha propria existencia, tinha-me esquecido até a minha infelicidade. Grande Deos! tornandome a chamar á vida, porque me recordais esta funesta lembrança?

Elle partio, não o tornarei mais a ver! fugio-me! não me ama, elle mo disse, tudo se acabou para

mim.

mim. Recebe outra esposa, abandona-me, a isto o obriga a honra: está bem! cruel Aza, já que adoptaste a fantastica honra da Europa, porque não imitas igualmente a arte, que a acompanha?

Felices Francezas, quando vos fazem huma traição, ao menos gozais por muito tempo de hum erro, que faria agora toda a minha felicidade. A dissimulação vos prepara o golpe mortal, que me fere. Oh funesta sinceridade da minha Nação, tu pódes cessar de ser huma virtude! coragem, firmeza, vós sois crime, quando a occasião o requer!

Tu me viste aos teus pés, barbaro Aza, tu os vistes banhados com as minhas lagrimas; e a tua fuga.... momento horrivel! porque razão a tua lembrança não me priva da vida?

Se as minhas forças não se extinguissem com o excesso da afflicção, Aza não triunfaria da minha fraqueza... não partirias só. Seguir-te-hia

in-

ingrato, ver-te-hia, morreria ao menos na tua presença. Ah *Detervil le* ! que fatalidade vos apartou de mim? vós me terieis soccorrido: o que não pôde effeituar a desordem da minha desesperação, o teria obtido a vossa razão efficaz em persuadir; póde ser que Aza ainda aqui estivesse. Porém já chegou a Hespanha, e ao cume dos seus votos... queixas inuteis, desesperação infructuosa... desgostos, opprimi-me.

Procurai, Senhor, vencer os obstaculos, que vos detém em Malta, para voltares a França. Que fareis? fugireis de huma desgraçada, que não se demonstra assás reconhecida aos beneficios, que lhe tem feito, que fabríca hum supplicio, e que não deseja senão a morte.

CAR-

CARTA XL.

Ao Cavalheiro Deterville a Malta.

Socegai-vos, generoso amigo; não vos quiz escrever, antes que a minha vida estivesse livre do perigo, e que, menos agitada, podesse socegar as vossas inquietações. Eu vivo, o destino assim o quer, submetto-me ás suas leis.

Os generosos cuidados da vossa amavel irmã me tem restituido a saude, alguns intervallos de razão a tem sustentado; e a certeza de que o meu mal não tem remedio, tem feito o mais. Sei que Aza chegou a Hespanha, que a sua perfidia está consummada; a minha afflicção não está extincta, porém a causa não he digna dos meus pezares; se resta algum no meu coração, pro-

procede sem dúvida das penas, que vos tenho occasionado, e do desvio da minha razão. Ai de mim! á proporção que ella me illumina, descubro a sua impossibilidade; que póde ella sobre huma alma afflicta? as excessivas afflicções reduzem-nos á fraqueza da nossa primeira idade. Assim como as crianças recebem a impressão só dos objectos, parece do mesmo modo, quando estamos afflictos, que a vista seja o unico dos nossos sentidos, que tenha huma íntima communicação com a nossa alma. Eu cruelmente o tenho experimentado.

Quando sahi do grande letargo, em que me submergio a partida de Aza, o primeiro desejo, que me inspirou a natureza, foi o retirar-me á solidão, que eu devo á vossa próvida benignidade; obtive de *Celina*, com grande difficuldade, licença de vir para este lugar, aonde acho soccorro contra a desesperação, que a sociedade, e mesmo a amizade, não me poderião fornecer.

cer. Em casa de vossa irmã, a consolação dos seus discursos não podia prevalecer sobre os objectos, que de contínuo me representavão a perfidia d'Aza.

A porta, pela qual *Celina* o conduzio ao meu quarto no dia da vossa partida, no qual elle chegou, a cadeira, em que esteve sentado, o lugar, em que me fez saber a minha desgraça, e aonde me restituio as minhas cartas, até a parede, aonde vi formar a sua sombra, a todo o momento, tudo renovava as chagas do meu coração.

Aqui não vejo cousa alguma que me não recorde as idéas agradaveis, que aqui recebi na primeira vista; só vejo a imagem da vossa amizade, e da vossa amavel irmã.

Se a lembrança d'Aza se offerece á minha memoria, vejo debaixo do mesmo aspecto, em que então o via. Creio que o espero. Prestomo a esta illusão, em quanto me agrada; se me abandona, pego em hum livro, leio com ancia; insensi-

sivelmente as novas idéas envolvem a terrivel verdade encerrada no íntimo do meu coração, e dão em fim algum allivio á minha tristeza.

Devo confessallo? o gosto da liberdade algumas vezes se apresenta á minha imaginação, e o escuto; rodeada de objectos agradaveis, acho na sua propriedade encantos, que muito me interessão, e sendo sincera comigo, fio-me muito pouco na minha razão. Condescendo com as minhas fraquezas, não combato as do meu coração, senão cedendo ás do espirito. As molestias da alma não querem remedios violentos.

A faustosa decencia da vossa Nação talvez não permitta á minha idade a independencia, e a solidão, em que vivo; ao menos *Celina* assim mo quer persuadir, todas as vezes que me vem ver; porém ella não me tem dado razões assás fortes para me convencer: a verdadeira decencia está no meu coração. Não he ao simulacro da virtude a

quem rendo homenagem, he á mesma virtude. Ella será sempre o Juiz, e a guia das minhas acções. A ella consagro a minha vida, e á amizade consagro o meu coração. Ai de mim! quando será, que, banido outro qualquer affecto, ella reine só, e invariavel.

CARTA ULTIMA.

Ao Cavalheiro Deterville a París.

RECebi, Senhor, quasi ao mesmo tempo a noticia da vossa partida de Malta, e a da vossa chegada a París. O contentamento, que terei de vos tornar a ver, não póde exceder o desgosto, que me causa o bilhete, que me escrevestes, quando chegastes.

Como he possivel, *Deterville*! que depois de teres tomado sobre vós o cuidado de dissimular a vossa

sa paixão em todas as vossas cartas, depois de me ter esperançado, que eu não teria para combater huma paixão, que me afflige, que a elle vos entregueis com muito maior violencia!

Para que he demonstrar a meu respeito huma apparente condescendencia, se a desmentis no mesmo instante? vós me pedis licença para me ver, vós me protestais huma inteira submissão á minha vontade, e não cessais de querer convencer-me dos sentimentos mais oppostos ás vossas promessas, os quaes me offendem, e que eu já mais approvarei.

Porém já que huma falsa esperança vos seduz, já que abusais da minha confiança, e do estado, a que está reduzida a minha alma, devo declarar-vos quaes são as minhas resoluções mais immudaveis do que as vossas.

Em vão me lisongeais de fazer tomar novas cadêas ao meu coração. A minha fé attrahida não me desobri-

obriga dos meus juramentos; prouvera ao Ceo que ella me fizesse esquecer do ingrato! mas quando o esquecesse, fiel a mim mesma, não serei perjura. Bem que o cruel Aza despreze agora o meu coração, que elle amou, não posso com tudo deixar de lho conservar; poderá extinguir-se a minha paixão, porém não se tornará a excitar por outro. Todos os sentimentos, que póde inspirar a amizade, vos serão consagrados sem rivalidade; delles vos sou devedora, e eu vo-lo prometto; serei fiel á minha promessa; gozareis da minha confiança, e da minha sinceridade sem limite. Todos os sentimentos mais ternos, e mais delicados, que o amor tem desenvolvido no meu coração, se transformaráõ em amizade. Eu vos deixarei ver com igual franqueza o pezar de não ter nascido em França, a minha invencivel inclinação por Aza, o desejo, que tenho de vos ser devedora do inestimavel bem de pensar sólidamente, e a minha eterna

gra-

gratidão áquelle, que ma tem procurado. Reciprocamente descobriremos os mais íntimos sentimentos das nossas almas: a confiança póde fazer, igualmente como o amor, correr deliciosamente o tempo. Ha mil modos de fazer a amizade interessante, e de lhe lançar fóra a sensaboria.

Vós me dareis alguns conhecimentos das vossas sciencias, e das vossas artes; gozareis deste modo o prazer da superioridade, e eu o terei, descobrindo no vosso coração thesouros de virtudes, que vos occulta a vossa modestia. Procurai ornar o meu espirito de tudo quanto póde contribuir para o divertimento da conversação, e gozareis o fructo da vossa obra; cuidarei de vos fazer agradaveis os ingenuos encantos da simples amizade, feliz serei! se o puder conseguir.

Celina, participando-nos a sua ternura, espalhará em a nossa conversação a alegria, que lhe poderá faltar: que mais poderemos desejar?

Em

Em vão temeis que a solidão prejudique a minha saude. Accreditai-me, *Deterville*, ella vem a ser perigosa só pela ociosidade. Sempre occupada, acharei novos prazeres em todas as cousas, que o costume faz incípidas.

Sem profundar os segredos da natureza, o simples exame das suas maravilhas não he sufficiente para variar, e renovar de contínuo occupações sempre agradaveis? he bastante a vida, para adquirir hum ligeiro conhecimento, porém interessante, do Universo, que me rodêa, e da minha propria existencia?

Este prazer de existir, este prazer esquecido, e mesmo ignorado de tantos cégos mortaes; este pensamento tão agradavel, esta felicidade tão pura, eu sou, eu vivo, eu existo, bastaria só para nos fazer felices, se se lembrasse, se se gozasse, e se se lhe conhecesse o valor.

Vinde, *Deterville*, vinde aprender comigo a economizar as dádivas

vas

vas da natureza, assim como os diversos modos de occupar a nossa alma.

Renunciai aos sentimentos tumultuosos, destruidores do nosso ser; vinde conhecer os prazeres innocentes, e duraveis, e gozallos comigo: achareis no meu coração, na minha amizade, e nos meus sentimentos, tudo o que póde indemnizar-vos dos revezes do amor.

FIM.

	Erros.	*Emendas.*
Pag. 3	dos barbaros	os barbaros
pag. 33	o seu fogo . . .	o ar e o fogo
pag. 59	que he o objecto	que era o objecto
pag. 86	*Cacique*	este *Cacique*
pag. 89	outas , ...	outras
pag. 99	em mim	para mim
pag. 103	me foi	me não foi
pag. 112	eu sua	eu na sua
pag. 121	chanã	chamão
pag. 122	dize-te	dizer-te
pag. 129	a conterem	a venderem
pag. 134	presentemente custa .	presentemente me custa
pag. 140	amaveis	amaes
pag. 141	lisongear-vos-hia	lisongear-vos-heis
pag. 142	para vos procurar .	para nos procurar
pag. 155	estais	estás
pap. 171	tem teu	teu
pag. dita	e me representa .	me representa
pag. 172	primeiras	palmeiras
pag. 199	A tua	A sua
pag. 231	suffucará	suffucara
pag. 232	ella a beijou . .	elle a beijou
pag. dito	ella tinha	elle tinha
pap. 234	de tudo	do teto
pag. 259	que a elle	que a ella